



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE (ICA)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**AMANDA NOGUEIRA DE OLIVEIRA**

**A FAMÍLIA “OS PODEROSOS E AS PODEROSAS”:  
PERCURSOS JUVENIS ENTRE O WHATSAPP E A PRAÇA**

**FORTALEZA**

**2016**

AMANDA NOGUEIRA DE OLIVEIRA

A FAMÍLIA “OS PODEROSOS E AS PODEROSAS”:  
PERCURSOS JUVENIS ENTRE O WHATSAPP E A PRAÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

O45f Oliveira, Amanda Nogueira de.  
A Família "Os Poderosos e As Poderosas" : percursos juvenis entre o WhatsApp e a Praça / Amanda Nogueira de Oliveira. – 2016.  
149 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2016.  
Orientação: Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho.

1. Sociabilidade. 2. Família. 3. Amizade. I. Título.

CDD 302.23

---

AMANDA NOGUEIRA DE OLIVEIRA

A FAMÍLIA “OS PODEROSOS E AS PODEROSAS”:  
PERCURSOS JUVENIS ENTRE O WHATSAPP E A PRAÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Inês Vitorino Sampaio  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Lobo Miranda  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gloria Maria dos Santos Diógenes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao Senhor criador do impossível, Deus.

Aos meus pais, Rita e Oliveira, à minha irmã,  
Cecília, às minhas famílias, Nogueira e  
Oliveira.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Aos meus pais, Rita e Oliveira, e à minha irmã, Cecília, que, neste período em que estive cursando o mestrado não me deixaram esmorecer, aguentando todas as rabugices, os pensamentos negativos e as vezes em que o bordão “não tenho dinheiro” apareceu.

A Alexandre Almeida Barbalho que, mais que um orientador, demonstrou ser meu porto seguro para enfrentar as adversidades em meio ao turbilhão desses dois anos de constantes aprendizados. Por cada afeto, por acreditar no meu trabalho, por construir junto e por uma série de tantas outras qualidades, admiro.

Às professoras participantes da banca examinadora, Inês Vitorino, Luciana Lobo e Glória Diógenes, três mulheres as quais admiro e mantenho grande proximidade de pensamento e atitudes. Pelo tempo presenteado e por todas as grandes contribuições que surgiram durante todo o processo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC), em nome dos professores Leonardo Sá e Glória Diógenes, que me acolheram de forma graciosa, compreenderam meu objeto de pesquisa e sugeriram lindas possibilidades. Também aos estudantes do PPGS-UFC, com os quais tive o prazer de vivenciar diversos momentos de construção e reconstrução de ideias – um agradecimento especial a eles.

Aos colegas maravilhosos da turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), às secretárias Regina Oliveira e Lidiane Vasconcelos e aos professores queridos, por cada reflexão, contribuição e crítica, especialmente a Edgard Patrício, que além de ter sido grande incentivador deste trajeto, acolheu-me enquanto estudante de estágio em docência e que considero, acima de tudo, grande amigo. Pela paciência, meu muito obrigada.

Aos especiais da Linha VIP, Soraya Madeira, Ícaro Joathan, Milena Ribeiro, Leonardo de Araújo e Thiago Mena, nos quais pude encontrar a leveza necessária para que o período dissertativo fosse o mais inspirador e menos cansativo possível.

Aos amigos e às amigas que caminharam juntos(as) comigo nesta empreitada, apoiando quando necessário, exercendo uma amizade sólida e verdadeira em momentos felizes e, especialmente, de desesperanças. Cito, em especial, Adson Pinheiro, Klycia

Fontenele, Renata Gauche, Nathalia Cardoso, Márcia Costa, Magnum Pereira, Tarciana Campos, Clarissa Diógenes, Camila Garcia e Rennata Feitosa.

Enfim, a todos e todas que fazem a família “Os Poderosos e As Poderosas” acontecer. Por todos os dias em que estive presente e nos quais me ajudaram a compreender um pouco de cada um. Por suas histórias de vida, que me fizeram acreditar ainda mais nessas juventudes que hoje temos espalhadas pelo mundo. Pela esperança de cada um em fazer com que a família aconteça. Pelas entrevistas que me inspiraram. Pelo amor com que me trataram em todos os momentos. Minha pesquisa não teria acontecido efetivamente sem vocês. E não acho que outra família teria sido tão receptiva quanto a de vocês foi. Agradeço especialmente ao Rafael, por todos os momentos em que o busquei seja no WhatsApp, seja telefonando, seja nas praças onde os encontros aconteceram. Deixo meu agradecimento especial e um pedido para que a família permaneça unida agregando cada vez mais pessoas.

“Não se deve esperar, portanto, que a inovação radical venha do centro, nem tampouco, por certo, de fora do campo. É na periferia onde devem ser procurados os sinais de ruptura”.

(César Ricardo Siqueira Bolaño)



## RESUMO

Em meio ao espaço urbano de Fortaleza (CE), diversos adolescentes e jovens constroem diferentes tipos de sociabilidades. Com o uso crescente de tecnologias móveis de informação e comunicação, especialmente o celular, novos âmbitos são criados, assim como construídas novas formas de interação. O presente texto dissertativo traz os percursos de uma pesquisa etnográfica, produzida de forma virtual e no âmbito da rua, com o objetivo de investigar, no campo da sociabilidade, como são tecidos os vínculos entre adolescentes e jovens integrantes de um grupamento autodenominado “família Os Poderosos e As Poderosas” a partir do uso que tecem do WhatsApp e das praças – localizadas na Secretaria Regional VI – do bairro da Sapiranga, onde semanalmente marcam encontros. Para tanto, a pesquisadora esteve inserida na família poderosa durante cerca de dez meses, no ano de 2015, interagindo com seus integrantes, realizando entrevistas, diários de bordo, registros fotográficos nos encontros marcados nas praças, além de sua permanência total em grupos do WhatsApp criados pela família poderosa com o intuito de organização e interação dos participantes do grupamento. Tais tipos de grupamento mantêm diretoria definida, normas de conduta e uma quantidade intensa de territórios de sentidos onde perpassam a amizade, sua caracterização como família, romances e rivalidades, sendo tais relações construídas cotidianamente a partir da convergência entre o celular e a praça como polos de encontro, lazer, afetos e, também, crises e desfazimentos de vínculos. Os percursos delineados nesta pesquisa investigaram como se dão essas relações, seus deslocamentos e rupturas. Durante todo o texto dissertativo, a autora manteve diálogo com a teoria do Ator-Rede, a partir de autores como Latour (2012) e Lemos (2014); dialogou sobre os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa, com Margulis (2009), Magnani (2012), Peirano (1995), Polivanov (2013), dentre outros autores; trouxe elementos sobre corpo e sensorialidade com Sibilia (2014), Sennett (2003) e Schutz (1979); abordou a discussão sobre sociabilidade a partir Santaella (2013) e, especialmente, Simmel (1983); retomou Simmel (2001), ao discutir sobre família, abordando o conceito de amizade com Rezende (2002); dentre outras categorias essenciais.

**Palavras-chave:** Sociabilidade. Família. Amizade.

## ABSTRACT

Amidst the urban area of Fortaleza (CE), many adolescents and youths construct different types of sociability. With the increasing use of mobile information and communication technologies, especially mobile, new areas are created as well as built new forms of interaction. This argumentative text brings the paths of ethnographic research, produced in virtual form and under the street, in order to investigate in the field of sociability, as are woven links between adolescents and young members of a self-styled grouping "family Os Poderosos e As Poderosas" from the use of WhatsApp and weaving of the Sapiranga neighborhood squares - located in the Regional Secretariat VI - where weekly meetings mark. Therefore, the researcher was inserted into the powerful family for about ten months in 2015, interacting with its members, conducting interviews, diaries edges, photographic records in the meetings scheduled in the streets, and their total stay in WhatsApp groups created by the powerful family with the organization of development and interaction of the participants of the grouping. Such groups maintain defined board, rules of conduct and an intense amount of senses territories where pervade friendship, its characterization as a family, romances and rivalries, and such relationships built daily from the convergence between the mobile and the square as poles of meeting, leisure, affection and also crises and undoings links. The routes outlined in this research investigated how these relationships occur, their shifts and breaks. Throughout the argumentative text, the author maintains dialogue with Actor-Network Theory, from authors such as Latour (2012) and Lemos (2014); dialogues on the methodological procedures used during the research, with Margulis (2009), Magnani (2012), Peirano (1995), Polivanov (2013), among other authors; brings elements of body and sensuousness with Sabilia (2014), Sennett (2003) and Schutz (1979); addresses the discussion of sociability from Santaella (2013) and especially to Simmel (1983); resumes Simmel (2001), to discuss family, addressing the concept of friendship with Rezende (2002); among other key categories.

**Keywords:** Sociability. Family. Friendship.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Panorâmica da praça do Lago Jacarey. Print de Amanda Nogueira do site Google Maps. ....                                    | 23 |
| Figura 2 - Descrição do grupo geral da família Os Poderosos e As Poderosas no WhatsApp. Print de Amanda Nogueira. ....                | 33 |
| Figura 3 - Descrição do grupo das Poderosas no WhatsApp. Print de Amanda Nogueira.....  | 33 |
| Figura 4 - Descrição do grupo da Diretoria da família Os Poderosos e As Poderosas no WhatsApp. Print de Amanda Nogueira. ....         | 33 |
| Figura 5 - Registro de um dos encontros da família poderosa na Praça do Alecrim, Regional VI. Foto de Amanda Nogueira.....            | 34 |
| Figura 6 - Registro de carro de som. A música é um dos importantes fatores de aglutinação nos encontros. Foto de Amanda Nogueira..... | 34 |
| Figura 7 - Figura printada do WhatsApp do grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.. ....                            | 49 |
| Figura 8 - Personagens do jogo "The King of Fighters". Print de Amanda Nogueira.. ....  | 49 |
| Figura 9 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                                | 50 |
| Figura 10 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                               | 50 |
| Figura 11 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                               | 50 |
| Figura 12 - Início do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.....                       | 51 |
| Figura 13 - Continuação do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                 | 51 |
| Figura 14 - Continuação do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                 | 51 |
| Figura 15 - Continuação do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                 | 51 |
| Figura 16 - Diálogo printado no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira.....  | 58 |
| Figura 17 - Início de diálogo printado no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                             | 58 |
| Figura 18 - Continuação de diálogo printado no grupo geral da família poderosa. Print de  |    |

|   |    |
|---|----|
| Amanda Nogueira.....  | 58 |
| Figura 19 - Imagem printada de início diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....  | 62 |
| Figura 20 - Imagem printada de continuação de diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                                  | 62 |
| Figura 21 - Imagem printada de continuação de diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                                  | 62 |
| Figura 22 - Imagem printada de continuação de diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                                  | 62 |
| Figura 23 - Diálogo de acolhimento da pesquisadora no grupo das poderosas. Grupo 1. Print de Amanda Nogueira. ....  | 63 |
| Figura 24 - Continuação do acolhimento da pesquisadora no grupo das poderosas. Grupo 1. Print de Amanda Nogueira. ....  | 63 |
| Figura 25 - Acolhimento da pesquisadora no grupo geral da família poderosa. Grupo 2. Print de Amanda Nogueira.. ....  | 63 |
| Figura 26 - Registro da festa de três anos das poderosas. Foto de Amanda Nogueira. ....   | 64 |
| Figura 27 - Registro da festa de três anos das poderosas. Foto de Amanda Nogueira. ....   | 64 |
| Figura 28 - Registro da quantidade de diálogos nos grupos da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.....  | 65 |
| Figura 29 - Início de diálogo no grupo da diretoria. Print de Amanda Nogueira.....  | 68 |
| Figura 30 - Continuação de diálogo no grupo da diretoria. Print de Amanda Nogueira. ....  | 68 |
| Figura 31 - Registro fotográfico de encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos. Print de Amanda Nogueira. ....                   | 71 |
| Figura 32 - Registro fotográfico de encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos. Foto de Amanda Nogueira.....                     | 71 |
| Figura 33 - Registro fotográfico de batida policial em encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos. Foto de Amanda Nogueira. .... | 72 |
| Figura 34 - Registro fotográfico de batida policial em encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos. Foto de Amanda Nogueira. .... | 72 |
| Figura 35 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....  | 74 |
| Figura 36 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....   | 74 |
| Figura 37 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda  |    |

|   |     |
|---|-----|
| Nogueira. ....  | 74  |
| Figura 38 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....   | 74  |
| Figura 39 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....   | 74  |
| Figura 40 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....   | 74  |
| Figura 41 - Registro dos presentes para o dia das crianças. Print de Amanda Nogueira. ....  | 76  |
| Figura 42 - Registro dos presentes para o dia das crianças. Foto de Amanda Nogueira. ....   | 76  |
| Figura 43 - Início de diálogo printado no grupo da diretoria. Print de Amanda Nogueira. ....  | 78  |
| Figura 44 - Continuação de diálogo printado no grupo da diretoria. Print de Amanda Nogueira. ....   | 78  |
| Figura 45 - Continuação de diálogo printado no grupo da diretoria. Print de Amanda Nogueira. ....   | 78  |
| Figura 46 - Registro da camisa das poderosas (frente). Foto de Amanda Nogueira. ....  | 80  |
| Figura 47 - Registro da camisa das poderosas (verso). Foto de Amanda Nogueira. ....   | 80  |
| Figura 48 - Registro do padrão da família poderosa elaborando com designer uma das safras de camisas da família poderosa. Foto de Amanda Nogueira. .... | 81  |
| Figura 49 - Registro de faixa na praça do Conjunto Alvorada. Foto de Amanda Nogueira. ....  | 83  |
| Figura 50 - Registro de faixa na praça do Conjunto Alvorada. Foto de Amanda Nogueira. ....  | 83  |
| Figura 51 - Imagem printada de perfil no Facebook de Rafael, dono da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....                                   | 85  |
| Figura 52 - Divulgação de encontro no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ....   | 85  |
| Figura 53 - Continuação da divulgação de encontro no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ....  | 85  |
| Figura 54 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....  | 85  |
| Figura 55 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....   | 85  |
| Figura 56 - Diálogo no grupo da diretoria. Print de Amanda Nogueira. ....   | 85  |
| Figura 57 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ....  | 101 |
| Figura 58 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ....   | 101 |
| Figura 59 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ....   | 101 |
| Figura 60 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ....   | 101 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 61 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ...              | 101 |
| Figura 62 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ...              | 101 |
| Figura 63 - Diálogo em formato privado com integrante da família. Print de Amanda Nogueira. ....      | 103 |
| Figura 64 - Diálogo em formato privado com integrante da família. Print de Amanda Nogueira. ....      | 103 |
| Figura 65 - Início de diálogo no grupo da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.....             | 103 |
| Figura 66 - Continuação de diálogo no grupo da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....       | 103 |
| Figura 67 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 1. Print de Amanda Nogueira. ....         | 107 |
| Figura 68 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 1. Print de Amanda Nogueira. ....    | 107 |
| Figura 69 - Diálogo no grupo geral da família poderosa. Grupo 2. Print de Amanda Nogueira. ....       | 107 |
| Figura 70 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira.....                   | 109 |
| Figura 71 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira. ...              | 109 |
| Figura 72 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....      | 110 |
| Figura 73 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. .... | 110 |
| Figura 74 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. ....      | 111 |
| Figura 75 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira. .... | 111 |
| Figura 76 - Diálogo no grupo geral da família poderosa. Grupo 1. Print de Amanda Nogueira. ....       | 113 |
| Figura 77 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 2. Print de Amanda Nogueira. ....         | 113 |
| Figura 78 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 2. Print de Amanda Nogueira. ....    | 113 |
| Figura 79 - Flyer de divulgação da Passeata da Paz. Print de Amanda Nogueira. ....                    | 117 |
| Figura 80 - Flyer de divulgação da Passeata da Paz. Print de Amanda Nogueira.....                     | 117 |
| Figura 81 - Início de divulgação da Passeata da Paz no grupo das poderosas. Print de Amanda           |     |

|   |     |
|---|-----|
| Nogueira..  | 117 |
| Figura 82 - Continuação de divulgação da Passeata da Paz no grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira.  | 117 |
| Figura 83 - Registro fotográfico da Passeata da Paz. Foto de Amanda Nogueira.   | 120 |
| Figura 84 - Registro fotográfico da Passeata da Paz. Foto de Amanda Nogueira.   | 120 |
| Figura 85 - Registro fotográfico da Passeata da Paz. Foto de Amanda Nogueira.   | 120 |
| Figura 86 - Determinado momento de remoção em um grupo. Print de Amanda Nogueira.   | 125 |
| Figura 87 - Determinado momento de remoção em outro grupo. Print de Amanda Nogueira.  | 125 |
| Figura 88 - Início de diálogo, no grupo da diretoria, em que Rafael justifica a remoção da pesquisadora do grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.       | 125 |
| Figura 89 - Continuação de diálogo, no grupo da diretoria, em que Rafael justifica a remoção da pesquisadora do grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 125 |
| Figura 90 - Diálogo no grupo da diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 125 |
| Figura 91 - Início de imagens compartilhadas no grupo da diretoria da família poderosa. ...   | 126 |
| Figura 92 - Continuação de imagens compartilhadas no grupo da diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 126 |
| Figura 93 - Continuação de imagens compartilhadas no grupo da diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 126 |
| Figura 94 - Diálogo no grupo da diretoria da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 128 |
| Figura 95 - Início de imagens printadas contendo diálogo entre Rafael, patrão da família poderosa, e um dos patrões de outra família aliada. Print de Amanda Nogueira.      | 128 |
| Figura 96 - Continuação de imagens printadas contendo diálogo entre Rafael, patrão da família poderosa, e um dos patrões de outra família aliada.                           | 128 |
| Figura 97 - Continuação de imagens printadas contendo diálogo entre Rafael, patrão da família poderosa, e um dos patrões de outra família aliada. Print de Amanda Nogueira. | 128 |
| Figura 98 - Início de remoção de vários componentes do grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.   | 129 |
| Figura 99 - Continuação de remoção de vários componentes do grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 129 |
| Figura 100 - Imagem printada em grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.  | 130 |
| Figura 101 - Imagem printada do grupo das poderosas. Print de Amanda Nogueira.  | 134 |
| Figura 102 - Flyer de divulgação de festa. Print de Amanda Nogueira.  | 136 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 103 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda Nogueira.<br>.....     | 137 |
| Figura 104 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda<br>Nogueira. .... | 137 |
| Figura 105 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda<br>Nogueira. .... | 137 |
| Figura 106 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa. Print de Amanda<br>Nogueira. .... | 137 |



## SUMÁRIO

|          |   |            |
|----------|---|------------|
| <b>1</b> | <b>PARA PUXAR O TREM .....</b>                        | <b>16</b>  |
| <b>2</b> | <b>ENTRE REDES E NÓS .....</b>                        | <b>19</b>  |
| 2.1      | (Re)conhecendo o campo.....                           | 19         |
| 2.2      | Etnografia: por entre presenças e virtualidades ..... | 23         |
| 2.3      | A ética na pesquisa.....                              | 31         |
| <b>3</b> | <b>POR DENTRO DA FAMÍLIA .....</b>                    | <b>37</b>  |
| 3.1      | Comunicação poderosa .....                            | 37         |
| 3.2      | A família “Os Poderosos e As Poderosas” .....         | 46         |
| 3.3      | Da praça para o WhatsApp: onde tudo começou .....     | 56         |
| 3.4      | Diretoria, alianças e as formas de organização .....  | 66         |
| 3.5      | Camisas, faixas e adereços.....                       | 79         |
| 3.6      | O fluxo dos encontros .....                           | 84         |
| <b>4</b> | <b>TERRITÓRIOS DE SENTIDOS.....</b>                   | <b>90</b>  |
| 4.1      | Travessias intersticiais .....                        | 90         |
| 4.2      | Para conviver com o outro .....                       | 96         |
| 4.3      | Em meio à oralidade transcrita .....                  | 105        |
| 4.4      | Reféns do Wi-Fi .....                                 | 112        |
| 4.5      | Ao ser removida [ou como aprendi a não ser] .....     | 123        |
| 4.6      | Corpo e música: por mais diálogos de gênero .....     | 129        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                     | <b>139</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>               | <b>143</b> |

## 1 PARA PUXAR O TREM<sup>1</sup>

Intitulo meu texto introdutório com uma das expressões com a qual convivi bastante durante todo o meu processo de pesquisa. São diversos termos, formas de relacionamento, de compartilhamento de informações, dentre outras experiências que marcaram meu olhar, meu corpo e meus sentidos durante todo esse período. Apreciar e participar de relações criadas ou também sustentadas a partir de tecnologias móveis têm me feito compreender um mundo novo de sociabilidades, inspirando-me a mudanças em minha própria relação com a cidade e com as pessoas ao meu redor e, por que não dizer, comigo mesma enquanto ser que também se relaciona, constrói sociabilidades e interage a partir dessas tecnologias.

O processo de construção de meu objeto de pesquisa começou antes de 2004, quando refleti sobre qual graduação cursar. Sou de uma geração de crianças que praticamente cresceu com a televisão como babá, e, na década de 1990, ainda criança, descobri o computador e a internet como ferramentas lúdicas. Quando adolescente, a internet passou a se configurar na minha vida como um novo ambiente de sociabilidade, seja entre completamente desconhecidos, seja com colegas e amigos, seja como uma extensão da sala de aula. Ao refazer trilhas e teias, percebi marcos que me fizeram refletir acerca do que gostaria de estudar.

De início, destaco que o objetivo dessa pesquisa foi o de investigar, no campo da sociabilidade, como são tecidos os vínculos entre adolescentes e jovens integrantes de um grupamento autodenominado “família Os Poderosos e As Poderosas”<sup>2</sup> a partir do uso que tecem do WhatsApp e da praça. Nesse sentido, o diálogo é construído a partir da convergência entre o uso que fazem de tecnologias de comunicação e informação, mais especificamente o celular, e das praças como polos de encontro, lazer, afetos e, também, crises e desfazimentos de vínculos. A proposta é investigar como se dão essas relações, seus deslocamentos e rupturas a partir do uso do celular como plataforma.

Durante cerca de dez meses, utilizei como procedimento metodológico a etnografia, entrando em campo, estabelecendo diários, realizando entrevistas, conhecendo

---

<sup>1</sup> Gíria utilizada por alguns dos adolescentes na Praça do Lago Jacarey, que significa “siga em frente”.

<sup>2</sup> Correntemente durante o texto, além do próprio nome da família, que se autointitula “Os Poderosos e As Poderosas”, utilizarei diferentes nomenclaturas tanto para o grupamento em si, tal como família poderosa, como para seus componentes, os quais referenciarei também como poderosos ou poderosas. A família a qual introduzo não leva em consideração aspectos consanguíneos. São adolescentes e jovens que, reunidos, formaram um grupo e o denominaram como tal. Assim como em famílias há também equipes, mais à frente dialogarei mais sobre essas denominações e nomenclaturas. Tal fenômeno tem sido observado pela pesquisadora como recorrente nas periferias de Fortaleza.

histórias de vida, registrando momentos em fotografia e vídeo em algumas praças da Regional VI, em Fortaleza (CE), a “praça do Impredi”, denominada assim por esses adolescentes e jovens, e a praça do Alecrim. Vez ou outra também os acompanhava na praça do Conjunto Alvorada, também presente nesta Regional, no âmbito do bairro Sapiranga, de acordo com a demanda de encontros e da localização para satisfazê-los, gerada pelo próprio grupamento.

A etnografia não se esgotou nas praças. Era constantemente utilizada também como procedimento metodológico virtual, enquanto eu acompanhava os diálogos tecidos no ambiente do WhatsApp, aplicativo de celular em grande profusão por entre os membros da família poderosa. Fui inserida nos grupos de WhatsApp ainda no começo de 2015 e, a partir de lá, realizei uma série de fotografias, também denominadas *prints*, das conversas que os jovens construía de forma pública nesses espaços agregativos.

Permaneci constantemente em fluxo com as periferias urbanas, no bairro da Sapiranga, especialmente no Conjunto Alvorada, também localizado na Regional VI. Mesmo assim, ainda que compreendendo que tais espaços são âmbitos de construção de relações e sentidos, tentei não direcionar tanto meu olhar para o entendimento de que as periferias são determinantes nessas relações construídas. A perspectiva é de que tanto a cidade como os espaços de sociabilidade gerados pelas tecnologias de informação e comunicação constituem-se de fluxos, não da justaposição entre espaços, mas do que provoca seu híbrido.

Aos poucos, o leitor ou a leitora compreenderá por quais dúvidas e questionamentos deixei-me extravasar nesse percurso de pesquisa. Foi justamente após reconhecer com quais adolescentes e jovens começaria a dialogar que passei a me questionar acerca de sua atuação em meio urbano e, principalmente, a partir do uso do celular, quais seriam suas formas de encontro, seus pensamentos, os sentidos construídos.

Logo no segundo capítulo, dialogo justamente sobre minha entrada em campo e sobre os procedimentos de pesquisa elencados para nortear meus caminhos e discussões durante o processo. Apresento ligeiramente dados sobre a localização da família e minhas formas criadas para conseguir interagir com seus componentes. Como base para essa discussão, utilizo autores como Margulis (2009), Magnani (2012), Sennett (2003), Latour (2012), Lemos (2014), Peirano (1995), Revel (1998), dentre outros.

No terceiro capítulo, direciono o olhar do leitor efetivamente para a “família Os Poderosos e As Poderosas”, apresentando-a, explicando suas formas de organização, quais as funções na diretoria do grupamento, apresentando suas formas de identificação, tais como camisas, faixas e adereços, explicando ainda como se dá o fluxo dos encontros nas praças da Sapiranga. A partir disso, apresento uma breve discussão teórica acerca da comunicação na

contemporaneidade, principalmente mediada por tecnologias móveis, colocando no centro da discussão o uso do celular como plataforma de encontro, assim como a amizade no campo das sociabilidades, aproximando este trabalho mais à Sociologia que à Filosofia quando da discussão afetiva e das emoções. Trago para o diálogo diversos elementos de pesquisa, tais como excertos de diários de campo, entrevistas, imagens fotografadas de conversas no WhatsApp, assim como um extenso diálogo advindo de reflexões acerca de meu relacionamento com o campo em relação às discussões acerca da comunicação e das tecnologias como mediadoras nesse processo de interação. Para isso, dialogo com os autores Sibilia (2015), Simmel (1983), Santaella (2013), Schutz (1979), Barbalho (2013), Campos (2010), Yúdice (2006), Becker (2009), Rezende (2002), dentre outros tantos.

Para o quarto capítulo, transcendo o uso das tecnologias e da praça, compreendendo as relações tecidas inseridas em territórios de sentidos, construídos pelos integrantes do grupamento. Exponho, neste aspecto, como se dão as travessias intersticiais na construção das sociabilidades de tais atores e atrizes sociais, exponho suas formas de convivência, elementos de oralidade transcrita promovidos entre eles, o impacto das conexões 3G e Wi-Fi nas relações que estabelecem e o diálogo a partir de questões de gênero, apresentadas especialmente no campo da praça onde se davam os encontros, nas músicas e danças apresentadas vez por outra. Para este capítulo, dialogo com diversos autores, dentre eles Deleuze (1988), Santos (2006), Foucault (2013), Spink e Medrado (2013), Janotti Jr. (2005), Braga (2011), Bhabha (1998), Almeida e Eugenio (2006), Canclini (2006) e De Lauretis (1994).

Aproximo-me com a ideia de que as mídias, especialmente o celular, estão para além do que se configuraria como algo externo ao ser humano, não podendo ser consideradas apenas extensões humanas. Para a pesquisa, utilizo a Teoria Ator-Rede (LATOURETIS, 2012) e, a partir dela, exponho que a mídia, na verdade, é uma parte da rede que constitui os seres humanos. Mais que isso, o ator é rede e vice-versa, sendo os dois mediadores em uma associação (LATOURETIS, 2012).

Conforme Latour (2012), o social não é uma propriedade segura, simples e exclusiva de comportamentos ou um objeto particular, mas sim um âmbito heterogêneo de reassociações e reagregações (LATOURETIS, 2012). A família “Os Poderosos e As Poderosas” entra nessa discussão como essa porção heterogênea de relações e não como grupos formados, desenhados e estruturados pelo social. Os grupamentos são uma constante mutação onde não cabe, como veremos, serem transformados em grupos fechados ou considerados dessa forma.

## 2 ENTRE REDES E NÓS

Para este capítulo inicial, apresento de forma esmiuçada as problematizações introdutórias, os procedimentos metodológicos utilizados durante toda a pesquisa e alguns dos questionamentos-chave com os quais me deparei no trajeto de diálogo sobre a “família Os Poderosos e As Poderosas”.

Atento para a necessidade de destacar, logo nessa pequena introdução ao capítulo, que durante cerca de dez meses estive envolvida pelo procedimento etnográfico, atravessado por seu formato virtual, por entre esses atores e atrizes sociais, intermediada pelos pensamentos de Latour (2012), Diógenes (2013), Da Silveira (2011), Campos (2009), Barbalho (2013), Magnani (2012), Hine (2004), dentre outros de tão grande importância.

Teço considerações acerca das “redes dobradas” de significados geradas como espaço de confluência entre ambientes comunicacionais. Diálogo sobre a Teoria do Ator-Rede – com a qual essa pesquisa mantém forte proximidade –, esclareço os critérios éticos a partir dos quais este percurso de conhecimento e reconhecimento do outro se delineou, assim como faço uma breve introdução à família – termo que será amplamente discutido durante esse texto – com a qual mantive contato.

Cada ator e atriz social que passou por mim deixando rastros de intensidade foi basilar para tudo o que escrevo inicialmente neste capítulo. E nada do que escrevi deixou de fora as trajetórias de autoconhecimento com as quais também me vi envolvida.

### 2.1 (Re)conhecendo o campo

Para começar a traçar um percurso, principalmente quando se tem em mente o objetivo de percorrer longas viagens, prevê-se que o viajante minimamente organize um roteiro para a sua jornada. Esse roteiro inicial auxiliará o desbravador de novos caminhos a identificar, de forma antecipada, que tipos de adversidades sua viagem poderá acarretar, assim como toda a beleza e suntuosidade que serão visualizadas e sentidas por ele durante o processo de conhecimento desse novo lugar ou lugares.

No entanto, mesmo que o viajante consiga prever pontos positivos, e até contendas, de forma antecipada, o percurso não será igual ao idealizado. Os fluxos das grandes e pequenas viagens são intensos, cheios de descobertas e redescobertas. Além dos novos olhares com os quais esse viajante passa a se deparar e a gerar, ele também retorna diferente, um novo ser acaba por surgir, com um novo corpo, novos sentidos, novas

sensações.

É também de praxe, para todo viajante, escolher como guardar as particularidades das viagens vindouras. Existem muitas formas de registro: as que seguramente permanecerão de forma duradoura, para que os registros sejam compartilhados com quem quer que seja durante um longo período; e aquelas que não são tão duradouras assim, mas também contam com uma importância essencial na maneira como são produzidas.

Há ainda outros viajantes que optam por permanecer com seus registros apenas em sua memória, como uma espécie de lembrança eterna, mesmo que vaga, durante tempo indeterminado, mas somente guardado para si. As formas de registro dependem diretamente, também, da vontade de compartilhar ou não olhares, desejos e sensações.

A intensidade do estar em cena – quando são descobertos novos caminhos e paragens –, a intensidade do corpo – que experimenta novas sensações –, a busca incessante por entender mais sobre uma determinada cultura, os cheiros e sabores de novas comidas e aromas são apenas alguns dos ingredientes básicos que toda viagem traz como resultado. Esse contato fluido, e às vezes controverso, traz consigo novos aprendizados, reconfigurando assim nosso olhar perante o mundo.

Este primeiro momento do texto traduz de forma apaixonada, e até certo ponto ingênua, um momento de grande busca, autoconhecimento e criação de expectativas: a busca pela metodologia dita perfeita perante o objeto também perfeito. Aqui a busca pela perfeição é usada de forma irônica. Importante reconhecer, principalmente neste percurso inicial, que a ideia de perfeição quanto ao objeto e à metodologia escolhida, e até mesmo a uma viagem maravilhosa, é necessariamente descartável. O mínimo que se requer são aprendizados em um processo contínuo de investigação. Talvez até estabelecer modelos para traçar percursos possa se tornar um grande equívoco. Ou, quem sabe, o melhor seja experimentar, em um primeiro momento, o sabor do começo de um grande percurso para, aí sim, entender como desbravá-lo e senti-lo.

Reflitamos sobre o fato de que a experiência do pesquisador é como um mecanismo de tradução em que, a partir dela, será possível para ele conseguir visualizar seu objeto, começando a compreendê-lo e compartilhá-lo. Começar porque, na verdade, os fluxos de conhecimento são contínuos e não há uma finalização real de uma pesquisa ou um trajeto. Os pensamentos, as sensações e os resultados continuam evidenciando a pesquisa como um ato eternamente em processo. Para que minimamente consigamos entender pelo menos uma parte desse processo, faz-se necessário estipular certos roteiros de investigação.

É nesse sentido que, para a pesquisa em questão, em que nos vimos envolvidos a

atores e atrizes sociais que fazem da cidade, da rua e, mais especificamente, dos meios digitais, plataformas intensas de encontro, perguntávamo-nos constantemente como seria traduzir essas interações mediadas por tecnologias móveis de forma que conseguíssemos levantar os dados necessários para fomentar a nossa discussão principal.

Desde já, reforço que a proposta deste trabalho é compreender, no campo da sociabilidade, como são tecidas as conexões sociais geradas por um grupamento específico: a “família Os Poderosos e As Poderosas”. A proposta é perceber a construção dessas conexões em um espaço inserido entre-dois: o uso que esse grupamento faz do celular a partir do WhatsApp e a praça onde acontecem seus encontros semanais. Para isso, usa-se como ambiente essencial de diálogo a “dobra” tecida entre esses dois ambientes.

Retomando o diálogo sobre as “redes dobradas”, a partir das quais também iremos dialogar sobre a “família”, é denominação utilizada por Diógenes (2013), Da Silveira (2011) e Campos (2009) a partir da interface entre o inscrito no muro (grafite e/ou picho) e os dispositivos tecnomidiáticos, campos de pesquisa nos quais tais pesquisadores estão inseridos.

Tais dobras são ambientes multiplicados, tecidos como redes paralelas e porosas, onde há uma intensa troca elas. O muro é relocalizado e reinventado nas malhas virtuais ao mesmo tempo em que não deixa de existir em sua porção física. Assim como a experiência da inscrição no muro, as formas de sociabilidade podem constituir e fazer parte de possíveis “redes dobradas” também nessa interface com os ambientes tecnomidiáticos. Nesse sentido, pensamos em dialogar com essa perspectiva a fim de apresentar as relações construídas entre os integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” tecidas pelo uso do WhatsApp e a praça.

O WhatsApp é um aplicativo utilizado essencialmente a partir do celular. Tendo em vista essa tecnologia como uma plataforma móvel de comunicação, relações e afetos – uma espécie de micropolítica cotidiana –, ações diversas acontecem no âmbito do uso desse aparelho pelo atores e atrizes sociais com o quais lidamos durante toda essa pesquisa. Micropolítica essa “[...] da ordem das intensidades invisíveis, onde não vigoram escolhas entre polos excludentes, mas os agenciamentos em processos de subjetivações relacionados com o mundo” (BARBALHO, 2013, p. 37).

São intensidades invisíveis que dialogam também com pertencimentos visíveis. Aliás, há um “sentido de pertencimento”, no que estabelece Santaella (2013), inequívoco dos participantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” quando dialogam em meio ao aplicativo. Para Santaella, esse sentido é gerado a partir de um engajamento dos que

permanecem em contato, sendo que a liberdade de escolha na permanência ou não desses membros em seus grupos de interesse é fator preponderante para o pertencimento gerado.

Nesse aspecto, de antemão, exponho que a discussão acerca da concepção de família, citada como referência ao grupamento pesquisado, não leva em consideração os conceitos de consanguinidade e laços parentais. Esta nomenclatura é uma autodenominação do grupamento analisado e, tanto ele como vários outros que existem na mesma localidade, tecem vínculos de diferentes naturezas. No entanto, é comum a utilização desse termo entre seus participantes, enquanto componentes do grupamento, no sentido em que são concebidos, como forma de reconhecimento de si e do outro, a partir de um sentido de pertencimento maleável e fluido (LATOURE, 2012; SANTAELLA, 2013), pois a nomenclatura “família” está mais próxima aos conceitos de amizade, ajuda mútua e solidariedade, termos amplamente discutidos na Filosofia, na Psicologia e na Antropologia (DE SOUZA; GAUER, 2012).

Conheci essa “família” logo no começo de 2015, em meu exercício costumeiro de andar pela cidade e principalmente pelas ruas da Regional VI, onde moro e habito. Observei nas calçadas da praça do Lago Jacarey – inserida logo abaixo desse parágrafo – uma movimentação diferente de tudo o que já tinha visto até então. Causou-me espanto e certa estranheza o fato de tantos adolescentes e jovens, em plena sexta-feira à noite, por volta de dez horas, estarem reunidos em um espaço como aquele.

Figura 1 - Panorâmica da praça do Lago Jacarey retirada do *site Google Maps*



Fonte: Print de Amanda Nogueira do Google Maps.

Tal espanto se dá pelo fato de que aquele ambiente, o qual frequentei regularmente durante um bom tempo entre os anos de 2012 e 2013, era geralmente utilizado



pelos transeuntes para realizarem corridas esporádicas; por famílias com o intuito de passearem com crianças, adolescentes e animais domésticos; ou mesmo para utilizarem o espaço como ponto de encontro, passagem, permanência e comércio.

No começo de 2015, no caso, observei que a praça, como ponto de encontro de adolescentes e jovens, moradores de variados locais de Fortaleza, foi transformada em um espaço também deles, todas as sextas-feiras. Durante a semana, a praça é tomada por diversos públicos, absorvendo as mais variadas práticas. No entanto, às sextas, adolescentes e jovens dos mais diversos locais de Fortaleza marcam encontros por aplicativos de redes sociais<sup>3</sup>, pelo celular, para se conhecerem, compartilharem esse momento, para se reencontrarem, mostrarem uma música nova, para dançarem, compartilharem afetos, amores, desfrutarem novas relações amorosas, para utilizarem o espaço como ambiente de dança e escuta de música, dentre outras ações.

Dialogar com esses adolescentes e jovens e estabelecer uma relação inicial não foi das tarefas mais fáceis. Já com a perspectiva da metodologia de campo com a qual estava disposta a trabalhar, e sobre a qual detalharei mais à frente, percebi que “o contato com o estranho supõe o manejo de determinados códigos que garantem, de um lado, a devida distância diante de alguém que não se conhece e, de outro, a necessária proximidade para estabelecer alguma relação e realizar a troca” (MAGNANI, 2012, p. 319). Essas trocas acontecem tanto nos encontros marcados e estabelecidos nas praças de Fortaleza como por meio da minha participação em grupos criados no aplicativo de redes sociais WhatsApp.<sup>4</sup>

## **2.2 Etnografia: por entre presenças e virtualidades**

No processo de escolha do procedimento metodológico com o qual trabalhamos durante toda a pesquisa, observamos a necessidade de migrar nosso olhar para técnicas e ferramentas em outras esferas de saber que não apenas a Comunicação. Em um primeiro momento, ainda como projeto inicial apresentado para a seleção do mestrado, era objetivo desta pesquisa enveredar pelos rumos da observação participante, estabelecendo laços com adolescentes e jovens em determinadas escolas municipais, a fim de entender suas sociabilidades geradas por meio de celulares nestes espaços de participação social, ou mesmo

---

<sup>3</sup> Não somente o WhatsApp, mas também o Facebook Messenger, ligado ao Facebook com o intuito de facilitar o diálogo entre os seus usuários via celular com conexão móvel e acesso à internet.

<sup>4</sup> Aplicativo de celular utilizado como ambiente de comunicação bidirecional, entre duas pessoas em ambiente caracterizado como privado, e multidirecional, entre três ou mais pessoas, caracterizado como grupo, mantendo a internet como rede-base para sua utilização.

em outros ambientes que também possibilitassem a manutenção dessa interação.

A partir do deslocamento do olhar da pesquisa para a praça, para os grupos que se relacionam em meio urbano, houve também uma mudança de olhar quanto ao procedimento metodológico pretendido. A etnografia como método para essa pesquisa surge em meio à possibilidade de acompanhar este grupo autodenominado “família”. Como o campo se constituiu também do ciberespaço, pois partimos do pressuposto de que a internet propicia a geração de diferentes grupamentos e práticas sociais (POLIVANOV, 2013), recorreremos a uma forma específica de etnografia, a etnografia virtual ou a netnografia. Esta caracteriza-se como uma forma de aproximação e diálogo com o campo a partir do rastro de diferentes atores e atrizes sociais que o constroem, com a diferença de que esse campo e esses rastros se dão nos ambientes de interação presentes na internet. A netnografia, portanto, é um procedimento metodológico que se propõe a investigar interações mediadas e multissituadas a partir da completa inserção do pesquisador nos espaços que a internet proporciona (HINE, 2004).

Por sua vez, como o ciberespaço não é um ambiente dissociado das relações que são estabelecidas face a face, cabe citar Rifiotis (2010) quando este afirma que sempre é possível combinar as duas esferas de atuação (pesquisas on-line e off-line), devendo ser pensadas como estratégias solidárias, sendo que em algumas pesquisas, com esta, o on-line e o off-line somam-se e existem praticamente um em função do outro como “redes dobradas”, para retomar a noção referida anteriormente.

A partir dessa perspectiva, vi-me instigada a participar ativamente da “família” com a qual passei a me relacionar e a perceber todas as suas nuances e seus aspectos. Porém, permanecia a necessidade da seleção das ferramentas metodológicas que dessem a possibilidade ao trabalho para que todos os dados fossem registrados e reunidos, a fim de que o menos possível ficasse de fora dessa seleção de informações. De toda forma, estava claro que o WhatsApp participaria ativamente como espaço de trocas e negociações.

O WhatsApp é um ambiente comunicacional onde uma grande e diversa quantidade de pessoas interage mundialmente, seja a partir de conversas privadas – em que apenas duas pessoas dialogam – ou em grupo – de até cem pessoas cada<sup>5</sup>. É essencialmente o celular a plataforma utilizada para a conexão via WhatsApp, sendo que hoje o aplicativo fornece a possibilidade de sua utilização também por computador conectado à internet. De qualquer forma, todos que mantenham números em operadoras de telefonia móvel podem ter

---

<sup>5</sup> Durante o período em que permaneci em pesquisa de campo, o aplicativo ainda limitava o número de pessoas por grupo em até cem pessoas. Isso mudou a partir de dezembro de 2015, quando esse número foi ampliado, pelo próprio aplicativo, para até 256 participantes. Isso auxiliou, posteriormente, o grupamento a inserir ainda mais pessoas no espaço. O que fez com que as restrições antes existentes fossem resignificadas.

acesso ao WhatsApp apenas instalando o aplicativo e realizando o cadastro. Para isso, além do número e da instalação do aplicativo, é necessário que o sistema operacional do celular comporte o WhatsApp.

Para o uso desse aplicativo, é necessário também que o celular em questão tenha acesso à internet, seja via 3G, 4G ou Wi-Fi. No caso da internet, assim como explicita Hine (2004), “[...] el estatus de la Red como forma de comunicación, como objeto dentro de la vida de las personas y como lugar de establecimiento de comunidades, pervive a través de los usos, interpretados y reinterpretados, que se hacen de ella” (p. 80), sendo este um perfil das pesquisas em Comunicação e, especialmente, desta pesquisa.

Devido ao caráter atual de pesquisas que hoje já têm utilizado a etnografia como procedimento metodológico também em ambientes comunicacionais digitais, reforço a ideia de que os pesquisadores tenham em mente que os bons textos etnográficos sempre foram experimentos (PEIRANO, 1995). E, no caso da pesquisa em questão, poderíamos também pensá-la como um experimento e uma possibilidade em meio às pesquisas em Comunicação.

Algo que também justifica essa possibilidade de trabalharmos com a etnografia como procedimento para pesquisas em diferentes ambientes comunicacionais é o caráter transformador das sociedades nas quais estamos inseridos. De tempos em tempos, lidamos com novas gerações que utilizam, de formas diferenciadas, tanto os espaços públicos – incluindo praças, ruas, calçadas, dentre outras – como as próprias tecnologias, e, ainda mais, as de informação e comunicação, sendo que o espaço público

[...] não somente se configura a partir da dimensão da política, do institucionalizado, do regulatório, da organização institucional da política, mas também do político, do ainda ‘laboratorial’, do espaço onde antagonismos passam a emergir, do espaço onde a emergência, a interação e a expressão de atores coletivos são primordiais (PRADO, 2006, p. 195).

Nesse sentido, a pluralidade dos espaços públicos enquanto locais de antagonismos também pode ser observada quando levamos em consideração a forma como esses espaços são tomados coletivamente e individualmente como ondas de transformação e ambientes de fortes trocas. Isso dialoga com o que atualmente temos visto quanto à convergência entre ambientes comunicacionais, o que reforça a ideia de Margulis (2009) quando aborda que “[...] partes de la ciudad son decodificadas de modo diferente por las varias generaciones, que les otorgan distinto uso o bien las perciben y vivencian de manera nueva, porque cada nueva generación se socializa con nuevas pautas de percepción y apreciación” (p. 91). Cabe também à pesquisa etnográfica a possibilidade de se transformar

em suporte para o diálogo acerca dessas transformações.

Como uma das ações de praxe que lidamos no processo de pesquisa etnográfica, temos a inserção do pesquisador em meio ao grupamento social acompanhando, participando e estabelecendo vínculos. Outra ação comum que também delinea a prática da etnografia é o registro dos dados e implicações, tanto da relação em grupo como da relação do pesquisador com o coletivo, em notas de campo e/ou diários estruturados. São os etnógrafos que encaram a fundo a missão de acompanhar e permanecerem próximos das atividades e experiências cotidianas de pessoas outras (EMERSON; FRETZ; SHAW, 2013). Isso se dá cotidianamente e de forma ininterrupta.

Na etnografia, vê-se o quanto o pesquisador é parte inextrincável na compreensão dos sentidos e das ações dos atores e atrizes sociais, estabelecidos como interlocutores essenciais da pesquisa. É o etnógrafo que, muitas vezes, deixa outras esferas de vida para segundo plano, estabelecendo-se totalmente em campo. Nas Ciências da Comunicação, ao utilizar este tipo de metodologia, percebe-se também essa intencionalidade.

Esse processo de imersão é indispensável à etnografia, tanto pela necessidade que esse tipo de procedimento provoca – a fim de que uma gama de informações acerca do coletivo ou dos coletivos acompanhados seja levantada – quanto pela fluidez essencial para que o pesquisador nutra seu olhar de sensibilidade, com o objetivo de compreender todos os processos e interações gerados.

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia (CLIFFORD, 2002, p. 43).

Assim como Clifford (2002) destaca a etnografia como uma espécie de negociação contínua e não como uma interpretação de outra realidade, é de se esperar que este procedimento metodológico também seja uma opção interessante para as pesquisas em Comunicação, principalmente por seu caráter dialógico.

As pesquisas etnográficas, de fato, têm como uma de suas características mais fortes a presença de um caráter dialógico no campo. Não há como, em pesquisas do tipo, o pesquisador se encaixar como um boneco de cera, ou mesmo como “uma mosca na parede” (EMERSON; FRETZ; SHAW, 2013, p. 358), paralisado em meio ao turbilhão de acontecimentos, comportando-se apenas como observador. Ao que tenho visto, a condição de etnógrafo é geralmente o contrário desse caráter inerte. Desde o primeiro momento, o

pesquisador está presente, engajando-se na vida, nas alegrias cotidianas, nos problemas e nas preocupações daqueles com os quais lida em sua pesquisa.

No caso desta pesquisa, uma das maiores preocupações com a qual lidei na aproximação e no posterior vínculo que precisei criar com a família “Os Poderosos e as Poderosas” foi justamente essa dimensão da participação etnográfica. Como me encaixar no coletivo? Como ser aceita, participar dos momentos gerados, dos encontros semanais com o quais aqueles atores e atrizes já estão acostumados em gerar, sem que minha presença atrapalhe o rumo da pesquisa e intervindo o mínimo possível no cotidiano dos integrantes desse grupo? Posteriormente, observei que essas seriam perguntas de certa forma erradas, já que necessariamente minha inserção, seja da forma que fosse, iria intervir diretamente no grupamento com o qual estaria me relacionando.<sup>6</sup>

Aqui, continuando no caminho de percepção que expõe a etnografia como um procedimento dialógico e necessariamente de ação contínua, poderíamos caracterizá-la como “[...] uma empreitada que supõe trabalho paciente e continuado, ao cabo do qual, ou em algum momento, elementos dispersos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado” (MAGNANI, 2012, p. 264). Esse caráter inesperado com o qual a etnografia lida pode ser também obtido a partir dessa proximidade do pesquisador inserido no grupo estudado, a partir dos vínculos gerados e da necessidade do fortalecimento de laços criados nesse âmbito da pesquisa.

Mesmo que entendamos claramente que a pesquisa etnográfica irá gerar alguma forma de intervenção no coletivo elencado, e no caso dessa pesquisa, na família com a qual lidei cotidianamente, há de se entender também que é necessário que lidemos com o olhar distanciado perante as ações e produções de sentidos gerados por esses atores e atrizes sociais, como uma espécie de modulação de olhar entre o estar “de fora e de longe” e o estar “de perto e de dentro”, termos utilizados por Magnani (2012).

Essa modulação faz-se necessária na medida em que há um limite claro entre as zonas de participação do pesquisador enquanto narrador e até tradutor cultural de ações e atitudes e do pesquisador enquanto pessoa interagente. É preciso desconstruir o pensamento errôneo de que a inserção do pesquisador em campo irá intervir e que, por isso, não será gerada uma gama de informações interessantes para o desenrolar do percurso etnográfico.

Aos poucos, durante todo o texto dissertativo, são evidenciadas também algumas estratégias que utilizei durante todo o processo de pesquisa para o levantamento e registro de

---

<sup>6</sup> Como bem destaca Zaluar (1985) em pesquisa realizada sobre o significado da pobreza entre organizações populares na Cidade de Deus, comunidade localizada no Rio de Janeiro (RJ).

dados sobre a família “Os Poderosos e as Poderosas”. Dentre elas, opto pela utilização maciça de diários de campo, trazendo à tona, também, além dos fatos com os quais lidei, minhas impressões cotidianas, meus sentimentos envolvidos e as dúvidas surgidas durante todo o processo.

O ato de registrar não pode ser entendido como algo simples, principalmente quando se estabelece o exercício ininterrupto da escuta comprometida, onde se cria um canal contínuo de atenção entre pesquisador e grupo acompanhado. O processo de produção de relatos de campo é um intenso descortinar de situações em que não há modelo a ser seguido. Com o tempo, a necessidade de compreensão acerca do dito e do não dito aparece com cada vez mais frequência, gerando uma espécie de escrita interpretativa.

Faz também parte do processo o registro de entrevistas, que possibilitam uma visão mais individualizada, por mais que enxertada de sentidos do grupo, acerca da inserção de cada indivíduo na família. Esses são o que podemos chamar de desdobramentos da prática etnográfica.

Em momento inicial, foi possível contar com uma primeira impressão quando houve o contato com a temática escolhida e o campo completamente desconhecido. Em seguida, houve o que podemos considerar uma “experiência reveladora” inserida nesse contexto da prática etnográfica, onde já estão superados os estranhamentos e deslumbramentos de início da pesquisa. Acredito que seja aí onde a escrita reflexiva começa a despontar, transformando o olhar que antes estava de certa forma imaculado em um olhar permeado de novos sentidos e sensações perante este grupo.

Para minha pesquisa, peguei emprestado reflexões e termos de Magnani (2012), entendendo que este processo contínuo de conhecimento de determinado campo e de reflexão é um grande quebra-cabeças a ser montado cotidianamente na pesquisa etnográfica. E, por assim refletir, reforço aqui a necessidade deste trabalho ter utilizado a prática etnográfica como procedimento metodológico empregado.

Já expomos anteriormente uma discussão inicial sobre a incursão no campo o qual percorremos durante toda a pesquisa. O celular, uma plataforma móvel, gerou possibilidade de manutenção de conexões entre os componentes da família “Os Poderosos e As Poderosas” por meio do aplicativo WhatsApp, escolhido como ambiente comunicacional de convergência. Por entender a cidade como esse espaço também mediado por tecnologias móveis, escolhemos iniciar o percurso por suas ruas, praças, possíveis locais de encontro e interações diversas a fim de elencar possíveis atores, atrizes e grupos sociais que mantêm essa convergência entre o celular e a rua.

Se há o que se destacar de mais enriquecedor nesse processo inicial, certamente foi o momento do encontro com o grupamento social analisado e a posterior aceitação do pesquisador neste espaço, porque, como bem destaca Latour (2012), “[...] se um dado conjunto aí está pura e simplesmente, então é invisível e nada se pode dizer a seu respeito. O conjunto não deixa rastros e, portanto, não gera nenhuma informação; se é visível, está se fazendo e gerará dados novos e interessantes” (p. 54).

Andar pelas ruas da cidade é um ato enriquecedor de reconhecimento das pessoas e dos grupamentos sociais que nelas habitam. Pelo fato de a pesquisa aqui elencada necessitar da proximidade da pesquisadora em questão aos que utilizam as tecnologias móveis como plataformas de encontro, assim como por ser a rua também percebida como espaço de aglomeração e fortalecimento de vínculos, era inevitável que buscássemos as personagens mais adequadas para contar essa história na própria rua. No entanto, como aliar essa busca por metodologia, procedimento ou ferramenta metodológica efetiva para contar essa e mais outras histórias que viriam a surgir durante o percurso de pesquisa, ainda mais quando está tão relacionada ao uso do aplicativo WhatsApp, que demanda o uso de tecnologias de comunicação?

Na apresentação do livro *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*, de Bruno Latour, editado no Brasil em 2012, Souza e Júnior (2012) destacam que “[...] tornar a sociologia menos antropocêntrica é, talvez, a maior contribuição de Latour às ciências sociais” (p. 15). Interessante esta observação principalmente quando se leva em consideração que o ritmo de vida que estamos constantemente inaugurando é bastante dependente das relações que estabelecemos com as tecnologias à nossa volta. Convivemos e agimos coletivamente com diversos outros elementos, sejam humanos ou não humanos, naturais e sociais (CORDEIRO; CURADO; PEDROSA, 2014).

Nesse aspecto, vale frisar que, particularmente na perspectiva das pesquisas em Comunicação, temos visto a grande contribuição da Teoria do Ator-Rede (TAR), criada como estratégia de pensar o social em mutação a partir de sua corrente transformação, em seu caráter múltiplo e cheio de sentidos. É por meio de tal acepção que, para o presente estudo, dialogo com esta teoria.

A TAR – proveniente do inglês *The Actor Network Resource* (ANT) –, proposta por Latour (2012), discute sobre a dimensão social em uma perspectiva mais ampla. Madeleine Akrich, Michel Callon e Bruno Latour são os iniciadores da abordagem da Teoria do Ator-Rede, inicialmente em estudos que relacionavam ciência e tecnologia. É percepção de Latour (2012) que os objetos da ciência e da tecnologia seriam compatíveis socialmente.

Recente, esta teoria tende a discutir acerca da dimensão não humana dos agregados sociais, refutando a percepção fechada de que existiriam grupos fixos na contemporaneidade.

A partir dessa teoria, passamos a compreender como os agentes humanos e os não humanos estão interconectados: nós, os objetos e vice-versa, principalmente quando os relacionamos à área da Comunicação (LEMOS, 2014). A TAR prevê esse caráter mutável das conexões sociais, estabelecidas essencialmente por seus atores e atrizes sociais em constante fluxo.

É essencial em Latour (2012) a compreensão de que, enquanto pesquisadores, precisamos nos alimentar das controvérsias geradas pelos grupamentos. Seriam as controvérsias as saídas da ordem e do lugar-comum, aquilo que promove mudanças e que produz novas formas de rastreamento de conexões sociais. E elas, segundo Latour (2012), devem ser o ponto de partida para a compreensão da natureza dos grupamentos nos quais estamos inseridos e os quais estamos acompanhando em pesquisa.

A família “Os Poderosos e As Poderosas” é um grupamento cheio de controvérsias que, vez por outra, busca sentidos em comum. Vez por outra também procura estabilizações para que permaneça em vínculo – daí o motivo pelo qual utilizam a nomenclatura “família”. É uma forma de estabilização que gera sentimento de pertença, possibilitando a abertura de espaço para que novos integrantes possam compô-la.

Como veremos posteriormente, no terceiro capítulo, quando dialogaremos sobre a organização deste grupamento, há uma diretoria específica composta de gerenciadores da “família”, chamados de “patrões” e “patroas” ou “donos” e “donas”, tanto pelos que a criaram como pelos que permanecem inseridos. Cita Latour (2012) que “[...] não existe grupo sem oficial de recrutamento” (p. 55). Aliás, para ele, não há rebanho de ovelhas sem seu pastor. Mesmo assim, com o tal “oficial de recrutamento” os grupos não são silenciosos, possuindo um “[...] rumor constante feito de milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele” (p. 55).

As controvérsias que surgem entre os integrantes do grupamento são exemplos dessas vozes contraditórias que algumas vezes se chocam e fazem abrir as caixas-pretas existentes. São caixas-pretas, na perspectiva da Teoria do Ator-Rede, as estabilizações do social. Para Latour (2012), constantemente estabilizamos o social que estamos construindo, e as controvérsias surgem para que observemos o quanto estávamos estabilizados. Essa ideia parte do diálogo do autor com a cibernética, sendo utilizada “[...] sempre que uma máquina ou conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai”



(2011, p. 04). As controvérsias surgem como forma de desestabilizar essas caixinhas. Aliás, para Latour (2011), as controvérsias são vistas como portas de entrada para a ciência, mas além disso precisamos estar constantemente atentos, acompanhando o modo como se encerram. Esse movimento de eterno retorno faz parte da construção de associações nessa grande rede da qual fazemos parte.

Cabe pontuar, ainda, que há um termo utilizado pela Teoria do Ator-Rede para os participantes dessa rede de associações, independentemente de serem humanos ou não. Para a TAR, somos *actantes*, termo que Latour (2012) pega de empréstimo do estudo da literatura e das teorias da narrativa por sua “liberdade de movimento” (LATOURE, 2012, p. 87). As narrativas propiciam diferentes enredos para diferentes actantes, oferecendo um vasto campo para ações.

Mais que capacidade de agência, que Latour (2012) nega conceber para os objetos, os actantes, vistos como humanos ou não humanos, são partícipes das ações. Destaca o teórico que “[...] devem existir inúmeros matizes metafísicos entre a causalidade plena e a inexistência absoluta” para os actantes (p. 108). Ainda para Latour, se quisermos ser mais realistas com relação aos vínculos sociais, “[...] a continuidade de um curso de ação raramente consiste de conexões entre humanos (para as quais, de resto, as habilidades sociais básicas seriam suficientes) ou entre objetos, mas, com muito maior probabilidade, ziguezagueia entre umas e outras” (p. 113).

É com esta ideia que sinalizo a necessidade de dialogar a partir das negociações produzidas pela família “Os Poderosos e As Poderosas” entre o WhatsApp e a praça, pensadas também como actantes nesse processo de construção de conexões entre os integrantes de tal grupamento.

### **2.3 A ética na pesquisa**

Em toda pesquisa, especialmente científica, o caráter ético está correntemente envolvido. Levando em consideração que estou inserida em uma pesquisa social, nada mais justo que refletir acerca de sua não neutralidade e sobre os efeitos que venha a produzir (CORDEIRO; FREITAS; CONEJO; DE LUIZ, 2014). E, nesse contexto, o ideal é entender a ética como um termo polissêmico, sendo, ao longo do tempo, discutida por uma série de tradições filosóficas.

Se pensarmos na discussão ética e na maneira como as pesquisas devem ser realizadas, de forma com que haja prerrogativas de proteção aos interlocutores, especialmente

na área da Saúde, das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, necessitamos entender como devemos nos relacionar com o campo. No caso, a pesquisa aqui desenvolvida está na esfera das Ciências Sociais Aplicadas I, no campo da Comunicação, e decidiu enveredar pelas relações sociais construídas entre interlocutores, em sua maioria adolescentes e jovens.

Cordeiro, Freitas, Conejo e de Luiz (2014) dividem, na área da pesquisa, a ética em duas esferas: prescritiva; e relativa e dialógica. Sendo que a primeira, a prescritiva, leva em consideração especialmente as prescrições éticas “[...] materializadas em códigos, normatizações e resoluções” (p. 33). Já a segunda, a relativa e dialógica, mantém caráter “aberto e contestável” (p. 41), sendo que “[...] a ética entendida como parte de uma política ontológica não é [...] absoluta, mas relativa” (p. 41).

No caso da ética prescritiva, ela estaria mais ligada à saúde, sendo normatizada e dependente de autorizações expressas quanto ao uso de mecanismos de pesquisa que pudessem ferir a existência humana. Quanto à ética relativa e dialógica, estaria relacionada às relações estabelecidas socialmente, que por si são mutantes e permanentemente dialógicas. A relatividade desse segundo modelo de ética não deixaria os interlocutores à mercê das pesquisas e dos pesquisadores, no entanto, abriria espaço para que mais possibilidades de compreensão surgissem acerca das temáticas delineadas, tendo em vista que sua capacidade de metamorfose não poderia ser compreendida por normatizações severas e sem abertura.

#### Compreendo que sigo a perspectiva relativa e dialógica

[...] defendendo a importância de a ética ser entendida não como uma prescrição, mas como algo que é coconstruído, negociado, (re)significado por diferentes vozes – isso não significa, obviamente, que em nossas pesquisas desconsideremos a ética prescritiva dos códigos, e sim que enfocamos a competência ética de todos(as) os(as) envolvidos(as) no processo de definição dos valores e das normas de conduta. Assumir essa concepção de ética tampouco significa abrir mão do aclamado ‘rigor científico’. Mas implica pensar a questão de um modo diferente daquele a que estamos habituados(as) (CORDEIRO *et al.*, 2014, p. 43).

Tomando esta posição, também percebo a necessidade de dialogar acerca dos instrumentos utilizados durante toda a pesquisa. O *corpus* é definido pelo período de março de 2015, época em que conheci a “família”, até novembro de 2015, momento final em que consegui verificar uma quantidade expressiva de material levantado para dialogar sobre as relações tecidas por esse grupamento. Foram cerca de dez meses de participação intensa, evidenciados tanto pelo uso contínuo do celular como nas minhas idas aos encontros da família promovidos na praça. Os locais de pesquisa são justamente os grupos do WhatsApp,

nos quais fui inserida durante o período de pesquisa, e as praças onde aconteciam os encontros semanais propostos pela família. Cabe salientar que todos os interlocutores e interlocutoras com os quais mantive contato sabiam da justificativa para a minha participação ativa na família poderosa. Ao me apresentar, em alguns momentos se mostraram desconfiados, em outros estabeleceram bastante abertura, de toda forma tomei como princípio norteador de todas as conversas a necessidade de dialogar sobre minha função naquele local. Transparência acima de tudo.

Durante o período de pesquisa, estive inserida em cinco grupos da família poderosa no WhatsApp, sendo que dois deles foram abolidos pelo próprio grupamento<sup>7</sup>. Estive presente, na maior parte do tempo, em três grupos: o geral, onde permanecem todos os integrantes, o do bonde feminino<sup>8</sup>, que congrega as que se reconhecem desse gênero, inclusive mulheres trans, e o da diretoria, composto pelos adolescentes e jovens que regem a família, como pode ser observado nas imagens 2, 3 e 4 a seguir.

Figura 2 - Descrição do grupo geral da família Os Poderosos e As Poderosas no WhatsApp



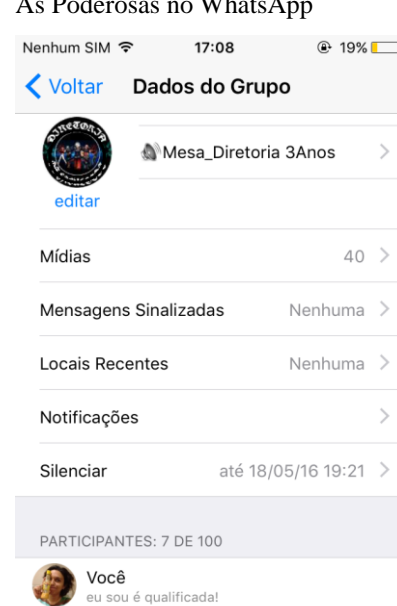
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 3 - Descrição do grupo das Poderosas no WhatsApp



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 4 - Descrição do grupo da Diretoria da família Os Poderosos e As Poderosas no WhatsApp



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

<sup>7</sup> Isso se deu, principalmente, pela falta de participação demonstrada por seus componentes em determinados períodos do ano, como maio e julho de 2015. Como estratégia para o retorno da efetiva participação dos componentes da família no WhatsApp e também na praça, afetada também com as demonstrações apáticas de seus integrantes nos diálogos tecidos nos grupos do aplicativo, foram criados novos grupos no WhatsApp com a promessa de maior comprometimento dos integrantes da família. Sobre esta apatia e as estratégias de mudança criadas pela diretoria, dialogarei em capítulo posterior.

<sup>8</sup> Termo que denota a proximidade do grupamento com algumas nomenclaturas já reconhecidamente utilizadas pelos funks cariocas, ressignificadas pelo grupamento em contexto local ao ser retirado do âmbito do *funk* e utilizado como sinônimo de ajuntamento de galeras independentemente de qualquer corrente musical.

A proposta, ao entrar nesses grupos, seria a de absorver informações – imagens, fotografias, áudios e outros registros que facilitassem a minha compreensão acerca da família. A busca de dados se deu primordialmente a partir dos *prints*<sup>9</sup> e do envio das imagens por correio eletrônico para a minha caixa de mensagens.

Em um primeiro momento, enviava as conversas por correio eletrônico, a partir da opção que o próprio WhatsApp dava. No entanto, o envio das conversas era apenas em arquivos de texto de bloco de notas, o que dificultava bastante a minha compreensão acerca das relações estabelecidas, já que os *emojis* sumiam do arquivo e davam lugar a diversos quadradinhos. A partir dessa percepção, passei a *printar*<sup>10</sup> e guardar as imagens em pastas por categoria.

Para acompanhar os registros obtidos do WhatsApp e para entender se aquelas formas como as pessoas se relacionavam se davam também na praça onde aconteciam seus encontros semanais, passei a ir a praticamente todos os encontros programados pela família poderosa. As imagens seguintes mostram alguns dos momentos em que estive presente na praça durante os encontros. O carro de som, sempre presente, era um fator agregativo intenso, atuando como um actante na perspectiva latouriana presente na Teoria do Ator-Rede (TAR) (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Registro de um dos encontros da família poderosa na Praça do Alecrim, Regional VI.



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 6 - Registro de carro de som. A música é um dos importantes fatores de aglutinação nos encontros.



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

<sup>9</sup> Palavra em inglês que significa imprimir, é utilizada usualmente pelos que utilizam celulares com esta função determinada. É uma fotografia da tela do celular. No caso, a nomenclatura também pode ser utilizada ao nos referenciarmos à fotografia de imagens em computadores e *tablets*. Esta denominação também é utilizada pelos componentes dos grupos no WhatsApp e pelos integrantes da família.

<sup>10</sup> Verbo aportuguesado para a palavra em inglês *print*.

Em meio à profusão de adolescentes e jovens que participam tanto dos grupos no WhatsApp como dos encontros nas praças, senti a necessidade de realizar entrevistas a fim de que pudesse compreender ainda melhor cada ator e atriz social interagente nesse processo. Para isso, foi necessária uma ampla negociação de sentidos (ARAGAKI *et al.*, 2014). Ao todo, mantive relação próxima com cerca de 20 pessoas, entre adolescentes e jovens, o que favoreceu a produção de sete entrevistas, sendo duas delas realizadas nas praças onde aconteceram os encontros.

Optei, como recurso etnográfico, por entrevistas semiestruturadas em que pude, a partir de perguntas semidiretivas, dialogar acerca dos pontos de controvérsia com os quais havia me deparado por meio do acompanhamento da família em campo. São entrevistas semiestruturadas aquelas em que o pesquisador constrói

[...] previamente um roteiro norteador, mas com uma liberdade tal de perguntar que propicie momentos de construção, negociação e transformação de sentidos, colaborando na interanimação dialógica e na manutenção do foco da entrevista, permitindo acrescentar perguntas e/ou aprofundar determinada questão ou temática fundamental para o estudo (ARAGAKI *et al.*, 2014, p. 61 e 62).

Para tais entrevistas, optei por seguir um mínimo de padronização, a fim de comparar posteriormente respostas entre os diferentes interlocutores. Mesmo trabalhando em ambientes digitais, decidi dialogar com meus interlocutores face a face, e isso foi também um pedido expresso de alguns deles. Em certas entrevistas, tive de visitá-los em casa. Conheci sua realidade mais de perto, fui bem recebida e constantemente sou chamada para voltar a visitar alguns. Assim como discutido anteriormente, não há intenção, de minha parte, em estar totalmente fora do contexto das pessoas com as quais me relaciono para a evolução da pesquisa. Não tenho receio de que essa proximidade experimentada possa de alguma forma “atrapalhar” o processo. Acredito, na verdade, que essa forma com a qual estou dialogando com esses atores e atrizes está possibilitando ainda mais visões acerca de suas narrativas pessoais e de sua participação na “família”.

Outro instrumento com o qual lidei bastante foi o diário de bordo, o qual compreendo como um recurso em que pude realizar minhas anotações pessoais, preservando eventos marcantes ou experiências cotidianas acerca da pesquisa a qual estive envolvida. Não é de hoje que contamos com esse dispositivo, tendo sido vertiginosamente utilizado como registro fundamental das grandes navegações do século XVI (MEDRADO; SPYNK; MÉLLO, 2013). Normalmente, não realizo anotações sobre a pesquisa no próprio campo. Sempre tive o receio de ser mal interpretada. Viver é experimentar. Vez ou outra ainda

escrevia palavras-chave ou nomes de novos atores e atrizes com os quais passei a me relacionar. Era prática comum escrever acerca do acontecido somente após chegar em casa, que era quando efetivamente eu fazia um percurso por entre minhas memórias físicas e afetivas.

Também registrei fotografias e vídeos de vários momentos em que estive acompanhando a família poderosa na praça. Em praticamente todos os momentos de registro audiovisual, não fui interpelada. Houve apenas uma situação, quando estava fotografando uma reunião da família, que duas adolescentes estranharam e questionaram entre si aquela ação. Ouvi e fiz questão de explicar minha presença naquele local às duas. Afinal, como dito anteriormente, uma das prerrogativas para realizar este trabalho de forma ética tem sido a apresentação de minha função a todos e todas presentes naquele espaço.

Todos os registros com os quais estou trabalhando têm se configurado importantes pontes para a minha pesquisa. São roteiros de criação que me têm revelado, esmiuçadamente, quem são meus interlocutores, de que forma estive ambientalmente participando de cada momento, assim como me permitindo entender sensações e emoções. Os registros realizados auxiliaram-me a compreender cada vez mais as formas relacionais tecidas.

É necessário destacar que foram criteriosamente escolhidos todos os registros imagéticos – *prints*, fotografias, imagens de divulgação dos encontros compartilhados por WhatsApp –, sendo deixados devidamente anônimos todos os atores e atrizes sociais participantes citados, por meio de pequenas tarjas em seus nomes, rostos, corpos e números de telefone. No caso dos entrevistados e das entrevistadas, optei por pedir a cada um que me sugerisse um nome outro, que não o deles, para nomeá-los, assim como escolhi uma nomenclatura diferente para a família. O nome “Os Poderosos e As Poderosas” é fictício.

### 3 POR DENTRO DA FAMÍLIA

No percurso que pretendo seguir neste capítulo, vejo a necessidade de dialogar sobre como são mantidas as conexões da família “Os Poderosos e As Poderosas”. A proposta é apresentar a família e continuar a discutir, nos campos da sociabilidade e da comunicação, acerca das interações sociais construídas por seus integrantes, sua organização e algumas particularidades intrínsecas a esse grupamento, sempre convergente à minha participação ativa durante o período em que permaneci por entre essa família. Também é neste capítulo que apresento ainda mais personagens que se reconhecem como poderosos e poderosas, e que, ao longo desses dez meses de interação, mantive contato praticamente semanal, seja no WhatsApp, seja no âmbito dos encontros nas praças.

Tais atores e atrizes sociais permanecem em constante fluxo comunicacional. Absorvem e são absorvidos cotidianamente por uma gama de tecnologias consideradas, muitas vezes, como pontes para interações. Ainda que em meio à discussão acerca do organismo pós-humano – em que o corpo pode ser investigado, reprojeto, desconstruído e reconstruído – possamos contar com novas estratégias de alongamento temporal da vida humana e, também, com a possibilidade de utilização de inteligência artificial para diversas atividades diárias, é interessante destacar que o afeto, as paixões e o amor permanecem como sentimentos exclusivos da troca comunicacional humana (SIBILIA, 2015).

#### 3.1 Comunicação poderosa

É sabido que, para que haja interação e transmissão de mensagens provocadas por um diálogo ou momento de troca, é necessário que haja dois *actantes*, no sentido que Latour (2012) estabelece, com esse desejo comum. Reforça-se que são *actantes* os diferentes atores que fazem parte de um processo comunicacional, humanos ou não humanos. Enquanto indivíduos, legítimos em nossas construções individuais, somos também constituídos a partir das interações que construímos com outrem. Não somos neutros nessas relações de troca e nem cabe nos configurarmos dessa maneira. De acordo com Maturana (2014), não podemos nos colocar como neutros em nossa vivência com outros seres, pois isso seria uma forma de isenção da responsabilidade de mundo.

Este fenômeno do social está bastante latente em Latour (2012) quando dialoga que a sua construção se baseia na forma como os seus atores o constroem. Para ele, como já afirmamos anteriormente, para conhecermos o social, devemos acompanhar os rastros dos

actantes que o compõem. Nesse sentido, percebo um diálogo entre Latour (2012) e sua Teoria do Ator-Rede, e a *Ontologia da realidade*, de Humberto Maturana (2014). Para este, os indivíduos e suas interações constituem o social, sendo que ele acaba se tornando um meio em que esses indivíduos se reconhecem enquanto indivíduos. Ainda mais próximo de Latour (2012), ressalta que “[...] não há contradição entre o individual e o social, porque são mutuamente gerativos” (p. 49).

Em sua *Ontologia da realidade*, Maturana é bastante voltado para os estudos da sociedade a partir de seus conhecimentos biológicos e a partir de experiências neurofisiológicas. O teórico relaciona esses ramos de compreensão do mundo e de composição dos seres humanos a suas experiências sociais, provocando reflexões sobre a linguagem, a consciência, a ética, a liberdade e os fenômenos sociais e culturais. O centro de sua discussão encontra-se nos seres humanos. Para ele, o ser humano “[...] não é um indivíduo senão no contexto de sistemas sociais onde ele se integra, e sem seres humanos individuais não haveria fenômenos sociais humanos” (MATUARANA, 2014, p. 232). Algo com o que Latour (2012) não dialoga, já que para ele estamos em constante fluxo e os contextos são gerados nessa construção e reconstrução permanente do social.

Simmel (1983), referência para estudos sobre sociabilidade, observa que o fenômeno da interação e da sociabilidade acontece a partir do “[...] estar com um outro, para um outro, contra um outro” (p. 168). A sociabilidade acontece a partir das relações individuais de uns com outrem. E esta relação se baseia, principalmente, nas personalidades dos indivíduos que se relacionam. Nessa perspectiva, para Santaella (2013), sociabilidade e alteridade estão intimamente entrelaçados.

Situa a pesquisadora que, mesmo não havendo um consenso sobre o que seria realmente sociabilidade, ela poderia ser caracterizada como a maneira pela qual “[...] as pessoas se relacionam em sociedade” (p. 36). E, para que isso aconteça, “[...] a sociabilidade implica atos comunicativos entre os seres humanos, assim como implica o reconhecimento das bordas flexíveis entre o eu e o outro”, sendo que as tecnologias de comunicação e informação – e ainda mais as redes sociais estabelecidas por entre esses artefatos e dispositivos – gerariam novas formas de relações e a construção de novas bordas flexíveis.

Quem também discute a estrutura relacional dos indivíduos é Schutz (1979), estabelecendo que o corpo se torna dispositivo fundamental no processo de conhecimento do outro. Ele esclarece que as relações sociais se concretizam a partir dos atos comunicativos recíprocos entre o *Eu* e os outros. Inserido na potência do encontro, no qual se é travado o conhecimento do *Eu* para com os outros, é também fato que “[...] dentro do ambiente comum



qualquer sujeito tem seu ambiente subjetivo particular, seu mundo privado, originalmente dado a ele, e a ele somente” (SCHUTZ, 1979, p. 161). Isso traz a ideia de que, por mais que os diversos ambientes nos quais estamos inseridos sejam suscetíveis ao travamento de sociabilidades, o indivíduo também guarda para si memórias e sensações que não necessariamente são construídas pela relação com o outro, o que demarca sua individualidade.

De toda forma, esse misto entre eu e outros não pode deixar de perceber também a influência que a cidade exerce, e, no caso da família poderosa, as praças onde marcam encontros, seja como território fixo ou nômade, na construção de cada indivíduo. E essas praças enquanto porções fixas são também atravessadas por ambientes comunicacionais diversos e independentes de uma territorialidade visível e palpável.

É a partir dessa perspectiva de atravessamentos que, contemporaneamente, ainda mais pelo uso acentuado das mais variadas tecnologias de informação e comunicação, âmbitos comunicacionais diversos estão passando por uma forte convergência. O uso de tecnologias tanto tem proporcionado vivências em novos ambientes – não necessariamente localizados espacialmente e fisicamente – como tem gerado a interação e integração entre ambientes comunicacionais já existentes. Assim, pensar em conflitos entre ambientes comunicacionais seria um erro. O que há, na verdade, é uma rapidez nos deslocamentos entre ambientes, mostrando uma porosidade entre fronteiras.

Essas fronteiras ou bordas pressupõem que, na perspectiva do diálogo, a existência do outro é necessária. É o que, para a Teoria da Comunicação, seria o “entre-dois”: esse momento em que “[...] a comunicação efetivamente acontece, instante da constituição de sentido quando dois elementos entram em fricção. Chamado por alguns de fronteira, fina película, o entre-dois articula matéria e sentido nos processos comunicacionais” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 23).

Mesmo levando em consideração esse elemento do “entre-dois” reforçado por Marcondes Filho (2012), talvez possamos pensá-la também como entre-muitos, entre-vários ou mesmo entre-mais-que-um. Assim, diálogos são tecidos não apenas entre um e outro, mas entre vários, algo que acontece por meio da comunicação mediada por computador, dentre outras tecnologias de informação e comunicação. No entanto, tal diálogo entre-muitos somente aconteceria justamente pela percepção dessa presença do outro. Em caso contrário, seria apenas mais uma tentativa de transmissão, algo que meios tradicionais de comunicação já o fazem fortemente.

Citada anteriormente e retomada aqui de forma mais ampla, a Teoria do Ator-Rede (TAR) traz novos elementos para que compreendamos essas outras formas de

comunicação que relacionam humanos e objetos para a construção do social. A família “Os Poderosos e As Poderosas” são um fator evidente dessa relação discutida pela TAR. São adolescentes e jovens que necessariamente mantêm o celular como ponte de encontro a partir do aplicativo WhatsApp, e que, mais que isso, utilizam tal equipamento como parte constitutiva dessas relações. Constitutiva porque escapa da neutralidade, potencializa essa comunicação e forma um novo ambiente de interação.

Nossa constituição enquanto seres, pessoas e indivíduos relacionais está inserida também nas formas como os dispositivos são utilizados, em sua materialidade, no *design* apresentado e nos modos como as redes de associações são criadas. Corroborando essa discussão, a Teoria do Ator-Rede, na perspectiva latouriana, seria circulação, fluxo, mobilidade. E, assim como falado anteriormente, para Latour (2012), a melhor forma de compreender esse movimento intenso seria pela valorização dos *actantes*, ou seja, os atores e as atrizes sociais em processo, por meio da constante descrição dos rastros que delineiam.

Ao mesmo tempo em que a discussão acerca de tecnologias e, principalmente, tecnologias de informação vem passando por fortalecimento e expansão nos estudos de comunicação no que concerne ao seu uso político de reivindicação e confrontação a diferentes ordens vigentes, é também grande pauta, a partir desse uso, o que cotidianamente essas mídias têm provocado nas relações face a face e em grupo, de modo especial nas relações entre as categorias sociais mais jovens.

Entende-se hoje que as juventudes são uma categoria social plural, multifacetada e em constante fluxo. Para Bourdieu (*apud* BARBALHO, 2013), ser jovem é um *constructo social*, não uma mera categoria etária. As juventudes transformam e movimentam estabilizações, gerando novas atitudes, formas de consumo, vontades, novos estilos e desejos. Aliás, ao mesmo tempo em que o interesse pela descoberta de ações, costumes, ritos, rituais e linguagens desse novo ser e estar jovem vai sendo alimentado – enquanto descoberta sociológica –, passa a ser de interesse da sociedade a utilização do *ser jovem* como uma nova possibilidade também de expansão do consumo, seja por meio de produtos a serem consumidos diretamente por jovens, seja no fortalecimento de um padrão juvenil como ideal de existência, passando a fornecer “[...] modelos de conduta e consumo para outras gerações” (BARBALHO, 2013, p. 19).

Para este trabalho, lidamos com jovens habitantes de periferias urbanas. Vale salientar que, ainda mais em tempos contemporâneos, tais locais apresentam uma hibridez característica, em que tanto encontramos uma carência específica de recursos – tais como transporte e saneamento – como uma diversidade de aglomerados residenciais urbanos, hoje

reconhecidos como uma série de condomínios de luxo. Nesse sentido, não podemos mais nos referenciar às periferias urbanas apenas como espaços insalubres e escassos de recursos financeiros.

A partir de estratégias do mercado imobiliário, podemos perceber duas correntes em determinados períodos da história recente brasileira. Enquanto até a década de 1980 (MOURA; ULTRAMARI, 1996) o termo *periferia* poderia nomear espaços geograficamente afastados, para onde uma quantidade de pessoas era empurrada devido à especulação imobiliária nos centros das grandes cidades, neste momento, o que vivemos é uma corrente contrária, onde diferentes condomínios têm sido construídos nestas chamadas periferias, ou zonas distantes do centro, como forma de adequar uma população carente de descanso e de localização para moradias que propiciem uma riqueza de produtos e serviços diversamente aparelhados com superestruturas de saneamento, energia elétrica, telecomunicações, entre outras, administradas por esses condomínios voltados para uma categoria econômica média-alta.

O que vemos aí é uma quebra da espontaneidade na produção desses percursos, sendo que as periferias acabam passando pela construção de novas centralidades, em uma constante “periferização”, “desperiferização” e “reperiferização” (RITTER; FIRKOWSKI, 2009). É neste âmbito que encontramos os integrantes da família poderosa. Na Sapiranga está havendo uma constante reperiferização e o surgimento de novas centralidades. No entanto, por mais que tais jovens, em sua maioria, não sejam agregados a esse movimento de reorganização do espaço urbano em que habitam, eles mantêm outros tipos de recursos próprios e diferenciados, gerados pelas relações que estabelecem uns com os outros. São percursos culturais, de ser e permanecer no mundo, que viabilizam suas trocas e interações. Neste aspecto, ao mesmo tempo que cumpre destacar que a noção de cultura como algo plural foi ganhando ainda mais espaço (YÚDICE, 2006), também devemos levar em consideração a dimensão multifacetada de populações, grupos e nichos diversos. A cultura é também um recurso de reconhecimento de si perante o outro e da comunidade em que se vive.

No caso desses jovens com os quais estive em diálogo, há uma construção de novas culturas, não apenas ligadas à arte, mas também ao comportamento. Esses jovens expõem seus desejos, amores e sua paixão pela música, assim como seus desafios, suas perdas, dúvidas e revoltas. Grafitam, picham, pintam a cidade com cores e palavras de ordem. “Interferem na paisagem metropolitana, seja a partir de expressões tão óbvias como o *graffiti*, que se apropria da corporeidade da cidade, seja por meio da circulação dos corpos gregários, que, diferentemente adornados e mobilizados, vão ostentando a sua presença” (CAMPOS,

2010, p. 27).

Quanto ao comportamento, criam novas palavras, formas de se comunicar, de agir, novos apelos visuais a partir da forma como se vestem ou nas marcas que deixam pelos muros. A diversidade de cultura como recurso está também inserida nas periferias. Não é um plano homogêneo. E recurso não é apenas econômico e monetário, aliás, “[...] a cultura é cada vez mais invocada não somente como uma propulsora do desenvolvimento do capital” (YÚDICE, 2006, p. 35).

Em meio a essas trocas culturais, está a música que faz parte do imaginário desses jovens. Por meio dela, eles falam, expõem retratos do cotidiano, o que sentem, de onde vêm e como se consideram. Exemplifico pela música do MC Noiado<sup>11</sup>, criada especialmente para a família “Os Poderosos e As Poderosas”.

Na música, o MC Noiado fala abertamente que se considera pobre, da favela, enaltecendo também a influência que a família poderosa mantém na comunidade. Logo no começo, a música, construída em ritmo de funk pelo próprio MC Noiado, que se considera também um poderoso, traz o lema da família “Fechar com o certo é a nossa meta”.

Fechar com o certo é a nossa meta  
Fala pra nós quem é o poder  
É o Bonde dos Poderoso PDêêêêê

Entre beco, ladeira e viela  
Nós somos o terror da favela  
Porque a lei da minha quebrada  
É a lei da selva  
(...)

E se nós vem de confusão  
Tu ainda pergunta isso?  
Disposição é o nome do bonde  
E se tem guerra  
Aqui ninguém se esconde

Comando Poderoso já tá pronto pro combate  
Com nós não tem erro  
Todo jogo é xeque-mate

Só os Poderoso  
Que não falha na missão  
MC Noiado poderoso de plantão

É tô confirmando  
E não tô enganado  
É os Poderoso  
O Terror dos recalcados  
(...)

---

<sup>11</sup> Nome fictício.

Pobre por natureza  
 Loucos por opção  
 Comando firma forte  
 Poderoso monstro<sup>12</sup>.

Por mais que tais juventudes sejam moradoras de periferias urbanas e considerem-se pobres e de favela, não podemos supor que por isso eles não mantenham acesso às tecnologias de comunicação e informação. Tanto mantêm acesso como constantemente têm seus celulares roubados, precisando aguardar um tempo necessário para a obtenção de novos equipamentos. Esse tempo está ligado à capacidade de consumo que cada família tem. Há vezes em que esses jovens passam meses até ganhar um novo equipamento. Outras vezes, recebem em pouco tempo. De toda forma, suas trocas culturais também são mantidas nesse âmbito do acesso às tecnologias, evidenciando que

[...] mesmo os jovens das classes de menor poder aquisitivo não ficam de fora da lógica de consumo e há, inclusive, produtos pensados a partir de e para (mas não exclusivamente) esta parcela da juventude, com os quais vão elaborando elementos no constante jogo de identificação e diferenciação sociais (BARBALHO, 2013, p. 21).

Mesmo assim, convém lembrar que o acesso às tecnologias, dentre elas o celular, não é generalizado. Ainda há muitos jovens que lidam com pouco ou nenhum usufruto de acesso, o que demonstra um caráter extremamente desigual de obtenção de recursos também nessa escala cultural (CANCLINI, 2007). O acesso, na contemporaneidade, é também uma estratégia político-social para os jovens, configurando-se como um potencial espaço de fala e, por isso, de poder.

Dessa forma, e mesmo levando em consideração que o acesso não é generalizado, há que se observar que o cenário contemporâneo, cotidianamente, é permeado pelo fazer tecnológico. Os instrumentos com os quais lidamos, seja para a retirada de dinheiro em um banco, para o pagamento de um título na internet, para ter a necessidade de diálogo com o outro sanada, para chegar mais rápido ou menos cansado em um destino pré-estabelecido, todas essas ações são realizadas por meio de um conjunto de tecnologias que nos acompanham todos os dias em praticamente todos os nossos atos.

Neste cenário, uma discussão maniqueísta é estabelecida, entre os que identificam as tecnologias como formas positivas e interessantes para a construção de relações sociais, e os que as consideram potenciais desintegradoras de laços e sociabilidades. Diversos teóricos e pesquisadores, dentre eles Sibilía (2015), Lemos (2003), Wolton (2012), Spengler (1993),

---

<sup>12</sup> Letra de música criada por MC NOIADO em agosto de 2015.

entre outros, vêm travando discussões e questionamentos no intuito de perceber as tecnologias ou como artefatos que levantam mais desconfianças que possibilidades, ou entendendo-as como artefatos poderosos de sociabilidade e conexão social.

Tais discussões estariam inseridas em duas linhas de pensamento sobre a técnica detectada especialmente entre textos de teóricos e cientistas nos séculos XIX e XX: a prometeica e a fáustica<sup>13</sup> (SIBILIA, 2015). Enquanto os prometeicos apostam no caráter libertador do conhecimento científico, com inspiração iluminista e socialista, “[...] visando o bem comum da humanidade e a emancipação da espécie” (SIBILIA, 2015, p. 46), os fáusticos consideram que a revolução tecnocientífica pela qual estamos passando seria na verdade uma forma de exercer controle, domínio e apropriação total do corpo humano e da natureza. Duas faces para uma mesma moeda, sendo a primeira uma busca pela emancipação e pelo diálogo entre espécies por meio da tecnociência contemporânea, e a segunda a busca pelo controle total dos recursos existentes no planeta para subsidiar a evolução humana em detrimento da natureza.

Sibilia (2015) reforça que cada vez mais estamos migrando para a corrente fáustica, discutindo a emergência do homem pós-humano, como que resistente ao tempo e à morte, constantemente reconfigurado a partir da tecnociência. Estaríamos efetivamente em um caminho sem volta para a evolução pós-humana em detrimento dos recursos não humanos existentes? E todos os percursos solidários de manutenção de relações que estamos começando a construir para a permanência da vida humana em diálogo com a natureza?

Entendo que um dos grandes desafios dos estudos das tecnologias e das mídias digitais é justamente passar a entendê-las não apenas como artefato tecnológico de caráter fáustico, mas como se dão os processos de apropriação dessas mídias por indivíduos em todas as partes do mundo como forma de diálogo. Se levarmos em consideração a Teoria do Ator-Rede, com a qual esta pesquisa se aproxima, é preciso entender quais relações estão sendo constituídas entre humanos e não humanos. Sendo aqueles os indivíduos humanos e estes os objetos técnicos com os quais nos relacionamos cotidianamente, especialmente a partir do advento das tecnologias de comunicação. Lemos (2014) destaca que essa teoria é essencial para as pesquisas em Comunicação justamente por nos auxiliar a lidar com essa relação

---

<sup>13</sup> Prometeu e Fausto são dois personagens míticos bastante conhecidos. O primeiro corresponde a um mito grego em que Prometeu presenteou os homens com o fogo, no caso a sabedoria, à revelia de Zeus. Já Fausto, personagem mais moderno, tem origem incerta e remota, tendo ele compactuado com o Diabo por uma vontade de crescimento infinito e desejoso de superação de suas próprias possibilidades. Em determinado momento, Fausto perde o controle de sua mente, que passa a ter vida própria. Esses são dois dos vários mitos ocidentais ligados à mistura de fascinação e pavor que as potencialidades e as limitações das tecnologias provocam (SIBILIA, 2015).

estabelecida entre indivíduos, natureza e objetos técnicos.

No caso da família “Os Poderosos e As Poderosas”, coadunando com a Teoria do Ator-Rede, a dimensão do encontro não se perde pelo uso do celular. E, mais ainda, diversas são as oportunidades geradas para que a possibilidade do encontro exista e seja reforçada. Teço este olhar a partir do que o administrador do grupo, Rafael, destaca:

Assim pessoalmente é melhor. Mas a gente não vai ter o diálogo de falar pessoalmente devido o WhatsApp. Porque o que dá o pontapé é o WhatsApp. Tendo aquela responsabilidade de querer mostrar o que você tá sentindo pra poder falar pessoalmente. Tipo, as minhas intenções no grupo dos poderosos é esse de querer lotar o encontro e de fazer a diferença pra quem tá falando mal. E como eu vou fazer isso, entendeu? Eu fico imaginando assim. Tipo, eu ia falar só por boca por aí que dia 04 ia ter encontro, que a gente vai voltar? Aí dia 04 não lotar?<sup>14</sup> Isso vai ficar feio pra mim não tendo a dialogação do WhatsApp, entendeu? Se não existisse WhatsApp hoje em dia dentro da família, eu acho que a gente não era o mesmo, entendeu? (informação verbal).<sup>15</sup>

Na fala anterior, o questionamento se dá sobre a capacidade que o celular tem de fomentar o encontro, é entender se há potência nesse mecanismo como plataforma de sustentação de conexões sociais. A partir da família “Os Poderosos e as Poderosas”, percebe-se o quanto esta tecnologia incide sobre as conexões de seus integrantes. Os membros da família poderosa usam o celular e se mantêm conectados por meio da internet 3G, 4G ou Wi-Fi. Usam essencialmente o WhatsApp para dialogar e, frequentemente, travam novos pontos de pauta em grupos criados diretamente para isso. Aliás, o próprio dono Rafael expõe que, sem o WhatsApp, talvez a família não fosse a mesma. Provavelmente haveria outra forma de comunicação, mas certamente seria bem diferente do que é propiciado pela tecnologia móvel vigente e por este aplicativo. Nessa dimensão, destaca Santaella (2013):

[...] nas redes, os grupos se formam e se mantêm coesos ou não, uma vez que o tempo e o espaço são dinâmicos, efêmeros e fragmentados entre as perspectivas que cada um pode gerar ou absorver nesses âmbitos de convivência (VIANA, idib., p. 122). Criam-se, assim, laços fracos e, com muito menos frequência, laços fortes. O modo como interagimos na vida *online* e *offline* é bastante diferente. Mas, não há dúvida de que uma acaba contaminando e influenciando a outra. Dada a evanescência da primeira, nela os laços são tênues. Podem se desfazer e refazer a qualquer momento. Assim, para a vida *offline* ficam reservados os laços fortes. Ou seja, enquanto os laços fracos se referem aos relacionamentos que desenvolvemos *online*, os laços fortes reportam-se aos relacionamentos que se dão *offline* e *online*. Essa é a regra geral. Contudo, as redes sociais estão repletas de exceções, e elas aparecem quando menos se espera (2013, p. 37).

<sup>14</sup> Esta data a qual o administrador Rafael se refere foi o dia 04 de julho de 2015, em que ele esperava que o encontro lotasse, devido ao esvaziamento dos quatro encontros anteriores. Essa foi uma grande preocupação de Rafael, por ele considerar a família parte importante de sua vida e porque as outras famílias equipes já estariam falando que “Os Poderosos e as Poderosas” haviam acabado.

<sup>15</sup> Entrevista com Rafael, dono e patrão da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em junho de 2015.

Essa passagem dialoga bastante com a família poderosa justamente pelo caráter específico de união entre as duas esferas de participação, a praça e o WhatsApp, como ambientes constitutivos integrados das construções de conexões dos integrantes deste grupamento. E, em meio a todas as construções sociais que emergem e imergem cotidianamente a partir do uso de tecnologias de informação e comunicação, a potência do encontro e as formas de associações também são construídas com o objetivo de organização de novos grupamentos e novas hierarquias de comando.

No sentido que Becker (2009) estabelece para os grupamentos que fogem de uma ordem vigente e constroem sua própria forma de organização e comando, estes podem ser considerados até *desviantes*. Ser *desviante*, nessa perspectiva, é também um fator político de interação, e não apenas uma disfuncionalidade médica ou de perturbação de uma ordem coercitiva do Estado. “Os Poderosos e As Poderosas” são *desviantes* porque criaram um outro tipo de sociedade própria, mantendo um caráter político constante de interações, com seu próprio conjunto de regras.

No entanto, esta família é apenas uma por entre várias que existem na Regional VI. Assim como ela, todas possuem organização própria, permanecendo no cenário de associações, ou seja, na rede que une e que cria novas organizações. Os motivos pelos quais um grupamento pode ser finalizado são os chamados conflitos internos – problemas criados entre seus próprios membros – ou conflitos externos – como casos em que há envolvimento de certos componentes, os considerados *envolvidos*, com o tráfico –, pondo fim a equipes bem fortes e reconhecidas.

A família “Os Poderosos e As Poderosas”, entre momentos de ápice de encontros e outros em que quase foi finalizada, continua em meio a todos os grupamentos que hoje se organizam na área da Sapiranga. São adolescentes e jovens que dialogam cotidianamente pelo uso do WhatsApp e semanalmente em encontros gerados em praças existentes no bairro e nas imediações.

### **3.2 A família “Os Poderosos e As Poderosas”**

Criada há três anos, em 2012, na cidade de Fortaleza, a família “Os Poderosos e as Poderosas”<sup>16</sup> surgiu a partir do interesse de três adolescentes em criar um grupo no bairro da Sapiranga. Este fenômeno social não é novo na região. Existem também vários outros grupamentos na mesma localidade e em outros bairros de Fortaleza, que tanto são chamados

---

<sup>16</sup> Nome fictício.



de família como equipe por seus integrantes. Os três rapazes que conceberam a família poderosa já se conheciam há bastante tempo por meio dos encontros de uma equipe também existente nas imediações. Os três moram próximos, no Conjunto Alvorada, sendo que o Rafa e a Sandra<sup>17</sup> eram integrantes desta equipe, enquanto o outro dono, Richell<sup>18</sup>, 17 anos, só frequentava os encontros. Essa equipe não existe mais.

A família poderosa passou a ser gerida<sup>19</sup> predominantemente a partir do final de 2014 por seu adm<sup>20</sup> e patrão<sup>21</sup> Rafael<sup>22</sup>. A família já contava com um perfil no site de redes sociais Facebook. Este perfil existe até hoje e era uma das únicas formas de organização dos integrantes do grupamento. No entanto, é importante destacar que, desde sempre, a família manteve encontros semanais nas praças de Fortaleza (CE). Aliás, tanto um ambiente como outro são formas de permanência e agregação de novos participantes ao grupamento, sendo os dois ambientes geradores de encontros, fortalecimento, criação de novas conexões e expansão de sentidos. Rafael concedeu entrevista abordando o começo da família poderosa no Facebook, como a equipe era organizada nessa plataforma e qual o sentido de o grupamento criar grupos no WhatsApp.

Assim... 2012 os Poderosos ainda não existiam grupo do WhatsApp, né? Então sempre existiu [Facebook], sempre os Poderosos foi muito bem organizado. Tem o álbum da diretoria no Facebook, tem o álbum feminino da diretoria, das meninas, tem o álbum dos meninos, tem o álbum feminino das meninas, que tem meninas que já saíram que ainda tão no álbum porque já fizeram parte e eu não tiro. E tem o álbum dos encontros, tem o álbum das festas, isso organizado. Então existia que havia uma divulgação, a mesma divulgação que hoje existe no WhatsApp existia no face. Só que era mais complicado porque nos Poderosos tinha mais de 50 pessoas. No mínimo na época tinha mais ou menos 200 pessoas nos Poderosos. E na divulgação só podia marcar 50. Então todo encontro que eu fazia, toda festa, eu marcava as 50 pessoas e nos comentários eu saía marcando o nome de quem era da equipe, e quem fosse da equipe, marcasse o nome de quem já era, tipo, uma segunda pessoa. Isso era complicado. Após existir o WhatsApp, era só 50 pessoas na época, que o grupo do WhatsApp era 50 pessoas. Foi no finalzinho de 2013. Aí era só 50 pessoas no WhatsApp. Aí eu coloquei as 50 mais que representavam e repassava pra dentro do grupo quem não tava o que acontecia pra poder chegar no encontro. Hoje não. Hoje já é cem pessoas que pode colocar no grupo. Já fica mais fácil, já fica muito mais fácil, muito mais melhor por causa da tecnologia. E é ficar adiante que os que tão no grupo tem aquela certa mentabilidade de repassar pros próprios

---

<sup>17</sup> Nome fictício.

<sup>18</sup> Nome fictício.

<sup>19</sup> Sandra precisou se ausentar porque engravidou no período e Richell passou a trabalhar, o que os impedia de permanecer com suas obrigações junto à família.

<sup>20</sup> A sigla é uma abreviação de administrador e é bastante utilizada na fala dos integrantes da família, porque nos grupos de WhatsApp é essa a designação dada aos que administram os grupos. Os administradores mantêm poder total no grupo do WhatsApp, podendo inserir e remover qualquer pessoa presente naquela configuração, assim como também apagar o grupo. No entanto, qualquer pessoa pode mudar o nome e a figura que identifica o grupo, independentemente de serem administradores ou não.

<sup>21</sup> Sigla utilizada pelos integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” para designar o dono da família e aquele que a criou.

<sup>22</sup> Nome fictício sugerido pelo próprio entrevistado.

amigos e pra própria gente que tá no grupo, que tá sem internet, que pode tá trabalhando e não pode tá vendo o WhatsApp. Tipo ter aquela entrosação dentro do grupo, entendeu? (informação verbal).<sup>23</sup>

Assim como exposto por Rafael, o caráter limitador do WhatsApp, ainda em 2013, prejudicava o potencial multiplicador da divulgação da família perante possíveis adeptos. O Facebook, mesmo que tenha sido o primeiro local de compartilhamento e multiplicação de informações sobre a família, também era bastante limitado, já que, na época, havia um limite para que se pudesse marcar<sup>24</sup> pessoas e, assim, divulgar os encontros da família. A proposta da família é que ela sempre cresça, que mantenha cada vez mais adeptos, a fim de que possa fomentar mais amizades e, quem sabe, mais romances. A perspectiva é que os encontros sempre “gerem”.<sup>25</sup>

O nome original da família “Os Poderosos e As Poderosas” é baseado nas personagens do jogo de *videogame* “*The King of Fighters*”<sup>26</sup>. Existem duas personagens que representam o feminino e o masculino na família: a Leona e o Iori Yagami. E são essas personagens que aparecem gravados tanto nas camisas femininas quanto masculinas dos Poderosos. A justificativa se dá por Rafa considerar que o desenho mostra “[...] querer agir sempre pelo certo, nunca pelo errado”<sup>27</sup>. O reconhecimento de tais símbolos por parte dos componentes da família poderosa pode ser percebido pelas imagens a seguir.

---

<sup>23</sup> Entrevista com Rafael, dono e patrão da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em junho de 2015.

<sup>24</sup> No Facebook, marcar seria o mesmo que alertar alguma pessoa em uma informação. Normalmente, para marcar, pode-se escrever o nome da pessoa, como ela o designou no site de redes sociais, com um @ na frente, a fim de que o nome se transforme em *link* possível de ser clicado e o alerta vá para a pessoa marcada.

<sup>25</sup> “Gerar”, para a família, significa sucesso em público e animação.

<sup>26</sup> Abreviado oficialmente como KOF, é uma série de jogos de luta produzidos pela empresa SNK Playmore.

<sup>27</sup> Entrevista com Rafael, dono e patrão da família “Os Poderosos e as Poderosas”, junho de 2015.

Figura 7 - Figura printada do WhatsApp do grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 8 - Personagens do jogo *The King of Fighters*



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

A ideia central, para o Rafa, seria fundar uma família em que seus componentes tivessem oportunidades de crescimento pessoal e ajuda mútua, e onde não houvesse o tráfico ou o uso de drogas ilícitas, algo que já fez com que outras famílias ou equipes encerrassem suas atividades. No entanto, o uso de bebidas alcoólicas é permitido e muitos dos encontros são bastante regados a álcool. Por exemplo, se algum componente da família poderosa for pego traficando internamente, isso poderia acarretar sua expulsão. Seria um desvio de conduta em meio a esse determinado grupamento, no sentido que podemos encontrar em Becker (2009).

Interessante trazer Becker para essa discussão quanto ao sentido do grupamento aqui estudado. Reforça Becker (2009) que uma sociedade mantém diversos grupos e cada qual mantém seu próprio conjunto de regras. É também considerado *desvio*, além da própria existência dessa forma de organização, quando um componente do grupo comete uma infração a uma norma reconhecida por todos que o integram. A família poderosa é um

grupamento que mantém suas normas de conduta criadas pela diretoria para a manutenção da participação de seus integrantes no grupo assim como para mediar as relações entre seus integrantes. As regras tanto são utilizadas para o convívio nos encontros semanais nas praças onde marcam seus encontros como no ambiente do WhatsApp. Tais regras serão esmiuçadas mais à frente.

No começo de 2015, eram onze componentes no grupo da diretoria no WhatsApp, entre adolescentes e jovens do sexo feminino e masculino. Durante o ano, alguns componentes entraram na diretoria, outros saíram, houve os que permaneceram na família mesmo com a saída da diretoria, e os que saíram definitivamente. Em setembro, a quantidade passou para sete pessoas. Esse caráter fluido acompanha o grupamento e evidencia sua constante mutação, onde não cabe serem transformados em grupos fechados ou considerados como tal (LATOURE, 2012).

A família poderosa mantém seus encontros na Secretaria Regional VI. No entanto, por mais que os tenha visto e começado a participar de suas reuniões na praça do Lago Jacarey, não é lá onde frequentemente o coletivo marca seus encontros semanais. “Os Poderosos e as Poderosas” mantêm como espaço de encontro semanal e convergência a *praça do Imprede*<sup>28</sup>, também chamada pela família de *praça do Via Sul* ou *Via Sul Boladão* – próxima ao Shopping Via Sul, situado na Regional VI – principalmente nas imagens de divulgação dos encontros, podendo ser conferidas a seguir.

Figura 9 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa.



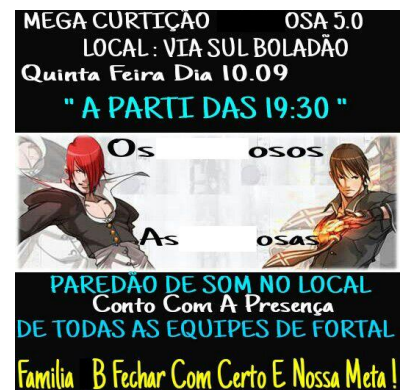
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 10 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 11 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa.

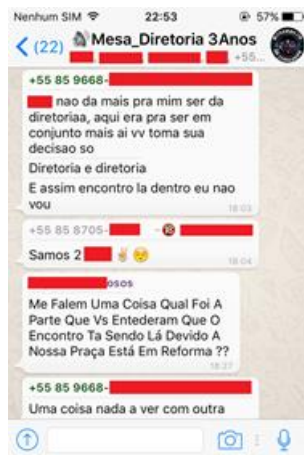


Fonte: Print de Amanda Nogueira.

<sup>28</sup> No caso, quando os/as integrantes da família “Os Poderosos e as Poderosas” divulgam seus encontros, tanto pelo WhatsApp como pelo Facebook, eles denominam a praça onde o Instituto da Primeira Infância (Iprede) está localizado como *praça do Imprede*.

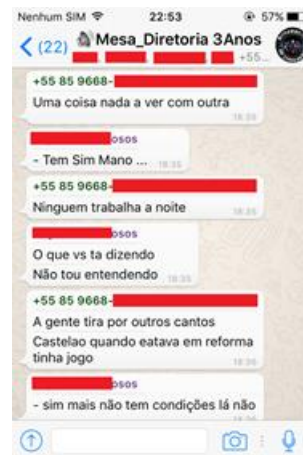
Nos últimos meses, a partir de agosto de 2015, devido a uma reforma que está acontecendo na *Praça do Imprede*, a família tem tentado se reunir na Praça do Conjunto Alvorada e na Pracinha do Alecrim, inseridos no bairro da Sapiranga. Houve um dos momentos em que o Polo do Castelão, localizado no bairro Castelão, também na Regional VI, foi utilizado como ponto de apoio para os encontros. No entanto, devido à solicitação de alguns dos integrantes e como a praça do Alecrim é mais acessível quanto à transporte e localização, o próprio dono Rafael sugeriu que os encontros acontecessem nas imediações do Conjunto Alvorada. Mesmo assim, muitas pessoas da família não gostaram, dentre elas um dos diretores, que acabou saindo por não concordar com a decisão, como pode ser percebido nas imagens *printadas* a seguir.

Figura 12 - Início do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa



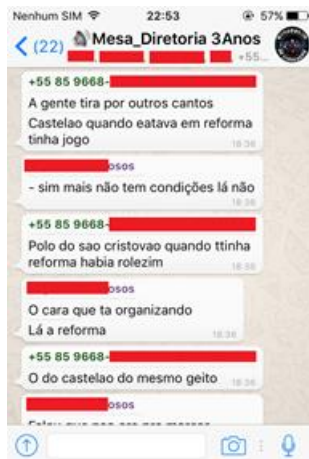
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 13 - Continuação do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa



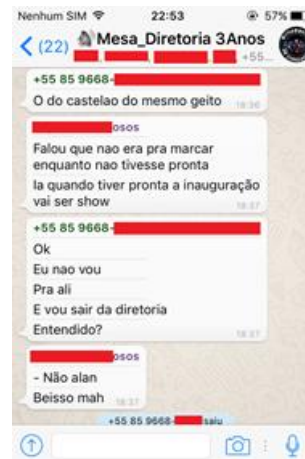
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 14 - Continuação do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 15 - Continuação do diálogo printado no grupo da Diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

É difícil, em um grupamento como a família “Os Poderosos e As Poderosas”, onde há uma certa quantidade de pessoas, que as decisões sejam efetivamente aceitas por todos. Seria o que Simmel (1983) reforça, no campo da sociabilidade, quando afirma que conciliar relações pessoais seria então o “[...] verdadeiro princípio vital dos pequenos grupos” (p. 99). Nesse caso, conciliar não quer dizer eliminar conflitos. Os conflitos também se transformam em fatores de conciliação e construção de relações, e não apenas de desconstrução (SIMMEL, 1983), tendo em vista que a interação entre pessoas não se dá apenas de forma fluida e perfeita. No caso da família poderosa, a conciliação dos relacionamentos e conflitos que se dão, também nessa esfera de escolha do local onde devem acontecer os encontros, é mediada pela diretoria e, especialmente, por Rafael.

Na família existem atribuições específicas dadas pelo Rafael aos componentes do grupamento. Todos reconhecem o Rafa como dono da família, às vezes também chamado de patrão, e o têm como referência. Isso não evita que haja certas crises. Aliás, elas demonstram que as determinações do Rafa não são totalmente aceitas. Em entrevista, Rafael nos fala sobre as funções e quem pode exercê-las:

Diretoria na verdade são só três pessoas. Mas como os poderosos sempre gostam de fazer um algo diferente. Então eu como sou dono, o Richell como é dono, a gente tem dois propósitos. Um de que? Deixar um pra apoio da diretoria, no dia que a gente não puder fazer algo, eles puderem fazer. Tipo organizar, eh... as camisas e deixar uma patroa pra ir buscar, outra pra entregar às meninas, um patrão arrecadar o dinheiro, pra ir deixar, e outra pra entregar aos meninos. E tem as puxadoras. As puxadoras foi uma intenção minha de fazer porque caso isso, eu não puder, e quem tá na diretoria não puder, pra diretoria as puxadoras são um braço direito. Isso é dentre elas, não vai chegar a comunicação pra mim. Vai chegar acaso o que? As puxadoras não puder, isso vai chegar pra mim. Dizer que não “ah eu não vou poder Rafael, por causa isso isso e aquilo”, isso vai ter que tá no papel de outra puxadora. Então, eu escolhi o que? Cinco puxadoras de Messejana<sup>29</sup>, Castelão<sup>30</sup>, Barroso<sup>31</sup>,

<sup>29</sup> Localizado na Regional VI, é o coração da Regional, por vezes também chamada de grande Messejana, onde existem outros bairros. Foi uma das primeiras vilas da região onde hoje se encontra a capital Fortaleza (CE), sendo estabelecida assim durante o final do período colonial. Depois de deixar de se configurar como vila de Messejana, foi ainda distrito de Fortaleza. Possui população de 41.689 pessoas, de acordo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE, 2012).

<sup>30</sup> Também inserido na Regional VI, o bairro Castelão conta com população de 5.974 pessoas. De acordo com dados do IPECE, configura-se entre os bairros mais pobres da cidade, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,25. Nele está localizado o Arena Castelão, onde aconteceram os jogos da Copa do Mundo 2014 em Fortaleza (CE).

<sup>31</sup> Também localizado na Regional VI, o Barroso possui população de 29.847 pessoas, de acordo com dados do IPECE. O fato de eu escolher o âmbito da Regional VI para pesquisa se dá principalmente pelo fato de eu ter bastante relação com a história do local. Cabia, em um primeiro momento, ao ser perguntada sobre onde seria minha moradia, a referência de um lugar próximo para que os interlocutores da pesquisa me reconhecessem como parte da localidade. O Barroso também é um local extremamente pobre, situando-se no ranking como um dos bairros de pior situação na cidade de Fortaleza, com o IDH de 1,8.

Siqueira<sup>32</sup> e, onde eu moro, na Sapiranga. Essas cinco puxadoras, três faz com que evolua o grupo e as duas fazem o papel de braço direito da diretoria (informação verbal).<sup>33</sup>

Rafael falou ainda sobre quais grupos atualmente são mantidos pela família no WhatsApp.

Tem o grupo feminino, a feminina quer dizer, que é as poderosas, e tem o grupo geral, que é os poderosos e as poderosas, e tem o grupo da diretoria, que são ditas, são esclarecidas opiniões e julgões que haverá durante a semana, durante o encontro, durante uma festa. Organizações pra quem vai precisar. É isso que... Existe três grupos nesse caso, né? Não são dois. Dois é que são a parte dos membros, fora da diretoria (informação verbal).<sup>34</sup>

Durante praticamente todo o ano de 2015 permaneci inserida em três grupos no WhatsApp: o das Poderosas, que congrega cerca de 60 pessoas; o geral da família “Os Poderosos e as Poderosas”, que chega até o limite de cem pessoas; e o da diretoria, em que participam cerca de 15 pessoas. Quanto à quantidade de componentes de cada grupo, cito números aproximados porque constantemente integrantes saíam ou eram removidos, e outros eram inseridos pelos administradores no ambiente. Destaco que somente os administradores têm poder de remover e/ou inserir pessoas no grupo criado no WhatsApp. E assim como pessoas são removidas ou saem por espontânea vontade do grupo criado no aplicativo, em meio urbano, nos processos presenciais, há também essa possibilidade.

Quanto ao termo *família*, tão utilizado pela “Os Poderosos e as Poderosas” para designar sua organização, retomo Simmel (2001) e sua discussão histórica e sociológica acerca da nomenclatura. A discussão acerca desse termo se desenrola em meio a um diálogo extenso sobre a constituição das relações matrimoniais e de parentesco entre marido e mulher, entre pais, mães e filhos ao longo da história.

Ora, para Simmel, a família se define como “[...] socialização de um pequeno número de pessoas que se reproduz no seio de cada grupo mais vasto exatamente sob a mesma forma e que emana de interesses simples, acessíveis a cada um – portanto, um fenômeno facilmente conhecível por todos esses motivos” (SIMMEL, 2001, p. 20).

Assim, a família seria, em geral, uma forma de grupamento duradouro exercida, principalmente, a partir de relações matrimoniais e de parentesco, como citadas anteriormente. Contudo, a partir desse conceito, podemos observar que o termo também pode

<sup>32</sup> O Siqueira se encontra na Regional V, vizinha à Regional VI, e possui população de 33.628 pessoas, também de acordo com dados do IPECE. Mantém IDH ainda mais baixo, com 1,4.

<sup>33</sup> Entrevista com Rafael em junho de 2015.

<sup>34</sup> Entrevista com Rafael, dono e patrão da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em junho de 2015.

nomear diferentes formas de grupamento social. No caso dos Poderosos e Poderosas, para além do que se consideraria uma espécie de extensão da família consanguínea, esse tipo de família é um âmbito de construção de laços e vínculos de amizade. São afetos gerados a partir de ações de amizade.

Amizade, na Língua Portuguesa, tanto se refere a um sentimento como uma relação específica e, de acordo com Rezende (2002), as Ciências Sociais, em uma escassa literatura sobre o assunto, a vê como uma relação afetiva e voluntária, envolvendo práticas de ajuda mútua, trocas íntimas e de sociabilidade, o que necessita de uma certa equivalência ou igualdade de posições entre amigos. Nessa visão, a noção de amizade estaria correntemente alocada no domínio da vida privada. No entanto, aos poucos, essa perspectiva vem ganhando novos rumos a partir de contextos históricos e culturais diferentes, problematizando justamente essa localização da amizade e do afeto na esfera da vida privada. Poderíamos perceber, nesse sentido, níveis de amizade entre esferas, tanto pública como privada, e formas distintas de relacionamento que expandem o sentido do que seja realmente amizade na cena contemporânea.

Ao dialogar sobre amizade, no contexto da Antropologia, Rezende (2002) busca amparo na “antropologia das emoções”, que não visualiza as emoções como estados subjetivos, o que estaria erroneamente mais ligado a uma perspectiva psicológica das relações. No campo da Antropologia, as emoções seriam pensadas como “[...] práticas discursivas permeadas e negociações de poder” (p. 70).

Alguns autores clássicos, como Durkheim e Simmel, ainda no começo do século XX, já ressaltavam o caráter social das emoções. No entanto, somente a partir da década de 1980 este assunto voltou a ganhar enfoque nas Ciências Sociais e, mais ainda, na Antropologia (REZENDE, 2002).

Enquanto Durkheim (2003), sendo um dos primeiros a discutir o caráter social das emoções, dialogou a partir dos fenômenos religiosos, nos quais observava que seus rituais teriam um papel de reafirmação regular dos sentimentos coletivos que unem a sociedade. Simmel abordou o caráter social de sentimentos como fidelidade, gratidão (1964) e amor (1993) de formas bem diferentes que Durkheim, destacando que as formas sociais surgiriam das interações entre os indivíduos. Haveria, assim, uma tensão corrente entre “[...] a flutuação dos estados afetivos internos e a estabilidade das formas de relação” (REZENDE, 2002, p. 72).

Já Mauss, de acordo com Rezende (2002), viria a desenvolver uma análise bem mais aprofundada da constituição das emoções como fato social. Sendo que, para Mauss



(1974), as emoções tanto em sua expressão oral como gestual/corporal formariam um tipo de linguagem plenamente compreendida, o que, para o autor, reforçaria a necessidade de compreender as emoções, acima de tudo, como elementos de comunicação, ou seja, como elementos sociais.

Rezende (2002), ao dialogar historicamente sobre a construção moderna do conceito de amizade, também cita Viveiros de Castro e De Araújo (1977) quando evidenciam que o “[...] surgimento de uma noção de amor está associado à elaboração de um conceito moderno de indivíduo, bem como à construção de um Estado que passa a reger esferas públicas e privadas distintas” (p. 73). A autora cita, ainda, algumas questões teóricas comuns acerca do conceito de amizade entre pesquisadores brasileiros e norte-americanos, que, em um primeiro momento, demonstram uma preocupação em afirmar as emoções como construções culturais e, em outro momento, em discutir que o caráter construído das emoções “[...] implica também uma visão de pessoa enquanto conceito que é, do mesmo modo, elaborado culturalmente” (p. 73).

Há então diversos pensamentos acerca do que seriam emoções e também a amizade no decorrer do século XX. Coaduno com Rezende (2002) quando dialoga que, em detrimento de uma ideia psicologizante ou sociológica, que trata as emoções apenas como maneiras de expressar sentimentos e a amizade como um conceito preestabelecido, devemos analisar as emoções em seu caráter performativo e comunicativo, como formas pragmáticas de construção de relações, colocando em destaque a amizade como algo que não é estanque, mas sim “[...] dependente do contexto em que é produzida e, assim, perpassada por negociações de significado e poder” (p. 74).

Enquanto adolescentes e jovens, os integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas”, que mantêm relações de amizade em meio ao círculo o qual integram, estão mantendo também um campo intenso de negociações e de relações de poder. A própria nomenclatura que utilizam é resultado dessa negociação. No caso, em sua maioria perceptivelmente jovem, essa família também é formada por adolescentes e adultos já estabelecidos, o que segue a corrente tendência de que “[...] quanto maior a longevidade, maior está sendo a juvenilização<sup>35</sup> das idades – é o contraditório movimento da sociedade contemporânea” (MOTTA, 2012, p. 12).

---

<sup>35</sup> Termo que leva em consideração todas as situações geracionais, denota ação de ser e se tornar jovem. Nessa perspectiva, tanto adultos quanto idosos, sejam homens, sejam mulheres, permanecem inseridos em ideais voltados principalmente para as categorias juvenis, ou anseiam por seu retorno; crianças e adolescentes também estão inseridos nessa expectativa, aspirando a juventude. A incidência da juvenilização na contemporaneidade decorre, dentre vários fatores, das estratégias de mídia e dos valores de consumo da sociedade contemporânea (MOTTA, 2012).

A constituição da amizade também deve ser refletida a partir das relações de idade, raça, gênero, classe, dentre outras categorizações sociais, já que há diversos representantes de distintos cenários culturais que, vez por outra, são transversalizados também por esses recortes. Nesse sentido, com nomenclatura dividida por gênero, a família também mantém grupos criados em aplicativos e sites de redes sociais divididos entre representantes do gênero masculino e do gênero feminino.

### **3.3 Da praça para o WhatsApp: onde tudo começou**

Durante a pesquisa, a partir de março de 2015 comecei a acompanhar os diálogos estabelecidos pelo WhatsApp, depois que Rafa, o adm da família, o qual se autointitula e é reconhecido tanto pelo grupo como por aliados<sup>36</sup> como *dono* do grupo, inseriu-me no grupo geral da família “Os Poderosos e as Poderosas” e no grupo das Poderosas. Isso aconteceu após o segundo encontro que tive com o administrador. Rafa é dono por ter sido o criador do grupamento, junto a outras pessoas, e por administrá-lo, sendo ele considerado o patrão ou dono, aquele que dirige e por quem se deve procurar tanto para inserir pessoas no WhatsApp como para começar a fazer parte ativamente da família poderosa.

Conforme citado anteriormente, conheci o Rafa na praça do Lago Jacarey, mas os encontros da família não acontecem lá. Ela habita prioritariamente praças localizadas no bairro Sapiranga e suas imediações, também inseridas da Regional VI. Há diferenças e similitudes entre o uso que a família faz da praça e do WhatsApp tanto temporalmente como espacialmente. Poderíamos assim dizer que, fazendo uma analogia aos fluxos dos rios, a família habita o local da praça para os encontros efêmeros e o WhatsApp para os encontros perenes, sendo que existem intermitências na forma como os encontros se dão nas duas esferas.

Na praça, existe hora para começar o encontro, mas não há hora determinada para terminar. No entanto, os encontros não permanecem acontecendo durante dias e dias. O máximo de duração é até a madrugada do dia seguinte, já que são realizados em locais públicos, rodeados de moradores afetados pelas músicas provenientes dos carros de som, e também pela necessidade de os adolescentes e jovens retornarem às suas moradias a fim de

---

<sup>36</sup> Em Fortaleza (CE), não há somente a família “Os Poderosos e As Poderosas”. Somente no âmbito da Regional VI, que é onde mantenho minha pesquisa, cheguei a conhecer integrantes de cerca de dez famílias. Ao todo, obtive conhecimento da existência de pelo menos 15 existentes nesse perímetro e cerca de 20 grupamentos de outras localidades. As famílias mantêm alianças com outras, ou seja, ligações pacíficas, com intuítos bastante parecidos. Sobre essas alianças, explorarei melhor no desenrolar desse capítulo.

que se recomponham para as atividades do dia posterior. Há uma intermitência de uma semana entre um encontro e outro na praça.

Já no WhatsApp, por mais que começo e fim sejam também indefinidos, o diálogo é contínuo e a limitação da participação dos integrantes acontece devido a fatores de ordem estritamente pessoal. O encontro é perene porque permanece acontecendo dia após dia. Os integrantes da família continuam o contato durante as manhãs, tardes, noites e madrugadas. Quando uns não podem conversar, outros continuam o fluxo. São escalas de diálogo em que há uma permanência de escritos, troca de imagens e sons.

O diálogo, de uma forma geral, é perene, contando também com certas intermitências na participação de tais atores e atrizes sociais, cuja necessidade de parar vem com o sono, o descanso, a escola, o trabalho, as obrigações domésticas, a desconexão da internet, possíveis assaltos em que os celulares são roubados, etc. Há uma profusão de encontros no WhatsApp. Se compararmos com o ambiente da praça ou outros ambientes comunicacionais, é o WhatsApp que mantém o maior fluxo. Serve também como um dispositivo de aproximação e como uma forma de resolução de problemas, assim como destaca Verônica, puxadora da família poderosa.

Eu acho que pras informações, pra família se conhecer mais, interagir todos os dias, com bom dia, boa tarde, boa noite. Quando a pessoa tiver passando por dificuldades, e quiser conversar tem alguém ali que pode chamar no privado, tem pessoas pra conhecer novas, tem novas histórias, novos humores, eu acho que isso muda a vida duma pessoa. Amizade, que às vezes eu acho que uma amizade faz falta na vida duma pessoa, o conselho... Tipo, hoje um menino ia matar uma menina, aí eu falei lá com ele que ele não fizesse isso não. Eu também tava doida pra pegar umas meninas daqui mas não ia fazer isso pra não acabar com a paz e tal... aí ele postou no face, me marcou dizendo que foi boas palavras no momento certo e tal porque ele ia fazer besteira mesmo (informação verbal).<sup>37</sup>

Quando alguns param o contato devido às obrigações, outros tomam o lugar e continuam a movimentar o ambiente. Aliás, quando não há movimentação há reclamação, tanto no WhatsApp quanto nos encontros da praça, como podermos perceber nas imagens a seguir.

---

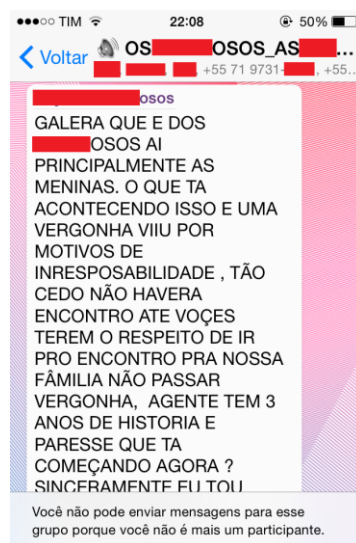
<sup>37</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

Figura 16 - Diálogo printado no grupo das poderosas



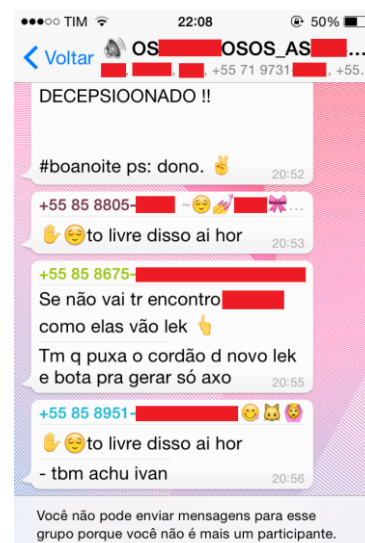
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 17 - Início de diálogo printado no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 18 - Continuação de diálogo printado no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Tais similitudes e diferenças só me foram possíveis porque o dono Rafa possibilitou a minha a entrada nos grupos do WhatsApp, após eu ter facilitado, por meio de caronas em meu carro, a ida de alguns dos adolescentes e jovens à festa de três anos das Poderosas em um sítio em Maracanaú<sup>38</sup>. Logo nos primeiros momentos, estabeleceu-se a curiosidade em conhecer mais a família. Sobre como conheci a família e como conheci Rafael, registrei no diário de campo<sup>39</sup>:

Neste terceiro encontro, caminhei em busca do adolescente Alef<sup>40</sup>, 17 anos, morador da Sapiranga<sup>41</sup>, para que, assim como prometido na semana anterior, ele pudesse me apresentar mais adolescentes e jovens do grupo ‘Os Poderosos e As Poderosas’, do qual faz parte. Infelizmente não o encontrei nesta sexta. Segundo Alef, seria hoje o

<sup>38</sup> Cidade inserida na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

<sup>39</sup> Diário de Campo, março de 2015.

<sup>40</sup> Nessa passagem, citei o Alef, 17 anos, e minha busca por ele na praça do Lago Jacarey. Na ocasião deste diário de campo, já era a terceira vez que frequentava o ambiente. Na ida anterior, havia conhecido Alef quando sentei no mesmo banco de praça que ele. Puxei conversa e ele demonstrou ser bastante solícito às minhas perguntas. Aliás, foi ele que falou a primeira vez sobre a família para mim. Na sexta posterior, não o encontrei mais. Depois que entrei nos grupos da família “Os Poderosos e As Poderosas”, o percebi entre os integrantes. Ele praticamente não conversava, e também não frequentava os encontros na praça do *Imprede*. Depois de um certo período, ele foi removido pelo Rafael do grupo no WhatsApp. Somente em outubro de 2015 pude reencontrá-lo, na pracinha do Alecrim. Não mais como poderoso, agora como integrante de outro grupo.

<sup>41</sup> Bairro também localizado na Regional VI, a Sapiranga (conhecido assim no feminino) congrega as comunidades do Alecrim, Lagoa Seca, Muro Alto, Fronteira, Conjunto Alvorada, Cidade Nova, Pissarreira, Muturo, Uruca e Riacho Doce. Local marcado pela violência, desde 2013 os moradores da Sapiranga, especialmente do Alecrim e da Lagoa Seca, formaram o Movimento “Paz na Sapiranga”, no qual reivindicavam, por meio de passeatas, o reestabelecimento da paz na localidade. Quem era do Alecrim não poderia frequentar a Lagoa Seca, e vice-versa. Depois de muitas mortes, já em março de 2015, as gangues locais compactuaram uma trégua, sem intervenção policial. A partir daí seus moradores passaram a poder frequentar todos os locais da Sapiranga, o que antes não acontecia pelo medo de retaliação e assassinatos.

dia em que a nova camisa dos Poderosos seria entregue. Por essa razão, observei que uma das pessoas que estava caminhando na praça, de braços dados com uma adolescente, estava usando uma blusa com o nome “Poderosos”. Corri ao encontro deles. A adolescente se chama Iara<sup>42</sup> e também faz parte das Poderosas. Perguntei sobre Alef, ela disse que ele estava na praça há pouco tempo, mas que não sabia mais onde ele estaria. Falei sobre meu objetivo de estar ali e então ela me apresentou o adm (administrador) do grupo, o Rafa, 17 anos, que mora no Conjunto Alvorada<sup>43</sup>. Rafa me explicou UMA SÉRIE de coisas sobre o grupo, a maioria de certa forma incompreensível por eu nunca ter me deparado com algo assim. Rafa disse que participava, além dos Poderosos, também de um outro grupo chamado por eles como equipe, que reúne adolescentes e jovens que possuem moto e/ou carro. Expliquei que eu era pesquisadora e estava querendo acompanhar o seu grupo. Ele demonstrou ser bastante aberto. Até quando eu falei que tinha carro ele comentou com um pequeno sorriso ‘já dá pra ser dos *Sem fronteiras*’ (informação verbal).<sup>44</sup>

Por entre os diálogos estabelecidos com os integrantes da família, observei a existência de duas nomenclaturas dadas aos grupamentos: famílias e equipes. Dentre as particularidades apresentadas, está a de que algumas equipes se diferenciam das famílias pela forma como seus integrantes se relacionam. Há os que consideram o termo família característico de grupamentos em que seus participantes têm mais afinidade, se encontram com mais frequência, enquanto equipe seria apenas o ajuntamento, em que os integrantes não possuem um grau elevado de intimidade.

Há equipes e famílias em que é determinado que seus integrantes tenham uma determinada prática comum a fim de que representem e possam realmente participar. Representar é uma ação própria construída por esses adolescentes e jovens integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas”, sendo materializada na ação de se fazer presente e mostrar essa presença perante os outros. No caso da equipe “Sem fronteiras”, para que seus componentes efetivamente representassem e integrassem a equipe, havia a determinação de que seus integrantes deveriam possuir carro ou moto, o que fez com que apenas os possuidores de um ou outro meio de locomoção pudessem efetivamente participar do grupamento. O ato de representar se dá também quando um ou mais componentes de uma família ou equipe comparecem ao encontro de outra família parceira. Isso é bem visto e resulta em retornos positivos para tais grupamentos.

A autodenominação família, além de fazer referência a um nível específico de amizade criada entre seus componentes (REZENDE, 2002), diz respeito também a um aspecto de ajuda mútua e amizade que os componentes tecem cotidianamente pelo uso que

---

<sup>42</sup> Nome fictício.

<sup>43</sup> Comunidade localizada no perímetro da Sapiranga.

<sup>44</sup> Esta nomenclatura é fictícia, mesmo mantendo relação com o nome original, pela necessidade de preservar a identidade de seus integrantes. Ainda durante a pesquisa de campo, essa equipe se desfez. Bastante conhecida entre as famílias e equipes do perímetro do Conjunto Alvorada, esta equipe já existia há mais de um ano. Seu término se deu devido a conflitos internos, principalmente entre membros de sua diretoria.

fazem do WhatsApp e pelos momentos de encontro, em que contam com os participantes como amigos a quem poderiam se remeter a qualquer tempo. De acordo com alguns dos integrantes, essa denominação é ainda mais íntima que equipe, como a poderosa Verônica, de 16 anos, faz questão de reforçar: “Equipe é um nome dado a todas as equipes que têm aqui no bairro, tem várias equipes no bairro. E família é um modo carinhoso de interagir quando nós coloca (*sic*) família poderosos” (informação verbal).<sup>45</sup> Para ela, todos os grupamentos do bairro que têm a organização parecida com a da família poderosa são equipes, mas nem todas as equipes são famílias.

Ainda em diálogo sobre o que é e o que não é ser família, comecei também a indagar os adolescentes e jovens sobre como seriam constituídas suas famílias originárias e aquelas com as quais se identificaram em meio às *galeras*.<sup>46</sup> Verônica fez o comparativo e trouxe elementos interessantes acerca dos dois espaços de sociabilidade.

Bom... dentro de casa mesmo agora só tá eu, a minha mãe e dois irmãos, a Sulamita<sup>47</sup> que também faz parte dos poderosos, e o Tião<sup>48</sup>, de sete anos. Fora tem o meu namorado, né? Tem meu pai. E minha relação é boa... é boa. Sempre brigo com algumas pessoas, né? Da família... mas é boa. Bom... minha família carnal... que é minha família... assim... tem minha mãe que é uma pessoa que eu jamais vou substituir por ninguém, meu pai, meus irmãos, que querendo ou não minha irmã, pode ser chata como for que às vezes eu tenho vontade de espancar ela, mas é minha melhor amiga, né? Então assim, dentro de casa, ela e minha mãe, eu e minha mãe às vezes temos nossas desavenças. Mas com elas, a pessoa pode ter certeza que é uma coisa mais íntima, se sentir mais bem. Agora as pessoas de fora que é a família dos poderosos nós vamos conhecendo pouco a pouco e é ali que nós vamos poder considerar alguém como amigos, porque no momento é colegas que nós tem, entendeu? Não pode considerar como amigo porque hoje em dia é difícil a pessoa contar realmente quem é amigo, entendeu? A pessoa conta nos dedos... então assim, eu considero algumas pessoas como amigo e outras como colega... e procuro cada vez a amizade ir preenchendo, preenchendo pra que vire uma coisa melhor e eu possa chamar de irmão ou irmã (informação verbal).<sup>49</sup>

A dimensão da amizade também está inserida nessa percepção. Um dos atos de elaboração de estratégias de intimidade está na oportunidade gradativa de conhecimento do outro. Verônica expõe que primeiro há o reconhecimento do coleguismo. Depois, dependendo da proximidade e dos níveis de intimidade tecidos, a partir também do estabelecimento de

<sup>45</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

<sup>46</sup> Vez ou outra, os adolescentes e jovens se reportam às famílias e equipes como galeras. Tal expressão já é bastante utilizada entre as juventudes e já foi objeto de estudo de pesquisadores em Fortaleza (DIÓGENES, 2008). Para Yúdice (2006), em meio à sua pesquisa sobre a Funkificação do Rio, “[...] a palavra ‘galera’ é utilizada metaforicamente pelos jovens para referir-se à densa multidão que se junta nos clubes de dança”. “Galera” também é a parte do barco onde ficavam os escravos durante a viagem da África ao Brasil (YÚDICE, 2006, p. 503).

<sup>47</sup> Nome fictício.

<sup>48</sup> Nome fictício.

<sup>49</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

uma confiança mútua, a amizade pode gerar irmãos e irmãs. Nesse sentido, cabe trazer como Lisboa (2012) compara os dois tipos de relação.

A experiência de amor e afeto proveniente das relações de amizade é única no ciclo vital. Os amigos reconhecem a consideração positiva e o cuidado que uns dedicam aos outros e, desta forma, experimentam sentimentos de mais valia. As relações afetivas com pais, por exemplo, provêm de uma natureza hierárquica distinta e existe uma expectativa social de que os pais devem amar seus filhos, por isto, o afeto e a aceitação que a criança experimenta nas relações com os pais podem não ser tão poderosos e influentes no seu processo de desenvolvimento como o sentimento de afeição demonstrada livremente por um amigo (p. 87).

Para além da liberdade e autonomia que se prevê para a construção de relações de amizade, no caso da família poderosa, há também formas de hierarquização, mas não comparáveis às usuais das relações entre pais e filhos. É um outro tipo de construção que denota mais organização, formas de solidariedade e ajuda mútua, que o exercício de poder consanguíneo. Não há entraves para fazer parte da família poderosa. No entanto, as pessoas que quiserem precisam obedecer algumas normas de conduta. Para a minha entrada no grupamento, não houve especificamente um tipo de ritual de iniciação. Houve um diálogo sincero, de apresentação de quem eu seria e o que estaria fazendo naquele ambiente. E, mesmo assim, só pude entrar quando demonstrei que estaria disposta a ajudar, mesmo que utilizando o meu carro para isso.

Nos trechos produzidos em diários de campo que apresentei anteriormente e o que virá a seguir, Rafael observou que, por eu ter carro, já poderia ser da equipe “Sem fronteiras”. Essa equipe limitava a participação às pessoas que possuíam veículos automotores. Além disso, no dia posterior, auxiliiei “Os Poderosos e As Poderosas” a levar alguns de seus integrantes à festa de aniversário de três anos da ala feminina da família, realizada em um sítio de Maracanaú<sup>50</sup>, o que me propiciou uma boa *representação*<sup>51</sup> na família.

Passei praticamente todo o domingo em pesquisa de campo. Na sexta, 20, já havia ouvido do Rafael que haveria uma festa em celebração aos três anos das “Poderosas” no domingo em seguida, dia 22. De pronto fiquei bastante interessada. Seria o momento em que eu poderia conhecer mais pessoas da família “Os Poderosos e as Poderosas”. Mas neste primeiro momento não consegui pedir para também comparecer ao evento ou, como eles dizem, para “colar lá”. Já no domingo, assim que acordei, vi uma postagem feita na noite anterior pelo Rafa em seu perfil no Facebook sobre a festa. Fiquei interessada em participar da festa. Um pouco mais de 10h da manhã comecei a conversar com Rafa pelo WhatsApp e pedi para ir à festa também. Ele me perguntou se eu poderia ir com o carro. Eu disse que sim e, logo em

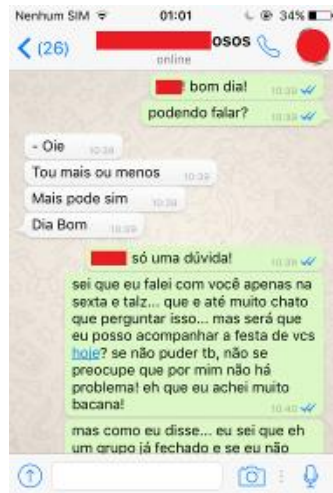
<sup>50</sup> Cidade inserida na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

<sup>51</sup> Representa quem ajuda a família, participa dos encontros, auxilia no que for preciso e está presente também em encontros de famílias aliadas. É uma categoria nativa de demarcação da forma de participação dos integrantes da família. Os que mais representam podem chegar também a, um dia, fazer parte da diretoria.

seguida, ele falou que eu poderia ir (informação verbal).<sup>52</sup>

E o diálogo no WhatsApp com o Rafael se deu desta maneira:

Figura 19 - Imagem printada de início diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa



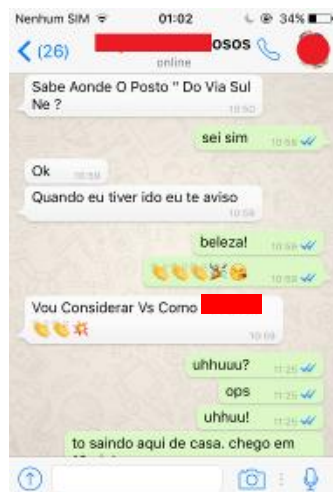
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 20 - Imagem printada de continuação de diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 21 - Imagem printada de continuação de diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 22 - Imagem printada de continuação de diálogo privado com Rafael, patrão da família poderosa<sup>53</sup>



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Após o episódio em que auxiliei a locomoção ao aniversário da família, fui inserida nos grupos do WhatsApp. Fui considerada um “adianto” para a família por ter

<sup>52</sup> Diário de Campo, março de 2015.

<sup>53</sup> Em grande parte das vezes, os integrantes da família se comunicam por áudio. Este é um recurso gratuito do WhatsApp que pode tanto ser utilizado em conversas privadas, quando há o diálogo bidirecional, como no grupo, onde todos os que participam podem ouvir. No caso do áudio enviado a mim pelo Rafael, foi seu sobrinho que disse “saindo de casa”.



representado auxiliando nesta locomoção<sup>54</sup>. O próprio Rafael expôs que eu já seria considerada poderosa após essa situação. Nesta oportunidade, demonstrei uma determinada habilidade em resolver um conflito corrente, o que para Lisboa (2012) seria uma oportunidade também de inserção em grupos de amizade já definidos, facilitando assim minha entrada na família e, de certa forma, minha abertura para a criação e o fortalecimento da amizade com a família, como pode ser percebido nas imagens a seguir.

Figura 23 - Diálogo de acolhimento da pesquisadora no grupo das poderosas. Grupo 1.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 24 - Continuação do acolhimento da pesquisadora no grupo das poderosas. Grupo 1.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 25 - Acolhimento da pesquisadora no grupo geral da família poderosa. Grupo 2.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Em determinados momentos, essa habilidade de resolução de conflitos é almejada, principalmente por entre os membros da diretoria da família poderosa.

Durante a festa, também percebi o quanto o uso do celular era assíduo. No entanto, nem todos estavam utilizando o celular durante o momento, como pode ser percebido nas imagens seguintes, em que as jovens participam da festa dançando.

<sup>54</sup> As imagens dos *prints* da minha inserção nos grupos de WhatsApp da família estão nas Figuras 5, 6 e 7 dos grupos 1 e 2 apresentadas mais à frente.

Figura 26 - Registro da festa de três anos das poderosas



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 27 - Registro da festa de três anos das poderosas



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Algumas das adolescentes e jovens me perguntaram se eu poderia guardá-los. Isso demonstrou um grande nível de confiança com alguém que elas acabaram de conhecer. Creio que a confiança se deu, em primeiro lugar, por eu ser a única pessoa daquele local que conseguiria guardar os equipamentos em local seguro, no meu próprio carro, tendo em vista que eram muitas pessoas na festa e não havia local determinado para a guarda dos equipamentos e documentos. Sossegadas de onde estariam seus pertences, as poderosas então poderiam passar praticamente o dia todo dançando e tomando banho na piscina. Sobre o uso do celular, também registrei uma passagem em meu diário de campo.

Durante toda a tarde, grande parte dos integrantes da festa tirava fotos e gravava vídeos dos momentos. O uso do celular é indiscriminado e todos/as podem tirar fotos e gravar vídeos do que quiserem sem nenhum constrangimento<sup>55</sup>.

Os registros foram intensos e posteriormente compartilhados nos grupos de WhatsApp da família. É comum que os participantes dos eventos, inclusive esse em especial, compartilhem seus registros a fim de que outros que não estavam no momento possam participar de alguma forma. O compartilhamento é também uma forma de comprovação de participação dos que puderam ir. Quanto mais pessoas nas fotos e nos vídeos, melhor. Famílias com muitos membros, a partir desse ato, mostram força perante seus iguais.

Todos os dias, entre esses meses iniciais de pesquisa, e com ainda mais frequência em dois períodos específicos, entre março e maio, e agosto e outubro<sup>56</sup>, enxurradas de diálogos eram percebidos por mim nos grupos os quais passei acompanhar no WhatsApp. Assim como fui inserida no grupo pelo administrador Rafael, outras pessoas também foram

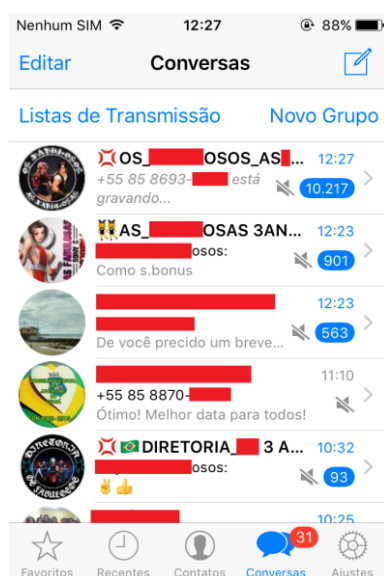
<sup>55</sup> Diário de Campo, março de 2015.

<sup>56</sup> Entre junho e julho de 2015, a família “Os Poderosos e As Poderosas” passou por uma crise. Muitos adolescentes e jovens evadiram, não participando mais nem dos diálogos no WhatsApp, nem comparecendo aos encontros nas praças. Isso movimentou o grupamento e fez com que novos grupos fossem criados no aplicativo. Sobre este momento, dialogo com mais intensidade ainda neste capítulo.

inseridas e também removidas. Sempre que alguém é adicionado ao grupo, diferentes pessoas já inseridas e presentes no momento saúdam aquele que entra. Assim, também passei a saudar aqueles que entravam se eu visualizasse no momento.

Houve momentos em que passei poucos dias sem acessar o grupo geral dos Poderosos, seja porque estava sem acesso ao celular<sup>57</sup>, seja pela real necessidade de identificar a quantidade de mensagens que o grupo produzia. Em cerca de cinco dias sem utilizar o serviço do WhatsApp, cheguei a presenciar o acúmulo de pelo menos dez mil mensagens produzidas pelos integrantes dos grupos. A partir daí, como pode ser observado nas imagens a seguir, constatei que o uso do celular é ainda mais acentuado por este grupo social específico.

Figura 28 - Registro da quantidade de diálogos nos grupos da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Neste caso, vê-se quão intensa é a ação de estar conectado neste grupo específico. Este fato, assim como destaca Oliveira (2008), poderia ser utilizado como exemplo para a discussão acerca da importância de estar conectado na sociedade contemporânea. Seria isso, para Oliveira (2008), “[...] o ato de estar em permanente condição de fazer sentido para si e para o outro” (p. 35). O sentido seria assim construído entre os que fazem parte deste grupo, sendo que sua construção permanece constantemente em aberto de acordo com a ligação desses sujeitos usuários com as mídias que são constituídas como suporte para seus diálogos, seja como destinatários, seja como receptores.

<sup>57</sup> Em um dos momentos, estava doente e sequer conseguia aguentar a iluminação do celular. Por não ter falado ao administrador Rafael sobre o que estava acontecendo comigo e por não ter conseguido participar de duas das reuniões que o grupo mantém semanalmente, o adm me retirou dos dois grupos.

### 3.4 Diretoria, alianças e as formas de organização

A família “Os Poderosos e As Poderosas” mantém uma grande quantidade de integrantes. Pelo menos cem pessoas interagem nos grupos do WhatsApp e cerca de trinta efetivamente participam dos encontros semanais nas praças. Além de poderosos e poderosas, também fazem parte dos grupos os integrantes de outras famílias e equipes aliadas. Todos os que permanecem em contato nos grupos do WhatsApp e na praça não são necessariamente poderosos. E nesses ambientes há uma boa convivência, ou mesmo tolerância, entre os integrantes.

A diretoria constantemente se faz necessária como órgão regulador e organizador. São os membros da diretoria que dialogam acerca de onde se darão os próximos encontros, como a família deve proceder em momentos de crise, assim como para a produção de vestimentas, faixas e outros acessórios que venham a ser confeccionados. A diretoria também se faz necessária como forma de agregar e potencializar encontros entre aqueles que ainda não se conhecem.

Para Latour (2012), “[...] quando o poder é exercido duradouramente, isso ocorre porque não é feito laços sociais (sic); quando precisa confiar unicamente em laços sociais, não dura muito” (p. 102). Interessante que a criação de uma diretoria com caráter normativo para esse determinado grupamento faz também compreender que a organização deste grupamento não conseguiria se concretizar autonomamente. Isso poderia ser exemplificado pela força-tarefa com que a diretoria trabalha para que a família permaneça em atividade, convocando os integrantes para reuniões, enviando representantes nos encontros de outras famílias, produzindo camisas, faixas e adereços como suportes de comunicação, divulgação e autorreconhecimento, dentre outras ações.

As interações e associações acontecem por meio de relações de poder e uma diversa gama de negociações. Mesmo que esse caráter associativo, muitas vezes, seja reforçado pela necessidade de fortalecimento de amizades que já existem e de amizades que poderão florescer, em diversos momentos me deparei com adolescentes e jovens integrantes deste grupamento que não sabiam especificamente porque ele existia e qual o sentido de sua constituição com esse viés agregativo.

De certa forma, dialogar sobre redes de associações também é dialogar sobre laços. No entanto, é preciso compreender suas fragilidades e constantes mutabilidades. Tanto é que, para integrar a família poderosa, não é necessário que se participe de algum ritual específico. Muitas vezes, basta conhecer um dos jovens poderosos, ser apresentado por

intermédio dele aos diretores, ou mesmo deixar o telefone de contato do WhatsApp no perfil do Facebook do grupamento. Entretanto, mesmo sem regulamentação clara para o ato de entrar na família, há normas para a permanência.

A norma é assim... São, se eu não me engano, cinco normas: entra na família quem representa; tem a diretoria, que faz o seu papel de crescer o grupo; tem os dias dos encontros, que é obrigatório quem faz parte da família ir; devido a que não poder ir, deixar bem claro o motivo por não querer ir, não dar pra ir, quer dizer; e o quinto é de organização de cada pessoa ter seu próprio dever de fazer o que a diretoria deixar bem claro pra poder organizar. Esses são os cinco temas. Fora isso, eehhh... só mesmo os cinco papéis (informação verbal).<sup>58</sup>

Também é política da diretoria o ato de *representar*. Tal ato é requerido entre as famílias que mantêm aliança. Representar significa, além de manter presença constante nos encontros da própria equipe, também ir a determinadas reuniões semanais das equipes aliadas. Essa é um tipo de norma e expectativa social erigida na forma como os grupamentos se relacionam. Não basta apenas ser, estar e pensar (CAMPOS, 2013), é necessário aparentar e, para isso, exercer o ato de representar nessas famílias e equipes. Há também a ação de encontro conjunto, onde várias equipes e famílias decidem se reunir em um encontro só.

Entre os membros da diretoria estão os donos, considerados assim por terem sido os fundadores da família, e a linha de frente, composta pelas puxadoras, essencialmente mulheres. Até pouco tempo existiam apenas quatro donos, os que originalmente fundaram a família e a Bianca<sup>59</sup>, 14 anos, que acabou sendo chamada para ser também patroa, ou também chamada dona, poderosa. Em outubro, houve uma grande movimentação na diretoria. Sobre a divisão de tarefas da diretoria, Bianca explicou em entrevista realizada em setembro de 2015.

Eu tenho mais autoridade só com as meninas. O que o Rafael mandar, precisar fazer, eu faço. Também antes de ele mandar eu fazer, quando eu sei que eu preciso fazer, eu faço antes dele pedir. Puxadora é por causa de cada bairro ter uma pessoa. Vamos falar que tem que puxar as pessoas do bairro pra ir pros encontros. A patroa não, os patrões não, são mais os assuntos mais da diretoria, dentro da diretoria, fica responsável pelas coisas mais responsável do que os puxadores. É... blusa, evento, encontro na casa de praia, deixa eu ver... é mais isso. É procurar gente pra poder entrar na equipe. Os puxadores não, cada bairro tem um puxador. Os puxadores já têm o direito de pegar as pessoas dos bairros e levar pros encontros. Esperar nos terminal. Ir pros encontros com as pessoas, entendeu? Tipo, trazer mais gente pra família. Antes se chamava puxador, agora é linha de frente. Linha de frente de cada bairro. Como patrão é eu, Rafael, Sandra e o Richell. Pronto, aí os puxadores são o resto, entendeu? Não o resto... assim. Não é tipo sendo excluídos. Mas eu tô falando de patrões são só esses. Puxadores são o resto do pessoal da diretoria. Mas a autoridade é a mesma. É porque só patrão que tem mais autoridade do que o puxador

<sup>58</sup> Entrevista com Rafael, dono e patrão da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em junho de 2015.

<sup>59</sup> Nome fictício.

não. Cada um tem a mesma autoridade (informação verbal).<sup>60</sup>

Tal divisão de tarefas é conhecida entre os que compõem a diretoria, mas nem sempre todos os que integram o grupamento sabem como se dá o processo de escolha dos membros da diretoria, nem quais são as funções determinadas para cada pessoa. Frequentemente, a escolha dos novos componentes se dá com a saída de outros da diretoria. E a composição da diretoria não pode ficar defasada porque, se assim acontecesse, todas as funções poderiam recair sobre o Rafael, deixando-o sobrecarregado.

É Rafael quem, frequentemente, *puxa* os encontros semanais, quem sugere mudanças para as diretorias, quem também gera a identidade visual da família para as camisas, faixas e outros materiais. É ele ainda quem organiza os grupos no WhatsApp, atuando como mediador de discussões, assim como inserindo e removendo pessoas que não estão participando ativamente dos grupos. Sua função como dono também extrapola o WhatsApp, sendo ele um grande amigo com o qual muitos dos poderosos acabam contando. Na diretoria, além de Rafael existem outros diretores, assim como as funções pré-determinadas. No entanto, Rafael, por ser bastante conhecido entre todos, acaba se configurando como a principal voz de comando.

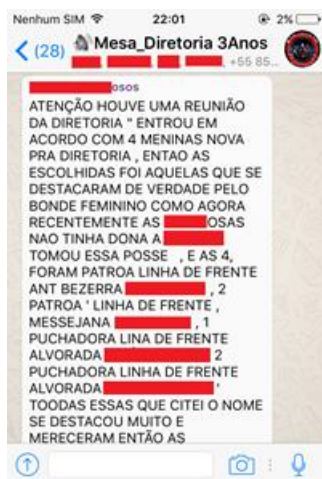
Quanto às novidades do mês de outubro, citadas anteriormente, estão as de que a cunhada do Rafael acabou tomando posse na diretoria, porque a outra diretora ainda não está podendo participar<sup>61</sup>, e houve um incremento de quatro meninas às *puxadoras*, já que as outras decidiram sair, seja porque não queriam mais participar, seja porque ingressaram em outras famílias e equipes.

---

<sup>60</sup> Entrevista com Bianca, patroa da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em setembro de 2015.

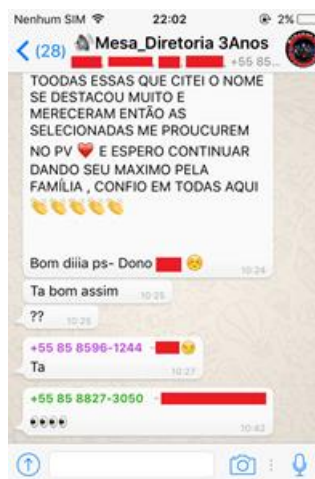
<sup>61</sup> A diretora Sandra ainda não está podendo participar porque teve filho há pouco tempo e ainda está em resguardo.

Figura 29 - Início de diálogo no grupo da diretoria



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 30 - Continuação de diálogo no grupo da diretoria



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Agora, a família poderosa mantém uma puxadora do bairro Antônio Bezerra, uma da Messejana e duas do Conjunto Alvorada. Essa decisão foi tomada em reunião.

Em Fortaleza, como citado anteriormente, há outras famílias e equipes criadas e gerenciadas pelo WhatsApp, mantidas também a partir de encontros semanais em locais públicos da cidade. Entre elas surge o que convencionalmente é chamado de aliança. As alianças acontecem entre essas famílias e equipes<sup>62</sup>, configurando-se como uma espécie de parceria. Na pesquisa de campo, todo encontro ao qual participei contou com a presença de famílias aliadas. Os integrantes das famílias são reconhecidos facilmente. Normalmente, a maioria vai ao encontro vestido com a camisa oficial da família, que a utiliza primordialmente com esse intuito de se fazer reconhecer.

Se retomarmos Latour (2013) sobre a discussão acerca do que poderia ser considerada uma aliança, ele expõe que ela mantém caráter ambíguo: tanto pode ser uma boa como uma má palavra. Reforça que toda palavra só pode ser considerada boa se realmente for utilizada como forma de cruzar fronteiras entre pessoas e objetos. Esse sentido também está explícito na Teoria do Ator-Rede, que reforça a necessidade de considerarmos os atores e as atrizes sociais, humanos ou não humanos, como actantes no processo de construção de relações sociais. As alianças são constituídas neste formato, na medida em que são criadas e fortalecidas no campo da praça ou pelo WhatsApp, sendo tais campos ambientes agregativos de práticas e trocas culturais.

Nesse aspecto, se trabalharmos com o que discute Viveiros de Castro (2007),

<sup>62</sup> Existem famílias que também praticam o chamado *rolezinho*, em que saem de um ponto fixo pré-marcado por WhatsApp, com suas motos e carros, com o intuito de passear pela cidade. Tais carros e motos carregam também adesivos nos veículos como mais uma forma de divulgação de qual seria a família.

aliança, no sentido de “dom”, poderia ser uma ação recíproca. No entanto, todo ato que requer reciprocidade, um ato de retorno, de provocação de resposta, pode ser considerado também um ato violento. Seria, para Viveiros de Castro (2007), “[...] a aliança como roubo recíproco da alma” (p. 121). As alianças entre famílias e equipes instauradas no âmbito da Sapiranga requerem reciprocidade. Isso está bem evidente principalmente em momentos de crise, como a que aconteceu por ocasião do Dia das Crianças em outubro de 2015, e que será mais detalhadamente exposta ainda neste tópico.

Quanto à violência nesse ato de reciprocidade, poderíamos supor que, se certas normas não forem obedecidas, as alianças estariam comprometidas. E a família ou equipe responsável poderia ser julgada publicamente e atestada como incompetente ou irresponsável pela quebra do contrato pré-estabelecido.

Segundo alguns dos integrantes das famílias com as quais mantive contato, foi exposto que alianças são formas de ajudar as famílias a crescerem, a conquistarem mais adeptos, a serem reconhecidas perante outras famílias. Essa é uma necessidade para que a família exista, a sua necessidade de visibilidade.

Para isso, além das alianças, as famílias também promovem “ações sociais”<sup>63</sup> em parceria, em que arrecadam alimentos, distribuem presentes para crianças, marcam doações coletivas de sangue, dentre outras atividades, também como uma forma de dizer para as comunidades do entorno das praças onde realizam os encontros que não se sintam ameaçadas pela quantidade de pessoas que fazem parte dos eventos.

É comum que as famílias e equipes representem no encontro de outras famílias equipes aliadas. “Os Poderosos e As Poderosas” também o fazem constantemente. Essa é uma forma de fortalecer os laços com as aliadas, demonstrando que estão disponíveis para o que precisarem. Em abril de 2015, quando pude acompanhar a família poderosa ao encontro de uma outra família presente no Jardim América, cerca de 60 pessoas, entre adolescentes, jovens, homens e mulheres, realizaram um encontro de comemoração pela campanha de doação de sangue que havia sido realizada no período da Páscoa.

Divididos entre homens e mulheres, cada bonde, feminino e masculino, comemorou a vitória da campanha e fez uma comemoração particular pela data da Páscoa. Como sou mulher, pude participar mais ativamente da comemoração do bonde feminino, que

---

<sup>63</sup> São atos em que as famílias ou equipes, a partir do trabalho conjunto de seus integrantes, realiza momentos de auxílio à comunidade onde moram ou a alguma pessoa, conhecida de todos, que esteja necessitando de alguma ajuda. Pode ser uma reunião para que todos possam doar sangue, a arrecadação de quilos de alimentos não perecíveis, alguma ajuda financeira etc. Normalmente, é a diretoria que puxa o ato, solicitando a todos os componentes que contribuam com algo.



presenteou com chocolates as meninas presentes. Ganhei um chocolate. Também fui até a reunião dos jovens, onde fiquei sabendo sobre a organização de uma espécie de festa<sup>64</sup> onde apenas os homens pagariam e as mulheres entrariam “na faixa”.<sup>65</sup>

Figura 31 - Registro fotográfico de encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 32 - Registro fotográfico de encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

No caso desta família, autodenominada equipe, participam mulheres e homens donos de veículos automotores ou que mantêm companheiros/as que os têm. Várias motos e carros estavam estacionados ao lado da praça. Essa característica é levada em conta para o nome da equipe, que costuma realizar “rolezinhos”, ou seja, passeios de carro e moto pela cidade, com barulhos característicos vindos do pipocar das descargas.

Neste dia de comemoração pela Páscoa e pela doação de sangue, “Os Poderosos e As Poderosas” foram representar no encontro. Durante o momento de confraternização, quatro viaturas do Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE), da Polícia Militar, compareceram ao encontro, causando bastante desconforto. Todos os homens foram impelidos a ajoelhar na praça e passarem por revista, o famoso baculejo.<sup>66</sup> Aliás, é comum, nas periferias urbanas, o ato do baculejo praticado por policiais com jovens considerados indesejados pela polícia ou mesmo pelas próprias comunidades.

As mulheres permaneceram olhando e algumas até choravam por verem seus companheiros serem tratados de uma forma por vezes truculenta. Pelo que me foi explicado

<sup>64</sup> São comuns as festas em que existe essa divisão. Os homens pagam a festa e as mulheres são consideradas a diversão. Também há festas em que as mulheres pagam bem menos. No entanto, é constante essa ideia de que as mulheres são a diversão, seja porque dançam, seja porque podem virar “botes”, ou seja, possibilidades de paquera e romance.

<sup>65</sup> Significa gratuitamente.

<sup>66</sup> É uma revista decorrente de abordagem policial, expressa como um ritual de poder em que agressões físicas são praticadas por policiais contra adolescentes e jovens (SÁ; NETO, 2011).

por um dos policiais, a comunidade do entorno da praça fez uma denúncia pelo medo da concentração de pessoas fardadas na localidade.

Isso demonstra o quanto a comunidade do entorno da praça, onde os encontros acontecem, ainda carrega forte suspeita com relação a este grupamento. São jovens considerados indesejáveis para a comunidade do entorno, vistos também como *vagabundos*, e que constantemente passam pelo ato de revista e baculejo como o que presenciei naquele momento. Aliás, presenciei tal ação policial algumas vezes. Esses momentos me causaram bastante desconforto e agonia pela forma como os jovens estavam praticamente habituados com essas situações.

Figura 33 - Registro fotográfico de batida policial em encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 34 - Registro fotográfico de batida policial em encontro de família aliada onde houve participação de integrantes dos poderosos



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Como salientado, a relação da equipe com a comunidade ainda não é tão próxima, o que causa tal desconforto vez por outra. Costumeiramente, a praça é tomada por esta equipe pelo menos um dia na semana. Os policiais que foram ao encontro e fizeram a batida também investigaram se todas as motos e os carros estavam devidamente licenciados ou se existia algum veículo roubado. Chamaram dono a dono, solicitaram identidade e documentos de cada veículo e, em alguns casos, de forma bastante grosseira, chamando os jovens de *vagabundos*.

Depois da batida policial, em que ficou comprovado que nenhum veículo era roubado e que todos tinham os documentos oficiais de porte, os policiais deixaram o local. Ficou decidido que a equipe iria se reunir no meio da praça e não mais na ponta, a fim de evitar qualquer confusão com a comunidade. Os donos da equipe parabenizaram a todos por estarem *limpos* e também por não terem corrido nem se desesperado perante a ação policial.

Verifiquei se o ocorrido também teria sido discutido nos grupos de WhatsApp da família poderosa, mas nenhuma linha foi escrita acerca do assunto. Certas crises que não

correspondem à família poderosa não são colocadas em pauta nos grupos. Assim como tais ações policiais são bastante corriqueiras e naturalizadas, não sendo expostas como fatos novos entre os demais. Atento para este fato tanto por meu objeto de pesquisa se dar entre o uso da praça e do WhatsApp como ambientes de encontro, quanto pela constante distinção que se faz dos recursos humanos e não humanos dentro da construção do social.

Por entre as famílias e equipes aliadas, além da sujeição a certos conflitos gerados externamente, há também conflitos gerados no interior dos grupamentos que, por vezes, podem resultar em quebra de alianças. Posso considerar assim externos os conflitos com os quais a família poderosa lida, mas não necessariamente está envolvida, e internos aqueles em que a família não só está inserida, como também é agente no processo de construção dos conflitos.

No Dia das Crianças de 2015, tanto a família poderosa como a sua equipe aliada “Pega na carreira”<sup>67</sup> combinaram de realizar uma ação específica de entrega de sacolinhas com bombons e pipocas para crianças da região da Sapiranga. A proposta seria comparecer às 9h da manhã do dia 12 de outubro de 2015, uma segunda-feira e feriado, para a entrega de várias sacolinhas às crianças moradoras da localidade, com percurso previsto para começar na pracinha do Conjunto Alvorada.

Pelo menos um mês antes, “Os Poderosos e As Poderosas” já haviam marcado também que no final de semana dos dias 10 e 11 de outubro haveria a reunião em uma casa de praia para congregar a família em uma grande curtição, com muito som, comida, bebida e interação entre os poderosos e representantes de outras famílias aliadas. A previsão era de que a festa terminasse no dia 11 de outubro. No entanto, terminou apenas ao final do dia 12 de outubro, data em que seria realizada a entrega das sacolinhas em comemoração ao Dia das Crianças.

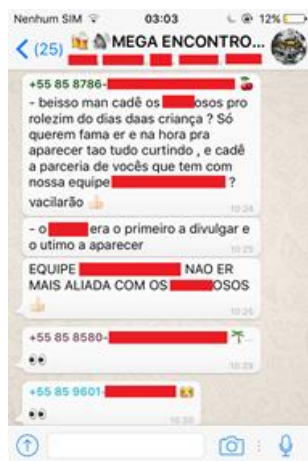
Rafael reforçou, antes de embarcar para a casa de praia, que ele e outros poderosos estariam na segunda pela manhã na praça do Conjunto Alvorada a fim de concretizar o prometido. No entanto, nem Rafael e nem os poderosos designados compareceram. Todos permaneceram na casa de praia, o que gerou muito conflito e confusão nos grupos de WhatsApp tanto da família poderosa quanto da equipe “Pega na carreira”. Até

---

<sup>67</sup> A equipe “Pega na carreira” também é oriunda da região da Sapiranga. Muitos de seus integrantes moram nessa comunidade ou em suas imediações. Antes, existia a equipe “Sem Fronteiras”. Quando comecei a participar ativamente dos grupos no WhatsApp da família poderosa, percebi uma aliança forte entre a “Sem Fronteiras” e a “Os Poderosos e As Poderosas”. No decorrer do ano de 2015, após o aniversário de um ano da “Sem Fronteiras”, a equipe foi desfeita. A informação é de que conflitos na diretoria ocasionaram o rompimento da equipe. Muitos dos órfãos desta equipe começaram a pensar em criar uma outra também na mesma região. Foi daí que surgiu a “Pega na carreira” com muitos dos remanescentes da equipe “Sem Fronteiras”.

este momento, havia me perguntado várias vezes sobre como se dá, efetivamente, o término de alianças entre as famílias e equipes. Houve algumas vezes em que discussões internas entre componentes de uma família e de outra ocasionaram celeumas que poderiam ter sido revertidas em cisões entre os grupamentos aliados. No entanto, eram ações pontuais entre pessoas e não entre famílias, o que fazia com que tais crises fossem solucionadas de uma forma mais simples, exigindo apenas o reconhecimento mútuo dos erros cometidos e um sincero pedido de desculpas tanto à família quanto ao outro que poderia ser considerado vítima na história.

Figura 35 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 36 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 37 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 38 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



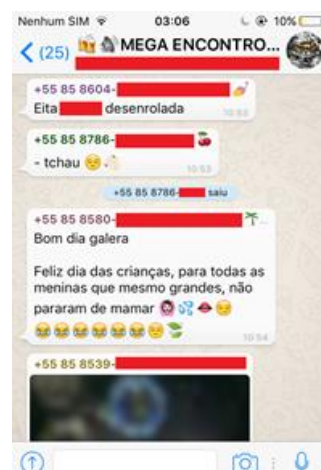
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 39 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 40 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Para Simmel (1983), “[...] um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma 'união' pura (*Vereinigung*), não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um

processo de vida real” (p. 124). A partir disso, percebo que conflitos fazem parte da realidade dos grupamentos seguidos e que tais desavenças também auxiliam o “magma” (VENTURINI, 2010) que une os integrantes de cada equipe, assim como pode fortalecer a aliança.

Devido à acusação de falta de compromisso que a família poderosa teve que arcar, Rafael decidiu reunir os diretores e integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” e da equipe “Pega na carreira” para dialogar acerca do ocorrido. A reunião aconteceu no dia 13 de outubro de 2015, às 20h, na praça do Conjunto Alvorada. Lá a família poderosa também pôde, pela primeira vez, expor a primeira faixa confeccionada pelo grupamento. No âmbito da reunião, as controvérsias foram expostas. Tanto a equipe “Pega na carreira” ficou bastante chateada por não ter visto a família poderosa presente no dia da entrega dos presentes para as crianças, como a família poderosa demonstrou toda a sua chateação por ter sido chamada de “piranguera”<sup>68</sup> no WhatsApp.

Inserida neste rol de denominações está também a palavra *curtição*. Há famílias e equipes que são apenas de curtição. A diferença é que as consideradas assim não fazem campanha alguma para o auxílio de pessoas que precisam. Afinal, são comuns as ações de arrecadação e doação das famílias, como falado anteriormente, seja de sangue, de alimentos ou mesmo remédios. Verônica, 16 anos, falou sobre o assunto em entrevista.

Não é só curtição... até porque eu não sou da diretoria, mas sempre fico falando... faz um dia de arrecadação de alimentos, pra poder dar pra alguma ONG, porque só o que tem aqui no bairro é ONG carentes precisando de alimentação... tipo a que eu dava aula lá quase fecha porque lá num tinha nem alimentação pra dar pras crianças (informação verbal).<sup>69</sup>

Verônica poderia até não ser da diretoria no período em que realizei entrevista, mas não necessariamente precisaria ser para dar ideias de como ajudar o outro. Aliás, os integrantes das famílias e equipes com os quais pude me aproximar, em sua maioria, são bastante cientes desse papel de ajuda que cada grupamento oferece e até reforçam a necessidade de permanecerem nesse formato.

O conflito entre família e equipe abriu uma caixa-preta, o equivalente ao que poderia ser uma caixa de pandora, como já foi citado no primeiro capítulo em referência a um conceito utilizado por Latour (2011). Trazendo para a discussão do social e como as associações/redes são construídas, seria um tipo de estabilização temporária em que vários

---

<sup>68</sup> Fazer “pirangagem” é o ato de descumprir a palavra, de não honrar aquilo que foi prometido. “Pirangueiros” também são considerados aqueles que não possuem meta definida de vida, nem responsabilidade sobre suas ações. Também são aqueles considerados perigosos, que podem causar algum dano ao patrimônio particular de outrem, seja a partir de roubo, assalto ou mesmo assassinato.

<sup>69</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

sentidos foram revelados e depois fechados. Depois da tempestade, seria o que poderia ser considerado calma. A mudança nesse paradigma ocorre substancialmente em meio a revelações de controvérsias, mostrando hábitos, normas e técnicas que estariam fechadas durante bastante tempo. Ainda de acordo com Latour (2011), ciência é construção e essas caixas-pretas necessariamente precisariam ser abertas de tempos em tempos, sendo a controvérsia em si o que faz com que elas sejam abertas.

Importante frisar que o termo controvérsia, no sentido empregado para subsidiar a Teoria do Ator-Rede, “[...] refere-se a uma disputa em que se alegam razões pró ou contra, onde se podem evidenciar movimentos cujo desdobramento será a consecução de um objetivo comum” (NOBRE; PEDRO, 2010, p. 53). Aqui, no caso, a controvérsia foi justamente o conflito entre família e equipe, foi a dita irresponsabilidade de uma e a calúnia de outra, o que gerou a abertura de uma caixa-preta até então inerte. Tal controvérsia não pode ser considerada ruim, tendo em vista que conflitos também constroem pontes e relações (SIMMEL, 1983).

Após uma longa discussão em que foram expostos ambos os lados, ficou decidido entre os grupamentos que haveria uma segunda chance. Dia 17 de outubro de 2015, às 16h, o sábado após a reunião, seria então a data escolhida para a nova entrega de lembrancinhas por ocasião do dia das crianças. A meta era entregar pelo menos 600 sacolinhas, com pipocas, bombons, pirulitos e chicletes. E assim como foi determinado aconteceu. As imagens a seguir trazem registros das lembrancinhas distribuídas no dia.

Figura 41 - Registro dos presentes para o dia das crianças.



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 42 - Registro dos presentes para o dia das crianças.



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

A entrega das lembrancinhas teve como ponto de partida a praça do Conjunto Alvorada. Alguns carros e motos, portando mais de 600 sacolinhas, passaram em toda a comunidade da Sapiranga entregando os pequenos presentes às crianças moradoras do bairro.

A alegria era grande e vinha tanto por parte da criançada quanto dos organizadores da entrega. Durante o percurso, percebi que por entre a Sapiranga há territórios bem divididos pelos próprios moradores. Já havia conversado sobre isso com alguns poderosos, mas nunca havia tido a oportunidade de conhecer a variedade de comunidades existentes naquela região. A comunidade Fronteira é considerada a mais distante e onde, segundo Rafael, a pobreza é ainda mais evidente. Passamos também pelas comunidades Alecrim, Lagoa Seca, Muro Alto, Conjunto Alvorada, Cidade Nova, Pissarreira, Muturo, Uruca e Riacho Doce.

Durante todo o percurso, segui com meu carro junto a Rafael e mais três jovens mulheres. Enquanto eu dirigia, os quatro entregavam as lembrancinhas. O que me foi dito é que, até pouco tempo, esse percurso seria quase impossível, tendo em vista que havia disputas entre gangues locais que não permitiam a ultrapassagem de fronteiras. A trégua entre essas gangues tem durado, e a Sapiranga, agora também conhecida como *Comunidade da Paz*, permanece em momento de estabilidade e calma. No entanto, até quando essa caixa-preta permanecerá estabilizada? Depois do sucesso da entrega, a família “Os Poderosos e As Poderosas” puderam enfim selar mais um acordo de amizade e aliança. A paz entre as famílias estava refeita e a aliança, assim, permaneceria.

Durante a pesquisa, perguntei várias vezes se, por existirem famílias aliadas, também existiriam famílias inimigas. A resposta sempre foi negativa. Não há denominação para o rompimento nem adjetivo que caracterize os grupamentos que passaram por isso. Não há denominação contrária.

No entanto, existe um certo tipo de rivalidade entre famílias, que não se concretiza na violência. Quando acontece a cisão de alianças entre as famílias e um desvencilhamento de laços, há a construção de uma espécie de indiferença. Podemos observar isso a partir da fala da poderosa Kelly, 22 anos, em entrevista cedida sobre o assunto.

Não inimigas. Existe rivais. Umas que querem ser melhores que as outras. Tipo, até um dia desses os PD não se dava com os Malas. Porque o dono dos Malas queria ser o dono da praça. Aonde os PD fazia encontro. E a praça não é que teja dono, mas por os FB já tá lá há muito tempo, ele são considerados deles a praça, porque já tá lá há muito tempo. Por isso, não é inimigos. Mas não se bate, não se cruza (informação verbal).<sup>70</sup>

Ainda que permaneçam habitando os mesmos espaços, o respeito mútuo permanece entre grupamentos, mesmo que não exista mais nenhuma relação. O que não quer dizer que todos os integrantes sejam indiferentes uns aos outros e não mantenham mais

---

<sup>70</sup> Entrevista com Kelly, integrante do grupo “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

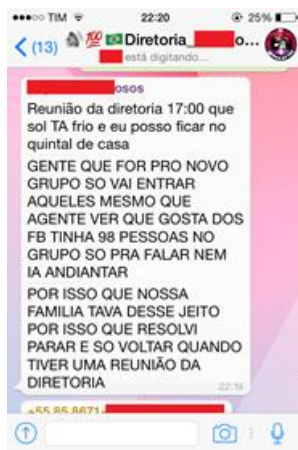
relações pessoais.

Além dos encontros, a família “Os Poderosos e As Poderosas” também mantém reuniões extraordinárias para definições urgentes. Durante o mês de maio e junho, a família passou por uma crise, em que poucos componentes ou nenhum chegava a ir aos encontros semanais.

Foram pelo menos três encontros em que fui e o quórum estava defasado. Houve, no período, pelo menos três reuniões para identificar o que poderia estar causando essa evasão. O período de crise aconteceu justamente quando seu patrão Rafael precisou se ausentar de suas funções devido uma cirurgia urgente que precisaria fazer.

Tanto nos grupos do WhatsApp quanto nos encontros semanais a evasão era percebida. Poucas pessoas dialogavam por entre os grupos, sendo que um, o geral, chegava a oscilar entre 95 e cem participantes, enquanto o outro, o feminino, mantinha cerca 70 pessoas. De acordo com o próprio Rafael, estava na hora de mudar a forma como o grupo estava sendo gerido. Infelizmente, naquele momento, por ocasião de sua recuperação, a situação permanecia bastante difícil, como pode ser percebido nos diálogos a seguir.

Figura 43 - Início de diálogo printado no grupo da diretoria



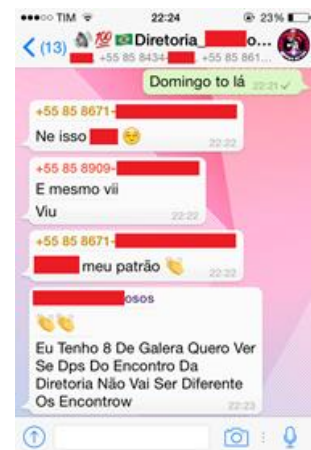
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 44 - Continuação de diálogo printado no grupo da diretoria



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 45 - Continuação de diálogo printado no grupo da diretoria



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Para Latour (2012), em meio à Teoria do Ator-Rede, na qual há uma discussão pungente acerca das formas como as associações se constroem, essa situação de desestabilização é comum, tendo em vista que o caráter móvel e nômade por meio do qual os grupamentos contemporâneos se caracterizam dão margem a essa fluidez no que cerne ao modo como as relações são constituídas. Mesmo passando pelo momento de crise e retomando as reuniões com força total, reiteradas vezes, em cada encontro, ouvi de alguns dos



integrantes antigos um certo saudosismo de como os encontros *geravam* em anos anteriores.

Se identificarmos essas relações também como territórios, não fixos, em que são construídas subjetividades em grupos, podemos identificar que há uma constante reterritorialização e desterritorialização dos sentidos deste grupamento. Nesta perspectiva, em que o território também poderia ser caracterizado como algo fluido, como espaço onde as subjetividades vividas são construídas, fugindo da ideia enraizada de que seria um local fixo de experiências, supõe-se entender, no que discutem Deleuze e Guattari (1997), que essas *linhas de fuga* – ou seja, a crise estabelecida no grupamento – foram tecidas em prol da construção de um novo território de atuação. Houve uma reterritorialização de sentidos e afetos. Tal processo acontece vez ou outra também com diferentes famílias e equipes na região.

Assim como as reuniões demonstraram o devido valor de organização da diretoria, foram necessárias como extirpador de problemas e indefinições. Em julho, após a evasão crescente e as reclamações de que a família “Os Poderosos e As Poderosas” teria efetivamente terminado, tanto internamente entre os componentes do grupamento como por entre os integrantes de outras famílias e equipes, a família poderosa ressurgiu como fênix e permaneceu agregando cada vez mais pessoas.

### **3.5 Camisas, faixas e adereços**

Dentre as formas de representação que a família “Os Poderosos e As Poderosas” mantém, está o ato de confeccionar e vestir camisas e adereços para a identificação do grupamento perante seus próprios integrantes e entre as outras famílias e equipes. Desde o primeiro momento em que observei as relações tecidas neste meio, pude perceber o quanto a presença desse código de pertença é intrínseca às suas próprias relações. O que pude identificar é que se reconhecer como parte integrante é também ser visualmente reconhecido.

Isso coaduna com a ideia de que “[...] uma representação *visual* é, sempre, invariavelmente, uma representação *social*” (CAMPOS, 2013, p. 20). Não somente a imagem como artefato, como produto tecnológico, mas também a imagem que representa. Sua representação visual expressa um momento histórico de um ato simbólico. E tais camisas expressam esse ato simbólico de se fazerem representar como parte de um grupamento perante todos.

A família confecciona camisas para que todos ao redor percebam de qual grupamento seus integrantes fazem parte. Além das camisas, há famílias que confeccionam

faixas, calças, shorts, vestidos e também adesivos. A necessidade da representação se dá também como uma forma de fazer parte, de estar dentro e ser considerado como membro. Em diálogo com essa discussão, expõe Campos (2013) que “[...] a visualidade é mobilizada pelas pessoas com o intuito, primeiro ou acessório, de comunicar algo sobre si, sobre aquilo que são (enquanto pessoas singulares ou membros de um conjunto cultural mais vasto)” (p. 76). Enquanto membros de um grupamento, há uma cobrança para que todos tenham a camisa. E no caso da família poderosa, se deu também comigo, que precisei comprar uma.

Não existe uma obrigação específica que faça com que todos nós tenhamos que comprar a blusa. O essencial é que se peça à diretoria que confeccione a blusa caso se possa arcar com o custo. Mesmo não havendo obrigatoriedade, o ato de representar significa muito para as famílias e equipes. Praticamente todos mantêm suas camisas com bastante estima. De tempos em tempos são produzidas novas camisas, tendo em vista o caráter mutável das relações sociais nas famílias, que tanto lidam com a evasão de costumazes integrantes quanto agregam mais pessoas para o grupamento. A camisa a seguir, a qual mantenho uma edição, é uma das muitas produzidas pela família poderosa.

Figura 46 - Registro da camisa das poderosas (frente)



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 47 - Registro da camisa das poderosas (verso)



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Muitos dos integrantes da família poderosa já participaram de outros grupamentos e compraram outras camisas nesses períodos. Existem adolescentes e jovens que guardam todas as camisas e as mostram com bastante orgulho. É o caso da Kelly, quando falou sobre a “Az de Açúcar”<sup>71</sup> em entrevista, citando que os donos da antiga família da qual

<sup>71</sup> A família “Oz de Açúcar e Az de Açúcar” mantém dois bondes, o feminino e o masculino. Existe até hoje e

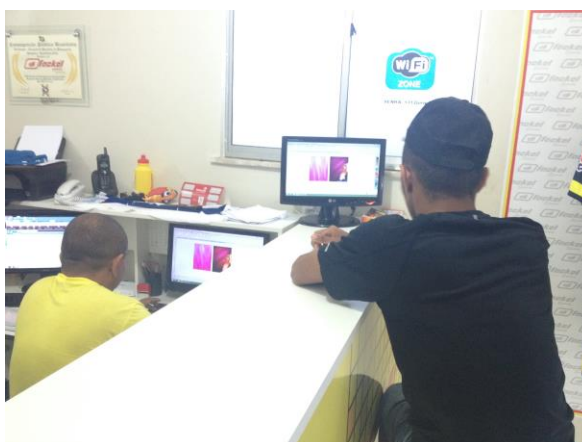
fazia parte continua pedindo para que ela vista a blusa.

O dono vive me pedindo pra eu vestir a blusa. Pra divulgar. Só que por o que aconteceu, sabe? Me magoou muito as coisas que falaram de mim. E eu disse pra ele que eu me sinto muito magoada e eu não tenho mais coragem de dizer assim ‘ai eu sou dAz de Açúcar, eu vou vestir a blusa, vou divulgar’... não, eu não gosto mais... Eu guardo a blusa com o maior carinho. Táí a blusa novinha. Novinha, novinha. Mas eu não tenho mais coragem mais de usar (informação verbal).<sup>72</sup>

Vestir a blusa é se sentir parte. Kelly não pode mais fazer isso porque se sente muito magoada. Ela não consegue mais vestir a camisa da família que espalhou informações inverídicas sobre ela. Durante uma grande parte do ano de 2015, ela permaneceu na família “Os Poderosos e As Poderosas” como integrante, possuindo, também, uma blusa do grupamento.

Normalmente, é a própria família que pensa o *layout* das roupas, confeccionadas em empresas de confecção locais, e seus membros compram por cerca de R\$25 a R\$30, o que também evidencia o incremento na economia local.

Figura 48 - Registro do patrão da família poderosa elaborando com designer uma das safras de camisas da família poderosa



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Durante o mês de junho de 2015, acompanhei a confecção das camisas da família “Os Poderosos e As Poderosas” junto a uma pequena empresa localizada no bairro Tancredo Neves, situado à margem da BR-116, também na Regional VI. Como sou graduada em Comunicação Social – Jornalismo, Rafael, patrão da família poderosa, me convocou para ajudá-lo na produção de tais camisas. A proposta, na época, era produzir camisas diferentes

---

está localizada no Barroso II, no âmbito da Regional VI. Kelly foi diretora do grupamento e, tempos depois, precisou sair.

<sup>72</sup> Entrevista com Kelly, integrante do grupo “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

para o bonde feminino, o bonde masculino e para a diretoria, por ocasião do terceiro ano do grupamento. A família conta com camisas do primeiro e do segundo ano. Fomos cerca de cinco vezes, a fim de terminar as camisas. No entanto, não foi dessa vez que as novas camisas da família ficaram prontas.

Existem casos entre os componentes da família em que as pessoas se comprometem em pagar a confecção, mas não o fazem, deixando a dívida para o dono Rafael. Cansado de ter que arcar com o próprio bolso, Rafael por vezes reclama nas reuniões da família poderosa e no próprio grupo do WhatsApp que irá confeccionar novas camisas quando estiver com o dinheiro de todos.

Muitos dos adolescentes e jovens que fazem parte deste grupamento não trabalham, necessitando pedir aos pais ou seus responsáveis que lhes concedam dinheiro a fim de comprar as camisas ou colaborar com outros adereços que por ventura sejam confeccionados. Também há os que trabalham e, a partir de sua renda, compram a camisa ou auxiliam na produção de outros utensílios.

Este ato de produzir camisas para reconhecimento recíproco não é novo e remonta tanto às torcidas organizadas, que também atravessam tais grupamentos, como aos antigos IRContros<sup>73</sup>, onde integrantes de canais de bate-papo se reuniam e produziam camisas para assim serem reconhecidos também perante aos outros e àqueles que ainda não os conheciam. Durante minha adolescência também fiz parte desses IRContros. Diferentemente do caráter móvel com o qual lidamos hoje devido ao uso do WhatsApp e outros aplicativos de bate-papo, necessariamente tínhamos que nos conectar à internet mediados por um computador para que pudéssemos dialogar por meio de canais de bate-papo.

Além das camisas, faixas, shorts, bonés, vestidos e calças também são confeccionados. Uma das famílias de Fortaleza é bastante conhecida justamente por esse leque de vestimentas e adereços que desenvolve. A família “Cuca Sã”<sup>74</sup> existe em Fortaleza há bastante tempo e mantém uma rede gigante de integrantes, habitantes de diversos locais da cidade. Seu idealizador e atual patrão, Martins<sup>75</sup>, é o que normalmente confecciona as vestimentas de diversos grupamentos da cidade. Ele mantém o selo “Grife Suburbana” para

---

<sup>73</sup> Os IRContros eram os momentos de reunião entre os integrantes dos canais de bate-papo inseridos nos IRCs. O Internet Relay Chat (IRC) é um protocolo de comunicação em tempo real mediado por computadores, com acesso à internet bastante popular até a metade da década de 1990. Desenvolvido na década de 1980, era estruturado por redes de servidores independentes, dentre elas a Brasnet, bastante conhecida entre os brasileiros. Cada rede mantém uma série de canais de bate-papo, em que várias pessoas podem conversar apenas por texto. Assim como os canais públicos, também existe a opção de *chat* privado (RECUERO, 2002). O serviço ainda existe na internet, com uma quantidade menor de usuários.

<sup>74</sup> Nome fictício.

<sup>75</sup> Nome fictício.

esse fim.

Para que a família poderosa finalmente produzisse a sua nova camisa, foi necessário recorrer ao Martins e à sua “Grife Suburbana” para a produção da nova safra, tanto devido à qualidade do produto, bastante reconhecida perante várias famílias e equipes de Fortaleza, quanto pela agilidade de sua confecção. Além das vestimentas, outro produto bastante confeccionado é a faixa. Para a família poderosa, somente em setembro de 2015, praticamente depois de três anos de existência, é que o grupamento conseguiu produzir a sua faixa própria.

A faixa foi exposta pela primeira vez em outubro de 2015, em meio à reunião entre a família “Os Poderosos e As Poderosas” e a equipe “Pega na Carreira”, já citada anteriormente. Afixada pela família poderosa no muro de uma escola local na Praça do Conjunto Alvorada, a faixa estava bem visível a todos que passavam pelo lado direito da praça. É costume, entre as famílias e equipes, expor as faixas também como forma de demarcação de território, mas isso não impede que outro grupamento também utilize o espaço. Aliás, é comum que encontros de diferentes famílias e equipes aconteçam no mesmo local, com faixas expostas, e recorrentemente com aliadas, objetivando, como já discutido anteriormente, fazer com que elas cresçam e conquistem mais adeptos.

Figura 49 - Registro de faixa na praça do Conjunto Alvorada.



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 50 - Registro de faixa na praça do Conjunto Alvorada.



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Além da camisa e da faixa, também há adesivos para carros e motos. O patrão Rafael me perguntou se eu poderia afixar um adesivo no meu carro. Eu respondi de forma positiva, mas, até hoje, ele ainda não me entregou o adesivo. São várias as famílias e equipes cujos membros colam adesivos em seus veículos. Andar pela comunidade da Sapiranga é, vez por outra, esbarrar com veículos nesta condição. Em Fortaleza, também, algumas vezes fui surpreendida por tais marcas. Isso denota uma capilaridade intensa entre os integrantes de

grupamentos gerados e mantidos pelo WhatsApp na cidade.

Assim como foram produzidas camisas, faixa e adesivo, a previsão é que também sejam confeccionados vestidos, shorts e *leggings* para o bonde feminino, todos da marca “Grife Suburbana”, idealizada por Martins, o dono da família “Cuca Sã”.

### 3.6 O fluxo dos encontros

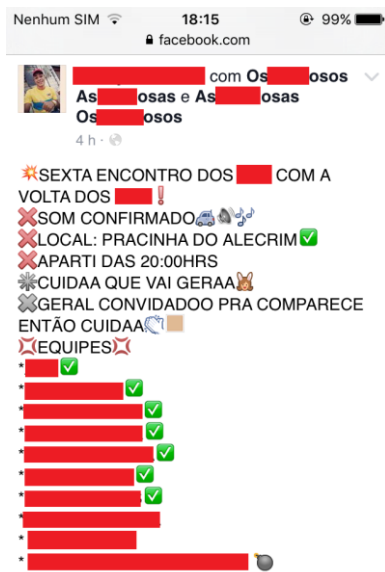
Toda semana, a diretoria conversa no grupo do WhatsApp para definir o dia do encontro, a praça onde acontecerá e quem fará a divulgação. Até agosto de 2015, como citado anteriormente, o local já estava definido: a praça do *Impredi*, conhecida também pelos integrantes como Via Sul Boladão. Como está passando por uma reforma, os encontros estão acontecendo agora na praça do Conjunto Alvorada, ou Quadra do Alvorada, e em maior frequência na praça do Alecrim. Os encontros têm gerado bastante repercussão entre as famílias aliadas pela chamada “lotação” de pessoas. E ainda mais pessoas têm entrado na família poderosa.

Há um fluxo constante de pessoas na família poderosa. Pessoas que conheci no começo da identificação da família, por volta de março de 2015, já não frequentam mais os encontros com tanta frequência ou já saíram do grupamento. Mesmo assim, novos integrantes têm mantido presença frequente, especialmente as mulheres, que estão em número maior. Cada encontro é para “gerar” ainda mais, e, para isso, jovens com carros de som são convocados para fazer a “megacurtição” acontecer.

A convocação de cada encontro se dá por dois canais: o WhatsApp e o Facebook, sendo que a repercussão é ainda maior no primeiro. No segundo, o dono Rafael criou um evento, mecanismo do Facebook em que é possível convidar pessoas para alertar sobre as agendas de eventos, sendo a data, o local e o nome constantemente atualizados. Lá também são compartilhados fotos e vídeos registrados na praça. Além do evento, ele conta com dois perfis chamados “Os poderosos e As poderosas” e “As Poderosas Os Poderosos”.

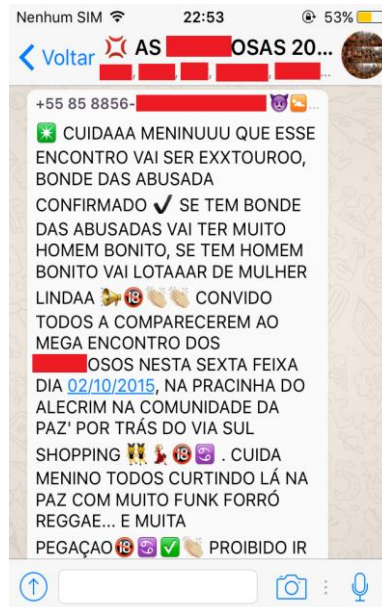
O WhatsApp continua sendo o mecanismo mais importante nessa esfera de participação. A partir da criação de uma divulgação simples, seja um cartaz virtual, produzido pelo Rafael, seja uma mensagem em palavras e *emoticons* que pode ser compartilhada por quem a copiar, membros da diretoria compartilham a informação previamente acordada no grupo da diretoria para os grupos da família poderosa e para grupos de outras famílias e equipes cujos integrantes também façam parte. A divulgação nos grupos de WhatsApp e no Facebook pode ser conferida nas imagens a seguir.

Figura 51 - Imagem printada de perfil no Facebook de Rafael, dono da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 52 - Divulgação de encontro no grupo das poderosas



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

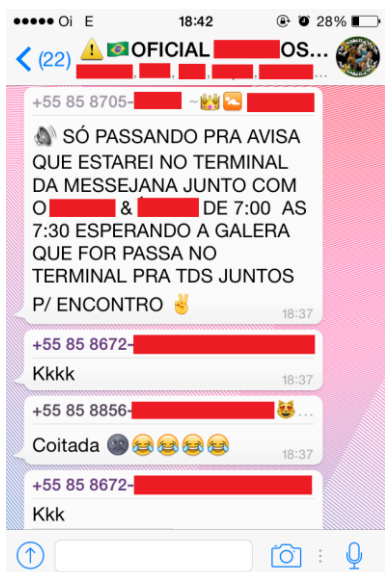
Figura 53 - Continuação da divulgação de encontro no grupo das poderosas



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

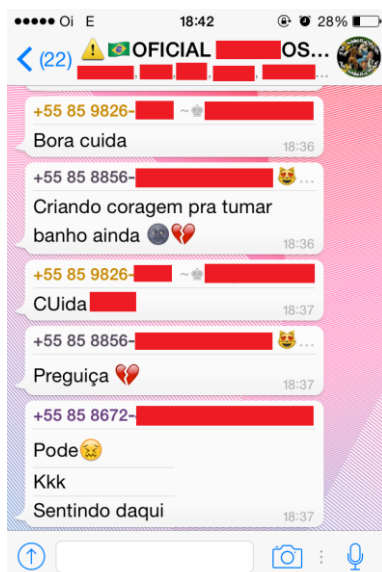
Nessas divulgações, há informação sobre dia, hora, local do evento e famílias aliadas que também irão participar. A preparação acontece desde o momento da divulgação. Os integrantes que têm carro e som automotivo são convidados a fazer a *farra* acontecer. No dia do encontro, algumas pessoas da diretoria, principalmente os *puxadores*, avisam nos grupos que ficarão esperando, no terminal da Messejana, todos que quiserem ir ao encontro.

Figura 54 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa



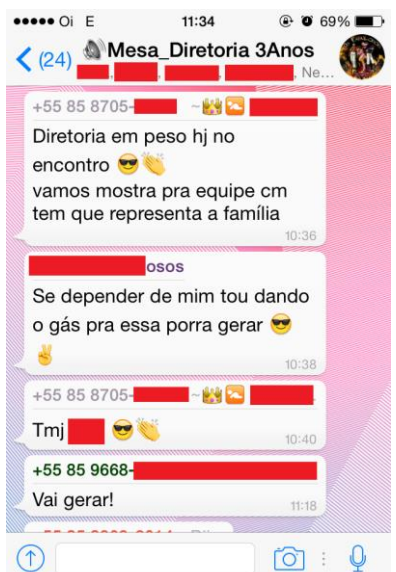
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 55 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 56 - Diálogo no grupo da diretoria



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Esta é uma maneira eficaz para que o máximo de pessoas cheguem juntas, a fim

de que não sofram qualquer tipo de problema no caminho. É indicado que ninguém vá sozinho, por isso, a outra maneira recomendada para chegar ao local do encontro é por meio de caronas. Para chegar na praça do Alecrim ou na Praça do *Impredi*, é necessário que os poderosos façam uma boa caminhada da parada de ônibus até o local do encontro. Para a Praça do Conjunto Alvorada é mais simples, já que existe uma parada de ônibus na própria praça.

Como vou de carro, é ainda mais tranquilo porque consigo chegar e estacionar perto de cada local. Uma vez fui de ônibus para o Polo do Castelão, onde houve apenas um encontro este ano, em julho de 2015. Fui assaltada na parada próxima ao Castelão, situada à avenida Alberto Craveiro. Levaram meu celular no assalto, mas felizmente não foi o *smartphone*<sup>76</sup> com o qual acompanho os grupos do WhatsApp da família poderosa. A partir desse dia, passei a ir sempre de carro, a fim de evitar problemas do tipo, e também a deixar o *smartphone* em casa. Não tenho medo de trafegar pela rua com equipamentos eletrônicos, mas precisava guardá-lo com o intuito de preservar a pesquisa com a família poderosa.

A praça do *Impredi*, onde os encontros aconteciam frequentemente até julho de 2015, é grande, mantém uma quadra de futebol de salão, uma boa iluminação, árvores dispersas e muitos bancos, sendo que alguns quebrados. A reforma está sendo realizada em boa hora, porque a praça já estava com muitos buracos e necessitando de manutenção. É um local interessante de lazer. Como a família “Os Poderosos e As Poderosas” passou por muitas crises nos encontros realizados nessa praça em 2015, percebi que as reuniões passaram a *gerar* ainda mais na praça do Alecrim. Foi um momento intenso de reestruturação, de boas reuniões, criação de novos grupos com novas pessoas no WhatsApp, etc.

Citei anteriormente que, durante alguns dos encontros no *Impredi*, os adolescentes e jovens chegavam a falar de uma forma até saudosista quando lembravam dos dias em que os encontros *geravam*. Esse saudosismo também era bastante evidente nos grupos de WhatsApp, quando os integrantes da família reclamavam sobre a falta de participação nos encontros.

Depois que os eventos passaram a acontecer na Quadra do Alvorada e na Praça do Alecrim, começaram a receber mais pessoas. Rafael é muito conhecido no bairro Sapiranga, o que motiva que muitos de seus amigos também participem dos encontros e se tornem poderosos. Rafael também conhece a diretoria de muitas famílias e equipes localizadas no bairro. Ao todo, são pelo menos nove as aliadas até novembro de 2015.

Esse nomadismo corrente entre praças no ano de 2015 foi algo inédito para a

---

<sup>76</sup> Celular multifuncional.



família, que antes contava apenas com um ponto de encontro, a praça do *Impredi*. A movimentação de espaços de encontro também culminou no sonho de Rafael, que era levar sua família para o seu bairro de origem. Ele tem muito orgulho por ter participado ativamente do movimento que gerou um pacto de paz entre gangues na Sapiranga. Levar a família para o âmbito da Sapiranga já era um dos objetivos de Rafael, que não era concretizado ainda devido à situação de medo e terror que ainda reinava na localidade.

Pessoa bastante reconhecida na comunidade<sup>77</sup>, Rafael é um dos grandes incentivadores do movimento “Paz na Sapiranga”. Além disso, por ser dono da família, tem a possibilidade de convocar seus integrantes a fim de que estejam presentes e reforcem o pedido pela paz na localidade. Para Rafael, a atuação da família nesse movimento se justifica porque “[...] traz mais motivação para o bairro”<sup>78</sup>, ou seja, reforça na comunidade o sentimento de superação dos problemas existentes.

Assim como Rafael, outros membros da família poderosa moradores da região também sentem a necessidade de mostrar que a Sapiranga é uma comunidade de paz. Os encontros satisfazem esse desejo porque muitas pessoas de comunidades circunvizinhas começam a frequentar o espaço. Dentre os moradores que têm essa visão está Verônica, habitante do Conjunto Alvorada, para quem perguntei por que o encontro estaria acontecendo na praça do Alecrim.

Eu acho que pra animar o bairro... Agora que ele tá na paz ele precisa de alguma coisa assim pra todo mundo, de todas as comunidades interagir junto e o bairro num morrer, num ficar aquela coisa que uma pessoa vai se ver uma vez na vida e olhar de cara feia. É bom todo mundo olhar todo dia, é bom que se acostuma e acaba a violência. Eles vão ver que não é nada disso, entendeu? (informação verbal).<sup>79</sup>

A Praça do Conjunto Alvorada é menor que a do *Impredi*, mas muito melhor localizada. Também mantém uma quadra, bem estruturada, possuindo ainda boa iluminação, bancos em bom estado de conservação, árvores e pequenos comércios de lanches e bebidas. Constantemente vejo famílias passearem na praça com crianças e animais. Vez por outra há jogos e treinamentos na quadra localizada ao meio da praça. Quando os encontros da família

---

<sup>77</sup> Os habitantes locais nutrem um grande carinho por Rafael. Desde criança, ele participa de diversas atividades na localidade, integrando times de futebol, realizando festas para os moradores em casas de praia, “rolezinhos” com o intuito de arrecadar alimentos, dentre outras. Sua capacidade de trânsito também o torna bastante reconhecido, atravessando grupos diversos, desde facções até moradores de comunidades circunvizinhas ou distantes da localidade.

<sup>78</sup> Em entrevista concedida em março de 2016, Rafael reforçou “[...] sendo que a nossa equipe é uma das equipes mais veteranas que existe na Sapiranga, e, desde já, os eventos que acontecem, que sempre aconteceu no nosso bairro, foi através do apoio da nossa equipe [...]. E que sempre continue com esse apoio, que nunca deixe cair, pois forte é aquele que sempre acredita em Deus que hoje a paz existe no nosso bairro”.

<sup>79</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

poderosa acontecem, os integrantes normalmente permanecem situados na calçada da escola localizada ao lado da praça. Não só os integrantes, como os carros de som e as motos também ficam estacionados nessa calçada. O local é bastante movimentado.

Quanto ao Alecrim, vivenciar os encontros nessa praça é sempre muito interessante. A pracinha onde os poderosos se reúnem é muito pequena. A praça comporta um pequeno bar, mesas, cadeiras e um pula-pula para as crianças moradoras do entorno. Os bancos de praça são quase inexistentes. Diferentemente das outras praças com as quais mantive contato, a do Alecrim é onde vi uma maior pluralidade de pessoas e esferas. Os carros de som, com músicas de *funk* em altíssimo volume, contrastam sempre com o culto da Igreja Assembleia de Deus, próxima à praça. O culto permanece até por volta das 21h todas as sextas. Antes desse horário, os carros já começam a tocar músicas de *funk*. A praça é um triângulo e fica logo de frente, também, para alguns mercadinhos locais e residências, em grande quantidade amontoadas, lado a lado. Ao lado da igreja também há um bar.

Ao contrário das outras praças, as músicas em alto volume não se dispersam no Alecrim. A maioria dos moradores da comunidade do entorno não se sente prejudicada, aliás até monta pequenas barraquinhas à frente de suas casas para vender bebidas e salgados a preços razoáveis para os adolescentes e jovens que lá fazem a festa. Essa característica é interessante porque, se formos comparar à praça do *Impredi*, diferentemente do Alecrim, ela vê seu entorno permeado por casas com muros altos de famílias de classe média e média alta, condomínios e academias presentes na localidade. Justamente por isso, no *Impredi*, os jovens mantêm o som com volume bem menor do que no Alecrim. Houve momentos também em que presenciei batidas policiais e baculejos na praça do *Impredi*. No Alecrim, quando a polícia aparece, passa devagar, observando a todos. O volume é diminuído durante essa cena, mas logo aumenta quando os policiais saem do palco.

No Alecrim, ao menos dois carros chegam a tocar ao mesmo tempo. Já cheguei a presenciar três carros de som tocando simultaneamente, sendo dois com músicas de *funk* e o outro tocando *reggae*. A praça tem lotado sempre. As festas acabam por volta das 2 horas da madrugada, e os adolescentes e jovens comumente partem para outros locais de diversão, especialmente forrós em casas de festas presentes na localidade, como o conhecido “Forró da Pissarreira”. No WhatsApp, as fotos, os vídeos dos encontros e os convites para outras festas enchem os grupos.

É comum ver os integrantes dos grupamentos vestidos com camisas que os referenciam como tal. Camisas com algumas imagens, símbolos das equipes, uma frase de efeito, normalmente o *slogan*, e o nome do grupamento, com a idade ou ano em que foi

iniciado. Esse reconhecimento é interessante porque comprova que todas as aliadas estão presentes.

Os encontros são momentos de rever amigos, de conhecer aqueles com quem se fala somente no WhatsApp, de paquerar, conhecer botes, trocar músicas e dançar. São momentos de lazer onde a tônica é a diversão. Mal se consegue parar para conversar porque a música é sempre alta. Quem quiser conversar, grita ou chama para outro lugar.

## **4 TERRITÓRIOS DE SENTIDOS**

Nos capítulos anteriores, apresentei os procedimentos metodológicos com os quais me aproximei para o diálogo sobre a família “Os Poderosos e As Poderosas”, trouxe um pouco de meu olhar sobre o campo em que habito enquanto pesquisadora, conversei sobre minha entrada na família poderosa, como ela se organiza e mais alguns elementos de reconhecimento desses atores e atrizes sociais.

Para este capítulo, compreendo a necessidade de trazer, para compor a cena, pequenos nós de sentidos com os quais me deparei durante a pesquisa. Nós esses que continuam atados, e vez por outra são transformados metaforicamente em laços, pela força que estabelecem nas conexões tecidas pelos poderosos e pelas poderosas e pelo seu caráter fluido que tanto é citado nesse texto dissertativo. Trago nuances desse grupamento, suas formas e estratégias de aproximação, o porquê de eles se considerarem de fato família, a relação que esse termo guarda com amizade, suas formas de comunicação, suas estratégias de afetos e desejos, entre outros elementos.

### **4.1 Travessias intersticiais**

Constantemente atravessei o cotidiano de diversos adolescentes e jovens, desnudando suas vidas, descobrindo seus nomes, onde moram, suas formas de estar e permanecer no mundo, assim como também fui atravessada por eles. Foram momentos intensos que não cabem em um espaço territorializado objetivamente. Envolvi-me em sensações, vontades, dúvidas, alegrias, afetos e até tristezas. Todas as relações que teci e nas quais me inseri, mesmo que no meio do caminho, foram construídas por meio desse contato espaço-temporal pré-estabelecido e efetivado.

Além dos atravessamentos que realizei na vida desses adolescentes e jovens, posso também dizer que fui atravessada. No sentido que estabeleço, cabe observar que atravessar é um verbo muito peculiar. Ação que denota, em um primeiro momento, sentidos de passagem, o significado de atravessar é passar para o outro lado. No entanto, tendo em vista que esse é um sentido limitado, reforço que, em nosso contato frequente, nem eles passaram para algum outro lado de mim, nem eu passei para algum suposto outro lado deles.

Fomos atravessados e permanecemos no meio, em uma dada metade de interstícios relacionais em que os atravessamentos não se completaram em si justamente por

sua característica inconstante, gerando movimentos difusos de ida e volta. Vez por outra estive presente, fugi, retornei, fui aceita, removida, em um *continuum* intenso de presenças mutáveis e não fixas.

Durante os percursos de pesquisa construídos nesses dez meses em que participei dos encontros semanais nas praças da Regional VI e dos grupos da família mantidos no celular, por meio do WhatsApp, estive presente e ausente de diversas formas, seja em corpo e matéria, em presença sensorial, seja como memória, como lembrança. Pontos de passagem onde constantemente nos encontrávamos, estabelecendo interações e relações sociais.

Neste aspecto, cabe em Deleuze (1988) perceber que, “[...] portanto, é preciso dizer que um corpo tem um grau de dureza assim como um grau de fluidez, ou que ele é essencialmente elástico, sendo a força elástica dos corpos a expressão da força compressiva ativa que se exerce sobre a matéria” (p. 17). Sou eu e este meu duplo que rompe com a matéria orgânica e se faz estabelecer nas relações que constantemente permanecemos tecendo em redes dobradas. E foi essa dobra que motivou e consolidou nossos encontros intermediados.

Dobra aqui não é percebida como ambiente estanque. É espaço de transformações intensas e intermitentes onde relações sociais são intensamente construídas e desfeitas. Em meio ao ambiente fundado pela dobra, trafega-se por um mar de possibilidades em caminhos diversos. Podemos equiparar este caminho tortuoso de construções a um labirinto, múltiplo, permeado de destinos. Buscamos encontrar saídas em labirintos e, às vezes, encontrarmos a nós mesmos. A dobra também é potente nesta possibilidade de autodescoberta, fazendo abrir novas nuances para compreensões já anteriormente tecidas, sendo que, afinal, “[...] o múltiplo é não só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras” (DELEUZE, 1988, p. 13 e 14).

Por meio desse pensamento, percebe-se que a partir do momento em que se produzem mais dobras, mais espaços também são gerados. É o caso das dobras criadas para manutenção e criação de conexões entre os componentes da família poderosa. A cada ambiente gerado, outros espaços de convergência surgem, independentemente de quem integre. Aliás, como já observado anteriormente, a Teoria do Ator-Rede (TAR) é circulação, sendo que a melhor forma de a identificar é justamente pela valorização de seus *actantes* por meio da descrição dos seus rastros (LATOURETTE, 2012).

Neste ambiente comunicacional que é também dobra, os lugares de presença da família poderosa são múltiplos. Também são múltiplas suas redes de associações, das quais fazem parte, além de seus próprios integrantes, outros membros de diferentes famílias e

equipes presentes no bairro da Sapiranga e em outros bairros da capital. Lugares estes tomados de diferentes formas, inseridos na construção histórica e social de cada um de seus componentes enquanto indivíduos e grupo.

Entende-se como lugar, partindo do que Milton Santos (2006) estabelece, “[...] um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições” (p. 219), em que a cooperação e o conflito<sup>80</sup> são bases para uma vida em comum. Ainda para Santos (2006), é nessa esfera onde cada ser exerce uma ação própria, estabelecida também como palco insubstituível de tessitura de paixões humanas, especialmente a partir da ação comunicativa, seja de forma espontânea ou criativa. E, nesse sentido, dialogo com Barbalho (2013) sobre o que seria lugar,

[...] diferente de espaço, que é uma abstração, refere-se à ocupação, à localização de um corpo afetando o espaço. Ao afetar, um lugar deixa de ser apenas um ponto físico (lógica topográfica do mapa) e se torna um ponto de articulação de forças e de fluxos, de diferenças, mais do que identidades (lógica topológica da cartografia) (BARBALHO, 2013, p. 35).

Durante a pesquisa, meu corpo, em fluxos de travessias, experimentou diversos espaços, locais, territórios geograficamente localizados e de sentidos. Afetou e se deixou afetar por entre interações contínuas. Corpo este que, como destaca Foucault (2013), “[...] não se deixa reduzir tão facilmente. Afinal, ele tem suas fontes próprias de fantástico; possui, também ele, lugares sem lugar e lugares mais profundos, mais obstinados ainda que a alma, que o túmulo, que o encantamento dos mágicos” (p. 10). Ele experimentou o ser, estar, permanecer e um tipo de *representar*. Tais espaços de atuação se cruzaram e foram continuamente desterritorializados e reterritorializados. Esse processo se deu principalmente por eu estar integrada tanto espacialmente quando digitalmente em ambientes de contínuos deslocamentos.

Seja meu corpo e minhas práticas em meio a este grupamento, seja também as ações contínuas de encontros que seus integrantes estabelecem, poderiam ser considerados lugares outros de permanência e ação, o que para Foucault (2013) seriam as heterotopias, ou seja, espaços únicos que encontramos em outros espaços sociais onde suas funções são distintas dos outros, ou absolutamente opostas.

Esses espaços, construídos a partir da criação de diferentes dobras comunicacionais, são espaços outros onde também são gerados diversos tipos de processos de construção do social. Instiga Foucault (2013), nesta discussão, ao destacar que “[...] o navio é

---

<sup>80</sup> Sobre os conflitos gerados em meio à família poderosa, já dialogamos bastante no segundo capítulo.

a heterotopia por excelência” (p. 30). Serão as dobras também possíveis “navios” onde, ao permanecermos a bordo, estamos constantemente em meio a possíveis descobertas de outros espaços?

Em meio a estes lugares de sentidos, pude entender o dinamismo desta rede de associações (LATOURET, 2012) que é a família poderosa. Para dialogar sobre as práticas deste grupamento, faz-se necessário perguntar quais sentidos são gerados a partir de sua existência e em meio às suas relações sociais. Sentido, como esclarece Spink e Medrado (2013),

[...] é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (p. 22).

A família poderosa usa também o ambiente da internet como base comunicacional de intermediação. Além das utilizações próprias em que o afeto, ou mesmo o querer estar junto, é estabelecido para a consolidação de amizades, organicamente enquanto grupamento a família poderosa utiliza a internet como espaço de divulgação de novos encontros e canal de compartilhamento de registros entre seus integrantes, em diálogo com as relações que se estabelecem no plano da praça.

É fato que, ao longo do tempo, a internet tem possibilitado também uma reconfiguração de sentidos nas formas como as pessoas se relacionam. Empreendido coletivamente, os sentidos gerados por essas relações são constantemente modificados. Ser e estar hoje em um ambiente coletivo de interação não significa permanecer amanhã. No entanto, é necessário lembrar que a fluidez nas relações sempre existiu. Hoje, o que gera estranheza é a ausência profunda de um limite espaço-temporal nas nossas diversas formas de interação.

Aliás, o que seria território senão uma porção fértil de elaboração de sentidos em que indivíduos diferentes, independentemente de se conhecerem ou não, travam contatos? A internet, mesmo que mediada por ambientes físicos digitais, como o celular ou o computador, é uma porção coletiva desterritorializada que confere e possibilita novos ambientes de construção e desconstrução de interações.

Nessa perspectiva, podemos considerar a família poderosa como uma comunidade de sentidos. De acordo com Janotti Jr. (2005), comunidade de sentidos é uma agregação que partilha interesses comuns, vivências de determinados valores, gostos, vontades e afetos, privilegiando determinadas práticas, também de consumo, obedecendo a determinadas produções de sentidos “[...] em espaços desterritorializados, por meio de processos midiáticos

que utilizam referências globais da cultura atual” (JANOTTI JR., 2005, 119). É justamente essa vivência dos sentidos empregados em grupo e culturalmente que permite aos adolescentes e jovens da família se reconhecerem, independentemente do território em que esses sentidos venham a se manifestar. Afinal,

[...] os indivíduos se agregam a partir de interesses e necessidades que definem conteúdos específicos. Mas, para além desses conteúdos, o fato de se sentirem sociados provoca satisfação em seus membros; a formação daquela sociedade como tal é, em si, um valor (BRAGA, 2011, p. 97).

Fazer-se presente, sentir-se presente e ser reconhecido como membro em uma comunidade de sentidos é, em si, um valor. Os integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” constantemente se afirmam nessa posição e demonstram o valor dessa inscrição grupal também na forma como se aliam a outros grupamentos na localidade no bairro Sapiranga. O território da Sapiranga também é desterritorializado por essas práticas que saem do campo da praça e inundam transversalmente os celulares, por meio do WhatsApp, desses adolescentes e jovens.

Se sairmos do foco do território como porção física ou desterritorializada, inserido em uma perspectiva de zoneamento por fronteiras, damos-nos a oportunidade de observá-lo também enquanto porção de práticas de sentidos. Tais práticas são construídas pela partilha de informações, imagens, vídeos, formas de vestuário, posicionamentos corporais, evidências de formas de consumo diferenciadas e também ligadas, fundando territórios simbólicos coletivos e individuais (JANOTTI JR., 2005), e possibilitando aos integrantes desse grupamento o reconhecimento de si perante os outros e o reconhecimento de todos enquanto partícipes de uma família.

Ainda como afirma Janotti Jr. (2005), o termo comunidade de sentidos, que também confiro ao grupamento aqui investigado, “[...] remete a práticas discursivas que se submetem não só a uma configuração mundializada de sentidos, mas também a aspectos globais investidos em certos produtos da cultura midiática” (p. 121). Ora, a cultura midiática é um amplo cenário onde o consumo cultural também cria e delimita comunidades de sentido. A família poderosa faz parte deste cenário de consumo instaurado pela cultura midiática desde o seu surgimento, quando da necessidade de integração pelo uso de tecnologias digitais, e mais fortemente o celular. No entanto, é necessário reforçar que suas práticas não se limitam ao uso dessas tecnologias. Há outros fenômenos sociais presentes.

Nesta perspectiva de conhecimento dos diversos fenômenos sociais presentes no cotidiano, cabe destacar que é a possibilidade de ruptura com o que é correntemente tomado



como habitual um primeiro passo para que possamos desconstruir e desfamiliarizar noções já naturalizadas há tempos (SPINK; FREZZA, 2013). Nesse sentido, a partir do uso dos ambientes comunicacionais com os quais permaneci em interação, pude observar uma gama intensa de sentidos sendo gerados continuamente, permanecendo um complexo e intenso movimento de estranhamento dos sentidos criados por seus integrantes.

Estabelecidas culturalmente ou não, normas próprias de convivência também são construídas nesse grupamento. Quando falo culturalmente, levo em consideração todo um coletivo de hábitos que perpassam nosso cotidiano. No caso, é bom destacar, que nós somos produtos de uma época e que não escapamos às convenções, ordens morais ou estruturas de legitimação (SPINK; FREZZA, 2013).

Quanto às práticas sociais e aos vínculos tecidos pela família poderosa, observei a necessidade de me posicionar claramente dentro de uma percepção de que as relações sociais são socialmente construídas para investigar, identificar e entender as convenções e regras socialmente geradas por este grupamento.

A família “Os Poderosos e As Poderosas” mantém-se conectada em ambientes de sociabilidades diversos, mas nem por isso desconectados. Aliás, contemporaneamente, nada fazemos sem que os objetos que nos cercam tenham o mínimo de importância em nossas ações (SANTOS, 2006). Tal ideia dialoga com a perspectiva latouriana, a qual traz para o centro do debate as ações estabelecidas a partir de amarrações entre humanos e não humanos

[...] que, por sua vez, são também mais amarrações – configurando, portanto, um emaranhado de redes que fragmentam qualquer solidez em microconexões ou desconexões. Tal emaranhado nos possibilita pensar não mais em termos de unidade, mas a partir de um dinamismo processual e sempre constante de associações (NOBRE; PEDRO, 2010, p. 48).

Existe um limite para associações na sociedade contemporânea? Existem limites de lugares e formas de permanência na convergência entre o uso dos ambientes digitais e os ambientes da cidade? Continuamente somos compelidos a participar de entre-lugares, de dobras comunicacionais. E esses lugares, entre outros lugares, nos possibilitam um campo fértil para novas formas de subjetivação, singular ou coletiva, que também iniciam novas identidades, novas ações de colaboração e de contestação, com o intuito de construir a própria ideia do que seria o social (BHABHA, 1998).

## 4.2 Para conviver com o outro

Seja no Brasil, seja em vários outros países do mundo, as sociedades caminharam para o que poderíamos considerar uma certa onipresença da informação e da comunicação. Certa porque o acesso a diversas plataformas comunicacionais ainda é bastante limitado para todos os indivíduos. No entanto, no Brasil, há que se considerar que existe uma quantidade bastante expressiva de indivíduos em constante acesso à internet, principalmente pelo celular<sup>81</sup>.

Para promover o acesso a diferentes conteúdos, diferentes culturas e categorias ao redor do mundo, indivíduos têm, a partir do acesso à internet, promovido variadas formas de produção e divulgação de conteúdo. De toda forma, mesmo ainda em caráter restrito, a comunicação a partir da cultura tem oportunizado novos olhares sobre o diferente. E “[...] pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 287).

Isso quer dizer que não devemos reduzir a comunicação às tecnologias, sendo que aquela deve ser entendida como um processo, e não como uma categoria instrumental. Nesse sentido, talvez aqui o desafio nas sociedades contemporâneas não seja o de simplesmente se adequar ao uso de novas tecnologias informacionais, nem à possibilidade cada vez mais gradual de aproximação dos indivíduos e das coletividades. É necessário que tentemos, cada vez mais, compreender a comunicação pela diferença e não como estratégia de coesão de identidades presentes entre coletivos. No auge do uso dessas tecnologias, a necessidade de discutir as alteridades torna-se ainda mais necessária (WOLTON, 2012).

A família “Os Poderosos e as Poderosas”, tanto por meio do diálogo em grupos no WhatsApp como em seus encontros semanais pode ser percebida como um âmbito diverso de alteridades. Opiniões são dadas e diálogos são construídos sob múltiplas discussões em diversas temáticas. Tal fenômeno chega a acontecer de forma simultânea, especialmente nos

---

<sup>81</sup> O suplemento de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014, realizado em convênio com o Ministério das Comunicações, traz dados novos quanto a essa realidade. Em 2014, pela primeira vez, mais da metade, ou seja, 52,5% da população rural pesquisada, com 10 anos ou mais de idade, possuía celular. Nas áreas urbanas, esse percentual chegou a 82,3%. Também pela primeira vez nos domicílios brasileiros, o acesso à internet por telefone celular ultrapassou o acesso via microcomputador. De 2013 para 2014, o percentual dos domicílios que acessavam a internet via microcomputador diminuiu de 88,4% para 76,6%, enquanto a proporção dos que tinham acesso à internet por celular saltou de 53,6% para 80,4%. Foi um grande salto em um ano. A pesquisa realiza uma comparação a partir dos dados coletados nos anos 2005, 2008, 2011, 2013 e 2014 e pode ser acessada por meio do link: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2014/default.shtm>>.

grupos de WhatsApp da família, onde conversas diferentes são colocadas no mesmo espaço de tempo, provocando até descontinuidade de diálogos.

Mesmo que situados em um determinado grupamento, ou mesmo *família*, como eles mesmos autointitulam, existem diferenças de atitudes e pensamentos. Assim como destacado anteriormente, no processo de conhecimento de sentidos deste grupo, foi preciso que eu estranhasse suas ações, tentando desconstruir normas sociais pré-concebidas, a fim de que eu entendesse quais formas de regulamentação realmente eram instituídas e vigoravam por entre os integrantes da família poderosa.

Afinal, nesta perspectiva, “[...] a representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 1998, p. 20). Por mais que essa determinada família fosse originariamente constituída sob o cerne das normas sociais criadas pela sociedade em que vivem, isso não foi fator de impedimento para que ela mesma criasse o seus próprios códigos, normas e formas de relacionamento, constituídos por meio de uma diretoria criada para tal. Mesmo sob normas específicas, a diferença entre seus integrantes também é presente.

Kelly<sup>82</sup>, integrante da família poderosa, tratou justamente sobre a questão da diferença nas opiniões entre membros do grupamento, assim como sobre o respeito, que, segundo ela, deve haver entre as pessoas.

O pessoal hoje em dia infelizmente não sabe se respeitar. Ninguém sabe respeitar a opinião do outro. A gente fala uma opinião, ali já é uma briga. Então o certo não é isso. Então, ali [no grupo do WhatsApp dos Poderosos] já dá pra perceber que é a pessoa que tem inveja, ou a pessoa que não gosta da outra mas não diz assim... só fala, mostra assim na atitude, eu vejo muito isso ali. Eu nunca discuti com ninguém em grupo, nem dos PD, nem em canto nenhum, por quê? Porque do jeito que eu quero que respeite minha opinião, eu respeito a opinião de todo mundo. E quando começa as briga (*sic*) eu começo a falar “gente, bora parar, isso é um grupo, não é pra brigar e tal”. Porque eu não acho certo né? O grupo é uma família... (informação verbal).<sup>83</sup>

Os grupos de WhatsApp da família poderosa funcionam como redes sociotécnicas de interação. São espaços de diálogo onde há a possibilidade de troca de diferentes recursos textuais, seja mensagens em texto, *emojis*, imagens e vídeos, a fim de que seu conteúdo seja disponibilizado apenas a quem está inserido. O WhatsApp Messenger (nome completo do aplicativo) é “[...] um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS”<sup>84</sup>, cujos direitos de uso são de outra empresa, o Facebook.

<sup>82</sup> Nome fictício sugerido pela própria entrevistada.

<sup>83</sup> Entrevista com Kelly, integrante do grupo os “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

<sup>84</sup> Informação disponível no site da empresa: <<https://www.whatsapp.com/about/>>.

Em nenhum momento, no site da empresa mantenedora do aplicativo, há a sugestão de que ele deveria ser considerado uma rede social ou não.

Nesse sentido, destaca Recuero (2009) que rede social “[...] é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (p. 22). É necessário reforçar que a palavra rede, para designar associações entre atores e atrizes sociais, não é nova, tendo sido criada e perpetuada fora das discussões sociotécnicas contemporâneas de relações, especificamente no âmbito dos movimentos sociais durante o século XX. De toda forma, a palavra rede, em si, é potente porque carrega um significado intenso, não podendo ser desvinculado das formas de relações tecidas também em âmbito sociotécnico.

A partir desse enfoque, cabe dialogarmos também sobre o que seria traduzido como rede para a Teoria do Ator-Rede. Rede, na verdade, em sentido latouriano, seria conceito e não coisa. É uma ferramenta que auxilia o pesquisador a descrever algo, “[...] é o traço deixado por um agente em movimento” (LATOUR, 2012, p. 194). Dentre os aspectos que devem ser levados em consideração para dialogar sobre rede e partir dela, Latour (2012) cita três:

[...] a) uma conexão ponto a ponto se estabelece, fisicamente rastreável e, portanto, pronta para ser registrada empiricamente; b) essa conexão deixa vazia boa parte daquilo que não está conectado, como todo pescador sabe ao lançar sua rede ao mar; essa conexão não é gratuita, exige esforço, como todo pescador sabe ao repará-la ao convés” (p. 194).

Isso justifica o posicionamento latouriano na compreensão de que rede é movimento. Aliás, mais que um formato inerte, é somente a partir dos diversos acontecimentos e transformações estabelecidos em rede que podemos traçar um ator-rede. Podemos considerar o WhatsApp como um tipo de rede. Um ambiente de inúmeras transformações.

É também um espaço de manutenção de diferentes interações locais, tendo em vista que a nossa agenda de telefones, em um primeiro momento, também poderia ser considerada uma rede que inter-relaciona diversos indivíduos ao redor do mundo. Basta que os iniciantes ou costumazes utilizadores tenham o aplicativo instalado em seu celular. Mesmo que a isso já tenha me referenciado em capítulo anterior, retomo essa discussão como imperativa para a compreensão acerca da constituição de *família* pelo grupamento “Os Poderosos e As Poderosas”.

Aliás, qualquer pessoa que esteja inserida neste aplicativo pode ser adicionada nos

grupos criados em tal ambiente comunicacional. Não é necessário que aceitemos qualquer convite. Mesmo à revelia, somos inseridos. Para não permanecer, é necessário que exerçamos a opção, dada pelo aplicativo, de sair dos grupos. Provamos um pouco daquele espaço e, se não gostarmos, temos a oportunidade de sair, o que às vezes não é visto de forma positiva perante os outros que permanecem naquele ambiente, podendo gerar até desconforto e dúvidas sobre o motivo real da dissidência. São idas e vindas que nos mostram o quanto essa rede é difusa.

Já foi observado que, para a TAR, a ideia de rede não está circunscrita apenas às relações sociais estabelecidas por humanos. Verifica-se, em verdade, um entrelaçamento de humanos e não humanos para a construção do social. Não humano, no caso, são os objetos técnicos com os quais nos relacionamos. A família “Os Poderosos e As Poderosas” é também uma rede que se constitui pelo uso acentuado de objetos técnicos, no caso os celulares. Para Latour (2012),

A ANT não alega, sem base, que os objetos fazem coisas ‘no lugar’ dos atores humanos: diz apenas que nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de *não humanos* (p. 108).

Os celulares não determinam nem agenciam os encontros. No entanto, tanto os componentes da família como o celular são *actantes* nesse processo comunicacional. Os indivíduos integrantes, porque agem cotidianamente como mantenedores da família poderosa, e o celular, porque a partir dele é que se consegue elaborar encontros, dialogar continuamente, conhecer novas pessoas e fazer com que a família permaneça se encontrando.

Tanto nos encontros na praça como no WhatsApp as relações são reconfiguradas a partir das alteridades dos atores e atrizes sociais que compõem esses espaços. A partir da fala anterior de Kelly, sobre diferenças de pensamento e discussões mais acaloradas entre integrantes da família, percebe-se uma introdução acerca de sua compreensão do que se configuraria a família poderosa para ela. De toda forma, o respeito a si e ao outro são fundamentais para que os componentes da família se relacionem e mantenham conexões sociais. Ainda com relação a porque ela considera os poderosos uma família, podemos ler no trecho a seguir.

Uns a gente já conhece quando a gente entra. Outros a gente não conhece. Mas a gente pega um afeto, um carinho. Por justamente estar muito reunido, por encontros e estar juntos, a gente forma aquele laço de amizade que a gente começa a considerar uma família. Porque, tipo assim, se você é dedicada pro grupo, quando você não está em casa com a sua família, você tá lá na outra família que é o grupo, ou no encontro, ou numa festa deles, de alguma das pessoas, então por isso que é chamado de família. Porque muitas vezes também nós somos ajudados por eles, que nem eu fui muitas vezes ajudada pela minha família d'Uz de Açúcar<sup>85</sup>, que quando eu era, né? Me ajudaram muito. Os PD também eles apoiam muito. Se tiver algum problema eles vão lá, ajudam. Entendeu? Eles são realmente uma família. Só que toda família tem seus defeitos, né? Brigas, desavenças e tal, mas por isso que tem o nome de família, pela ajuda de um ao outro (informação verbal).<sup>86</sup>

Destacando o que Kelly aborda, é importante esclarecer que, para haver o grupamento do social, é necessário de fato que haja a colaboração de todos. Todos aqui entendidos não como parcelas unas, mas em uma perspectiva plural, onde não se sabe exatamente quantas pessoas existem em cada um de nós, nem se pode saber quanto de individualidade realmente existe em nossa construção como pessoas, atores e atrizes sociais em relação. Família, para Kelly, é afeto, carinho, apoio, proteção, ajuda e uma construção firme de laços.

Se compararmos a relação de amizade tecida por este grupamento com as relações de vínculos criadas a partir de seu nascimento com sua família consanguínea, percebemos que a liberdade é um dos fatores primordiais para entender por que os laços da família poderosa se mantêm. No entanto, mesmo que livres para tecerem contatos e relações com aqueles que mais lhes aprouverem, a discussão acerca da necessidade de presença entre os integrantes da família poderosa é ainda muito forte.

Como destacado no segundo capítulo, há uma quantidade de normas pré-estabelecidas pela diretoria do grupamento, e uma delas prevê justamente a necessidade de *representar*, o que se configura como uma forma de tolher liberdades, mesmo que entre amigos. Gerar amizades e permanecer em meio a elas é uma prática de liberdade. A família poderosa é um grupamento mantido por laços de amizade, no entanto, não somente por isso.

Mesmo que haja coesão e solidariedade entre os componentes da família “Os Poderosos e As Poderosas”, isso não quer dizer que o grupamento esteja livre de desavenças. Em diversos casos, pessoas saíram do grupo e deixaram de reconhecerem-se como poderosos em meio a conflitos gerados dentro da família. Em outros as crises aconteceram, mas foram

<sup>85</sup> Kelly, antes de participar da família poderosa, era integrante da família “Uz de Açúcar”, originada no Barroso, onde ela mora. Esse nome é fictício e criado por mim para denominar a família. Devido a problemas de convivência e por ela se sentir ofendida com comentários que surgiram no grupamento, Kelly decidiu sair em 2014. Ao final da pesquisa de campo com a família poderosa, já por volta de outubro de 2015, obtive a informação de que Kelly retornou para “Uz de Açúcar”, integrando mais uma vez sua diretoria.

<sup>86</sup> Entrevista com Kelly, integrante dos grupos da família “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

sanadas ainda durante discussões pelo WhatsApp.

Muitas vezes, a forma como os poderosos e as poderosas conversam no WhatsApp pode dar margem a outras compreensões acerca do dito e até do não dito. A plataforma, por mais que gere sociabilidades, expõe mensagens por vezes incompletas de sentido, sendo necessário que seus utilizadores tenham que utilizar *emojis* ou explicar, por meio de áudio ou imagens, o que realmente querem dizer.

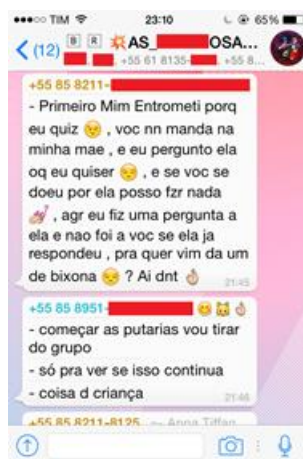
Se compararmos as conversas do WhatsApp com o diálogo tecido face a face na praça, pelos integrantes da família, os sentidos da fala também precisariam ser completados com suas expressões faciais e gestos corporais, os quais também “dialogam”. Quanto ao WhatsApp, trago um exemplo em imagens *printadas* no grupo “As Poderosas” de como uma discussão pode movimentar várias pessoas, integrantes da família e da diretoria.

Figura 57 - Início de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 58 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



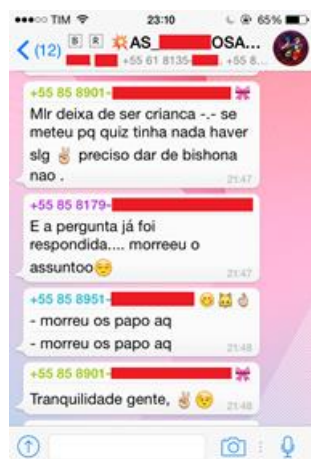
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 59 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



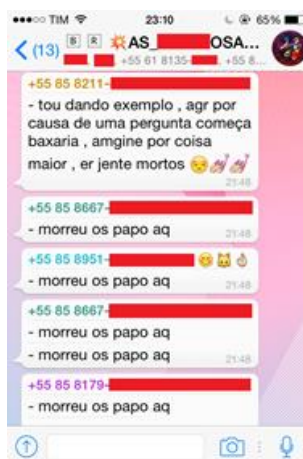
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 60 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 61 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 62 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Discussões acontecem continuamente entre os integrantes da família poderosa. As imagens anteriores ilustram bastante tanto como aconteceram os embates quanto o que é feito para que eles sejam sanados. Comumente são os membros da diretoria que tomam a frente nas decisões de resolução de conflito. Faz-se perceber uma forma de proteção intrínseca ao grupo, de forma a não permitir que problemas quaisquer venham prejudicar a manutenção da família.

Nas imagens anteriores, os sentidos incompletos de fala deram margem para uma compreensão equivocada da mensagem geradora da discórdia. Uma simples pergunta gerada conduziu ao extremo de uma discussão acalorada, em que uma das diretoras ameaçou retirar do grupo as pessoas que provocaram a desordem no ambiente. Além do seu próprio diálogo no grupo, o recurso utilizado pela diretora para que as mensagens saíssem do foco dos integrantes foi copiar e colar uma mesma frase de efeito diversas vezes, a fim de evitar que a discussão permanecesse acontecendo.

Continuamente os integrantes da família poderosa mantêm uma prática específica, pertinente ao território de sentidos, que é o WhatsApp, de convidar outros adolescentes e jovens a conversar por meio privado. Isso acontece especialmente por um fator de interesse e, às vezes, até de paquera, em que a foto<sup>87</sup> do perfil age como recurso essencial de atenção. Praticamente todos os integrantes dos grupos de WhatsApp da família poderosa disponibilizam suas fotos reais, muitas vezes retocadas por aplicativos de edição de imagens, para serem visualizadas pela rede de contatos do aplicativo.

Eu também disponibilizo uma foto minha, a qual troco de tempos em tempos, quase que uma vez por mês. Ela não está retocada. Aliás, tendo colocar fotos em que estou em ambientes descontraídos, como em casa varrendo a sala. Isso causa certo estranhamento entre os habitantes da minha rede de contatos. As fotos de perfil tendem a chamar a atenção de pessoas interessadas em conversar de forma privada. Ou seja, fora do bate-papo geral, em um ambiente bidirecional. Há meninas e meninos da família poderosa que constantemente são chamados a conversar.

Em todo o período em que estive inserida nos grupos, fui abordada duas vezes em ambiente privado. Um dos jovens eu não conhecia, o outro eu já havia tido a oportunidade de dialogar nos primeiros encontros dos quais participei. Este queria saber como estava minha pesquisa, como pode ser percebido nas imagens a seguir.

---

<sup>87</sup> Toda pessoa com perfil no WhatsApp pode disponibilizar uma figura a qualquer pessoa que puder visualizar, a fim de que seja reconhecida também por figura. Nas configurações do aplicativo, há a opção tanto para que sua figura escolhida seja disponível somente aos amigos pertencentes à sua rede de contatos telefônicos como para qualquer pessoa que a acesse.



Figura 63 - Diálogo em formato privado com integrante da família.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 64 - Diálogo em formato privado com integrante da família.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Aliás, é comum, em meio aos diálogos tecidos pela família nos grupos do WhatsApp, a pré-disposição declarada de seus integrantes, convidando qualquer pessoa que esteja presente no grupo a estabelecer diálogos em bate-papo privado. Nas imagens que seguem, a sigla PVD significa privado. Por vezes, a sigla PV é utilizada também com a mesma referência.

Figura 65 - Início de diálogo no grupo da família poderosa.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 66 - Continuação de diálogo no grupo da família poderosa.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Giddens (1991) destaca que, nessas formas de interação que não são tecidas necessariamente face a face, mas sim prioritariamente mediadas por alguma tecnologia, gera-se uma sensação de segurança cotidiana, uma certa confiabilidade no outro. No entanto, ainda de acordo com o autor, “[...] mas por sua própria natureza ela não pode fornecer nem a mutualidade nem a intimidade que as relações de confiança pessoal oferecem” (p. 127).

Isso quer dizer, para Giddens (1991), que a interação mediada por tecnologias pode deixar brechas de percepção. Pode fazer com que também nos enganemos com relação à

identidade da pessoa com quem estamos conversamos. Todos podemos ser quem quisermos em todos os âmbitos de nossa vida. Aliás, se “[...] cada vez é mais comum se relacionar com outros por meio da internet, por exemplo, prescindindo do encontro físico dos corpos para criar laços afetivos, inclusive relacionamentos sexuais” (SIBILIA, 2015, p. 70), podemos construir personagens e nos relacionarmos por meio dessas múltiplas identidades, seja em ambientes comunicacionais mediados, seja em outros ambientes comunicacionais diversos não necessariamente mediados.

Em diálogo com a poderosa Verônica, pude perceber elementos bem extremistas de como ela acredita que as relações mediadas em redes sociais são.

Rede social é a coisa mais mentirosa que tem. Primeiro lugar... tanto fisicamente, como eu tô te falando, a pessoa é bem gostosa nas foto (sic) e pessoalmente a pessoa é né? Tanto fisicamente como em atitudes... São personagens. É uma capa em cima daquela pessoa, ela quer que seja mas infelizmente não é, entendeu? (informação verbal).<sup>88</sup>

Para Verônica, existem pessoas que mesmo querendo ter outro tipo de identidade, um outro corpo, uma outra imagem, nunca poderão conseguir atingir este feito, o que poderia ocasionar frustrações nos dois sentidos: naqueles desejosos de serem outras pessoas; e naqueles que, permanecendo em diálogo mediado pelo WhatsApp, deparam-se com alguém que não reconhecem fora da imagem disponível no aplicativo.

Para a poderosa Kelly, também em entrevista, mesmo que as relações não se esgotem, seja por meio do WhatsApp, seja quando são tecidos diálogos no ambiente da praça, há uma diferença entre o ser que habita os dois ambientes comunicacionais, podendo essa diferença ser observada justamente na dobra.

A gente sempre marca alguma coisa de sair. Ou a gente ‘ah, vamos se conhecer, vamos sair pra algum canto’. Nunca é suficiente se conhecer pelo WhatsApp. E nunca é a mesma coisa. Às vezes é uma pessoa no WhatsApp e quando você vê pessoalmente já é outro jeito. Porque eu acho que são divididos em dois mundos, né? Porque tem umas pessoas que já são mais liberal no WhatsApp, pessoalmente já são mais tímidas. Ou pode ser o contrário. São tímidas no WhatsApp e quando é pessoalmente já é outra pessoa mais extrapolada. É porque hoje em dia as pessoas têm muito medo do tal *print*, né? (risos) Então fica mais reservado, né? Pra poder não correr o risco (risos). Tipo, já aconteceu muito de pessoas mostrar ser uma coisa pelo WhatsApp e pessoalmente ser totalmente outra. Por incrível que pareça (informação verbal).<sup>89</sup>

Na fala de Kelly, diferentemente de Verônica, o ser diferente nos dois espaços se dá pelo comportamento que a pessoa exerce perante os outros. De toda forma, tanto no uso de

<sup>88</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

<sup>89</sup> Entrevista com Kelly, integrante do grupo “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

ambientes comunicacionais mediados como nos encontros face a face proporcionados pela vida cotidiana, as relações de confiança são construídas e mantidas de forma lenta e gradual (BRAGA, 2011). Em ambos ambientes, e em outros que porventura sejam criados, “[...] o corpo é também um grande ator utópico” (FOUCAULT, 2013, p. 12), podendo ser construído e evidenciado de formas diferentes, expondo que não existem padrões convencionais de sociabilidades.

E assim como destacado anteriormente, a família “Os Poderosos e As Poderosas” é uma comunidade de sentidos (JANOTTI JR., 2005) que compartilha também lugares de sentidos, onde todos os que estão ali presentes estão suscetíveis a interpretar ou a serem interpretados de forma compreensível ou equivocada.

### **4.3 Em meio à oralidade transcrita**

No primeiro momento em que necessitava de adaptação para minha entrada nos dois grupos da família presentes no WhatsApp, “Os Poderosos e as Poderosas” e “As Poderosas”, outro elemento que me causou bastante estranhamento foi a forma como os atores e atrizes sociais dialogavam entre si. Aliás, observei uma forma de escrita que beirava o próprio pertencimento dos integrantes da família ao grupamento. Mais que uma grande quantidade de palavras transformadas em siglas, neologismos, misturas entre palavras e uso acentuado de *emojis*, percebi a constância de palavras que, transformadas, eram compreendidas por quase todos que, de alguma forma, já pactuavam de sua compreensão. E os que não compreendiam eram generosamente inseridos nos repertórios ali construídos pelos próprios membros do grupamento. Observei um mecanismo próprio de diálogo.

Aliás, percebi os repertórios não apenas nos diálogos assíduos naquele espaço. As próprias descrições dos adolescentes e jovens em seus perfis no WhatsApp, que podem ser visualizadas por qualquer pessoa que esteja participando do grupo, permeadas de *emojis* e palavras, evidenciavam o que estavam sentindo, o que estavam fazendo, o nome de algum cantor famoso ao qual se aproximavam, um trecho de uma de suas músicas favoritas que resumiam algum momento vivido por tais atores e atrizes sociais, dentre outras utilizações. Tal fenômeno não é recente, visto que isso já acontecia em outra plataforma bastante utilizada na década de 2000, o *MSN*, por onde seus participantes exibiam ações como: dormindo, almoçando, indo ao banheiro, viajando, se arrumando etc. Diferentemente do *MSN*, o WhatsApp dá a possibilidade de inserção dos *emojis*, o que resume bastante os sentimentos de seus usuários, não necessitando de palavras para expressá-los.

A necessidade de falar ao outro o que se sente é constante e demonstra o deslocamento fluido entre o sentir, querer dizer e compartilhar por esses jovens. Não basta sentir, é necessário que o outro tenha a dimensão desse sentimento. É importante que o outro saiba e, em vários momentos, possa interagir com tais sentimentos expostos em rede. Esta possibilidade poderia ser também configurada como uma estratégia facilitadora de interação (ALMEIDA; EUGENIO, 2006).

Os *emojis*, também chamados de carinhas por parte de alguns adolescentes e jovens, estabelecem outros sentidos no texto. Seria o que podemos chamar de um retorno a um tipo de oralidade, sendo que transcrita. Oralidade transcrita esta que só reforça uma necessidade correntemente humana de estabelecer pontes e formas de contato. A percepção de uma mensagem de cunho oral é bastante diferente da percepção escrita, por mais que os dois sejam recursos narrativos textuais.

Enquanto oralmente precisamos necessariamente da voz como duto de troca e intensidades, trazendo interjeições próprias de complementaridade dos sentidos de fala, na forma escrita lemos e compartilhamos palavras para nos fazermos compreender. Nesse sentido, transcrever a oralidade seria colocar em palavras aquilo que se quer expor por duto oral.

Realizo essa compreensão porque, em meio aos repertórios criados pelos próprios componentes da família poderosa, percebi o quanto o oral esteve presente. As palavras eram escritas especialmente da forma como eles falavam. As construções frasais nas mensagens de texto correspondiam mais à sua forma oral que à sua representação escrita. Dessa forma, observam Almeida e Eugenio (2006),

A comunicação que se desenrola através dessa troca instantânea parece revestir-se de um aspecto intensamente fático [...]. São expressões, interjeições, troca de ícones ou emoticons (carinhas rindo, chorando, com sono, raivosas, mostrando a língua, piscando etc., algumas fornecidas no repertório básico do programa, outras personalizadas pelos usuários, com uma infinidade de expressões possíveis), além do uso insistente de risos grafados (do mais contido ‘hehehe’ ao mais intenso ‘hahahaha’). [...] O teclado converte-se tanto quanto possível em um decalque esmerado da voz que fala, e neste movimento mimético reside toda uma operação de diluição tentativa das diferenças entre a interação face a face e a mediada por máquinas. [...] As abreviações corroboram para a produção de um efeito de “espaço real”: é preciso digitar em velocidade a mais próxima possível da fala (p. 64-65).

Em certa medida, a rapidez da troca de mensagens justifica e potencializa a escrita como algo mais próximo da fala. Todos estão em interação constante no espaço do grupo do WhatsApp e qualquer gancho perdido pode comprometer a compreensão dos sentidos da oralidade. Nesse aspecto, o texto criado e compartilhado no âmbito do WhatsApp é polifônico

porque traduz e potencializa diversos significados. Quando os *emojis* são utilizados como fatores complementares de percepção, estabelecem um outro ritmo e significado para o texto escrito. A oralidade transcrita exercida por entre aplicativos de bate-papo, como acontece no WhatsApp, é realizada a partir da junção de diferentes formas de recursos textuais em que nem sempre há uma compreensão total da mensagem previamente estabelecida, como pode ser percebido nas imagens a seguir.

Figura 67 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 1.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 68 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 1.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 69 - Diálogo no grupo geral da família poderosa. Grupo 2.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Como citado anteriormente, os *emojis* também são chamados de carinhas por parte dos componentes da família poderosa. Kelly é uma das jovens que os utiliza bastante em seus diálogos e pôde conversar em entrevista sobre o que significam para ela.

Eu uso porque eu acho tão interessante porque elas definem realmente o que você tá sentindo. Aquelas carinhas... assim, é impressionante o quanto elas definem o que você sente, né? Quando você tá conversando, se você tá com raiva, tem aquela cara de ódio, tem aquela cara de mais ou menos raiva, tem de tudo um pouco. Se você tá se achando... é de tudo um pouco, é impressionante como aquelas carinhas definem o que você está sentindo. Então é muito mais fácil você colocar uma carinha do que você expressar o que você está sentindo. Porque pela carinha todo mundo vai entender. Agora, se eu for falar, talvez nem todo mundo entenda (informação verbal).<sup>90</sup>

Posteriormente, quando também fui inserida no grupo da diretoria, “Mesa Diretoria 3.0”, um dos três grupos dos quais participei, como citado no segundo capítulo, percebi uma menor frequência de *emojis*. Isso se dá principalmente porque o âmbito do grupo da diretoria por vezes é de resolução de conflitos e diálogos acerca de determinadas decisões,

<sup>90</sup> Entrevista com Kelly, integrante do grupo “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

além de ter uma quantidade menor de pessoas. Há também o fato de que o grupo não suscita, corriqueiramente, diálogos diversos ou sobre outras pautas que não a própria família “Os Poderosos e As Poderosas”.

Kelly, 22 anos, era uma das integrantes dos grupos da família “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp até outubro de 2015. Durante praticamente todo este ano foi namorada do Rafael, administrador e dono da família. No período, foi considerada patroa por muitos poderosos, justamente por namorar o patrão dos Poderosos. Fora isso, ela também tinha espaço na diretoria, independentemente de seu relacionamento com o Rafael. Hoje, os dois não estão mais namorando, mas permaneceram na mesma família, até paquerando outros adolescentes e jovens presentes nos grupos até outubro, que foi o mês em que Kelly decididamente voltou para sua família anterior “Uz de Açúcar”.

Em meio ao WhatsApp, vi a relação apaixonada entre os dois bastante exposta, em que compartilhavam entre nós imagens, vídeos, áudios de músicas e muitos comentários de felicidade pelo relacionamento. Também vi os estremecimentos. Nesse aspecto, é bom destacar que a linguagem é também ação, e por isso produz consequências (SPINK; MEDRADO, 2013).

Todos os que estavam inseridos nos grupos puderam acompanhar também o fim do relacionamento. São poucas as fronteiras que limitam os sentidos estabelecidos tanto em ambientes face a face como mediados por tecnologias. É difícil evitar que as esferas se cruzem, já que estão praticamente amalgamadas. Afinal, “[...] essas plataformas podem ser percebidas simultaneamente como tecnologias de memória, tecnologias de comunicação, tecnologias de representação e tecnologias de narração” (CAMPOS, 2013, p. 66).

Mesmo assim, nem todas as mensagens são compreendidas por todos, já que há também momentos em que discursos são direcionados apenas a determinadas pessoas, mesmo no ambiente geral do grupo, sendo que “[...] a compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes” (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 27). Houve muitos momentos em que meu repertório discursivo e cultural estava limitado para que eu pudesse compreender as vozes ali empregadas. A limitação decorre do fato de eu não estar totalmente integrada ao grupamento, já que seus encontros não são tecidos apenas nas praças de forma semanal. A maioria mora perto, já se conhece há bastante tempo e, como são amigos, passam os dias a se encontrar e tecer relações.

Palavras, imagens, contextos, vídeos e áudios, para serem compreendidos, precisam obedecer a um repertório cultural e discursivo específico criado pelo grupamento. A família poderosa evidenciou muito isso a partir das siglas e dos neologismos criados. Nos

diálogos, essa forma própria de conversa é comumente utilizada por todos. Assim como *emojis* são bastante utilizados, são compartilhados fotos e vídeos em grande proporção, provocando, além da percepção de meu despreparo para entender os diálogos, uma gradual perda da capacidade de memória do meu celular. Essa quantidade de informações e imagens compartilhadas faz parte de um período na contemporaneidade em que a cultura visual é fortemente estabelecida.

A cultura visual contemporânea está firmemente ancorada na cultura digital. Os imaginários dos videogames, as ilustrações digitais, os ambientes visuais da internet ou dos telemóveis<sup>91</sup>, os vídeos caseiros constituem retalhos do quotidiano, revelando até que pontos participam da forma como vemos e representamos o mundo (CAMPOS, 2010, p. 59).

Entre os integrantes da família poderosa, nota-se uma necessidade tremenda de fala, da construção do diálogo entre os que permanecem naquele espaço de bate-papo. Além das palavras escritas em grande profusão, dos *emojis* já citados, dos vídeos e das fotografias, algo que se multiplica nessa esfera são também as gravações em áudio. A oralidade também faz parte desse processo de construção de discursos, às vezes também como forma de complementar alguns sentidos expressos, como podemos perceber nas imagens a seguir.

Figura 70 - Início de diálogo no grupo das poderosas



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 71 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

De certa forma, de minha parte, também houve o incômodo primeiro com algumas palavras desarticuladas fugindo ao que o português normativamente correto determinaria. Isso aconteceu principalmente por minha vontade de compreender tudo o que se passava nos diálogos tecidos naquele ambiente. Aos poucos, fui estabelecendo meu próprio

<sup>91</sup> Celulares em português de Portugal.

repertório, o que me auxiliou bastante. É necessário destacar que há uma constante compreensão da fala do outro, um sentido expresso que é comunicado ao outro e que, caso não seja totalmente compreendido, é perguntado e sugerido ao interlocutor que seja refeito.

Figura 72 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 73 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

São formas solidárias de permanência e coparticipação, necessárias para que a família permaneça em diálogo. Não há espaço demasiado para irritação, nem o incômodo corriqueiro perante a escrita do outro. Seria o que poderíamos chamar de uma transgressão aos códigos convencionais de escrita. Ou melhor, a criação de códigos próprios em grupo.

Em meio à profusão de mensagens deixadas em grupos no WhatsApp, não é estritamente necessário que o diálogo estabelecido cumpra uma função lógica em que o autor de uma mensagem tenha sua intenção claramente percebida por todos os que ali estão. Há um cruzamento intenso de informações, as quais são geradas também simultaneamente. Nesse ambiente, mensagens também se perdem entre tantos diálogos estabelecidos ao mesmo tempo.

Se, nessa perspectiva, a partir dessa profusão à primeira vista desordenada e desgovernada, passássemos a pensar que não há diálogos tecidos, e sim informações dispostas em um caos intenso, permaneceríamos olhando apenas para suas estruturas e essências. Perderíamos as associações geradas, o aspecto social que realmente está sendo construído. E se olharmos para além das essências, podemos nos encontrar com particularidades que não podem ser reduzidas a espaço e tempo (LEMOS, 2014).

Cada diálogo em rede é uma espécie de rastro deixado. Todos que usam o aplicativo por meio do celular e que se proponham a permanecer com seu *backup*<sup>92</sup> intacto

<sup>92</sup> Registros guardados pelo aplicativo de forma manual ou automática. Se for de interesse do usuário do serviço guardá-lo, ele pode ser retomado em qualquer outro celular, caso o usuário tenha perdido o equipamento ou



podem resgatar informações e mensagens anteriormente trocadas. Há casos em que os próprios integrantes da família poderosa, entre as mensagens deixadas nos grupos, “batem”<sup>93</sup> e compartilham os famosos *prints* quando há crises e discussões na família.

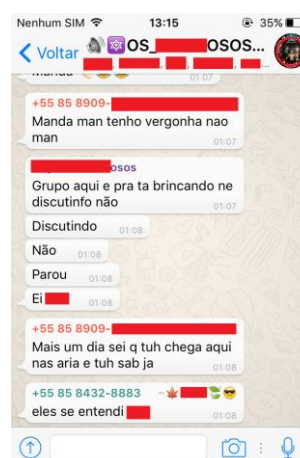
Também há momentos em que os poderosos e as poderosas são desafiados entre si ao dizerem que publicariam em ambiente público um determinado *print* de alguma conversa desenvolvida em âmbito privado, nos bate-papos bidirecionais chamados comumente de PVs ou PVDs. É um recurso utilizado para desmascarar ações e evidenciar a “verdade” no conflito. Atitude nem sempre aceita pelos integrantes, especialmente pelo administrador Rafael, que por várias vezes demonstrou que não tolera desavenças, como no caso das imagens a seguir.

Figura 74 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 75 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Esta profusão de mensagens com as quais lidamos todos os dias nos grupos de WhatsApp é similar à vivência do âmbito da praça, onde acontecem os encontros semanais. Há os que se encontram e se reconhecem, essencialmente pelas fotos com as quais se sentem representados, e as publicam como imagem de perfil no WhatsApp; os que compartilham suas próprias fotos nos grupos, sugerindo que estão disponíveis a novas amizades; os que nunca se viram, somente batem papo no ambiente do aplicativo e mesmo assim não dialogam quando estão na praça; há ainda os que começam a estabelecer alguma relação de amizade ou paquera, tudo a partir do uso do aplicativo e tomando a praça como meio congruente de

---

queira trocá-lo. Guardo, desde março de 2015, todas as informações dos grupos com os quais estou lidando em um *backup* específico para iPhone. No momento de escrita deste capítulo, tenho armazenado cerca de 1,5GB de informações entre textos, fotos, imagens e vídeos.

<sup>93</sup> Alusão aos termos “registrar uma fotografia” ou “tirar uma foto”, sendo que, nesse caso, a foto seria o *print* de uma conversa.

interações; dentre outras ações e atitudes.

#### 4.4 Reféns do Wi-Fi

Quando os componentes da família não se tornam “reféns do Wi-Fi”<sup>94</sup>, utilizam a internet primordialmente pré-paga para dialogar nos grupos. No entanto, há momentos em que a mobilidade do celular fica prejudicada, justamente pela falta de créditos em seus celulares, o que motiva a denominação. Ser refém do Wi-Fi é necessitar estar conectado por uma forma de conexão fixa, via banda larga, com sinal disponível para uso, o que evidencia o imperativo da conexão (SIBILIA, 2015) existente na contemporaneidade, que dialogaremos mais a seguir.

Exemplo disso é a própria casa do Rafael, onde, em uma das reuniões da diretoria na qual estive presente, todos que tinham celulares com possibilidade de acesso à internet pediram ao dono da casa que disponibilizasse a senha de conexão para a internet Wi-Fi. Constantemente Rafael muda a senha, o que faz com que seus amigos, quando o visitam, solicitem mais uma vez a permissão de acesso.

Isso denota, além de uma certa preocupação de Rafael em manter a conexão segura apenas àqueles com permissão de acesso, uma dimensão simbólica de poder que o dono da família poderosa estabelece perante seus companheiros. A permissão é dada de tempos em tempos, mas também retirada, exigindo que seja sempre requerida. Isso mostra também uma certa fragilidade de vínculos, onde amanhã ou depois uma determinada pessoa pode não fazer mais parte do círculo de amizades de Rafael, e, por isso, não deva ter acesso ao Wi-Fi de sua casa. Ou mesmo uma forma de controle de acesso, em que somente aqueles que mantêm visita constante possam efetivamente usufruir da rede de conexão.

A família poderosa está freneticamente conectada ao WhatsApp. Dias após dia, como já destacado em capítulo anterior, e até madrugadas são permeadas por diálogos intensos nos grupos da família. E por mais que haja uma troca intensa de mensagens entre seus integrantes, em determinados momentos a falta de conexão à internet compromete o diálogo, até por parte da diretoria, que necessita do serviço para divulgar os encontros semanais e compartilhar imagens ou vídeos durante os momentos na praça. Aliás, cabe salientar, nesse aspecto, que

---

<sup>94</sup> Em reunião da família “Os Poderosos e as Poderosas”, o adolescente Richell, 17, considerado pela família como um dos donos do grupo, utilizou este termo para designar aqueles que não estão conseguindo usar a internet 3G e, por isso, acabam por usar a internet apenas por conexão fixa. O termo causou estranhamento entre os presentes, que riram da forma como foi utilizado.

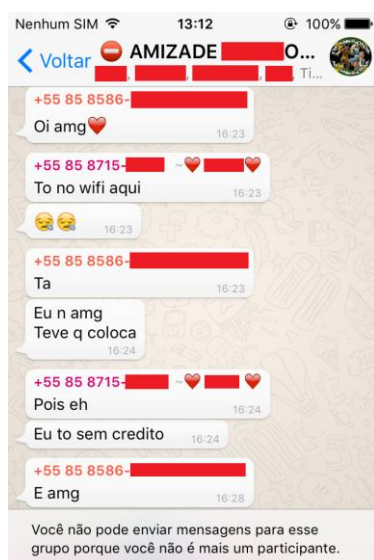
Agenciamentos 'reais' e 'virtuais', pois, organizam-se em esquemas de retroalimentação, incorporam-se uns aos outros, interpenetram-se, de modo que faz pouco sentido tentar separá-los em intercursos de naturezas distintas, quando o que se verifica é que eles *se acumulam para significar* (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 58)

No caso dos grupos no WhatsApp os quais “Os Poderosos e as Poderosas” fazem parte, a falta de “créditos” – ou seja, dinheiro pré-pago para o usufruto de ligações, acesso à internet e envio de mensagens por celular – é reconhecida e até citada, seja pelos próprios componentes para justificar sua ausência, seja por outros para justificar a ausência de seus amigos, clamados pelo grupo, seja para mostrar para todos em que condição se está. A alternativa é utilizar a internet Wi-Fi, o que compromete a mobilidade do usuário, já que ele necessita permanecer afixado em um local que disponibilize tal conexão.

Como exemplos, trago imagens *printadas* de dois grupos. Na primeira figura, retirada do primeiro grupo, há a informação até dolorosa, evidenciada pelo uso dos *emojis* por parte de uma das integrantes, de que ela está utilizando o Wi-Fi por, como ela mesma justifica, estar sem créditos.

Já nas outras duas imagens, retiradas de outro grupo, há uma certa cobrança por atenção por parte de uma das integrantes. A justificativa pela falta da procura entre amigas se dá também pela falta de créditos, em que uma até brinca “[...] ha muito tempo que n sei o q ser isso” e a outra responde “duas”, com *emojis* complementares que exprimem o sentimento de ambas, como pode ser observado nas imagens a seguir.

Figura 76 - Diálogo no grupo geral da família poderosa. Grupo 1.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 77 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 2.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 78 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 2.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Destaca Sibilía (2014) que “[...] o atual imperativo da conexão, por exemplo, tão pregnante em tempos de redes sociais na internet e aparelhos móveis de comunicação, responde à demanda pelo traspasso de tais barreiras espaciais” (p. 59). Essa demanda pelo traspasso de barreiras espaciais evidencia também uma limitação imposta por barreiras fixas de conexão. Ao mesmo tempo em que se desenvolve essa necessidade de conexão para além de fronteiras, há uma desigualdade de recursos que ainda mantém diversos jovens desconectados ou permanentemente levados a se conectarem somente em locais fixos, exemplificados neste grupamento por ambiente de conexão via internet Wi-Fi, prejudicando sua mobilidade.

Ao mesmo tempo em que há uma presença maciça de objetos técnicos permeando nosso contato com outros indivíduos, a percepção da utilização das tecnologias, inclusive as de informação e comunicação, também não se dá mais de uma forma tão visível. A invisibilidade da tecnologia no nosso uso cotidiano se dá justamente por essa naturalização de sua utilização. É como se o uso fosse percebido a partir da falta.

E isso acontece, também, pela expansão de nossos sentidos em rede, como se estivéssemos diretamente conectados a essas tecnologias. E a falta aqui, como citado, é uma interferência nesse fluxo de ação. De acordo com Lemos (2003), levando em consideração essa naturalização das tecnologias,

[...] assim, na modernidade, o homem não é mais verdadeiramente um simples inventor, mas operador de um conjunto maquínico que evolui segundo uma lógica interna própria (a tecnicidade). A aparição de objetos técnicos engendra, então, um processo permanente de naturalização dos objetos e de objetivação da natureza (na construção de uma segunda natureza artificial, a tecnosfera) (p. 33).

A naturalização desses objetos técnicos é perceptível em nossas ações cotidianas. No caso da família “Os Poderosos e As Poderosas”, essa naturalização é quebrada quando da percepção da falta de algum integrante no grupo, que acontece justamente quando o acesso à internet fica comprometido. Aliás, nesse sentido, é necessário problematizar de qual acesso estamos falando.

Atualmente, algumas discussões que têm permeado o acesso a tecnologias, às formas de produção e ao compartilhamento de mensagens entre diferentes pessoas em diversos locais do mundo é sobre o consumo estabelecido por elas e entre elas. Diferentes autores, dentre eles Mary Douglas e Baron Isherwood (2013), Canclini (2006) e Barbero (2008) são importantes vozes no diálogo sobre a perspectiva do consumo como uma ação de trocas simbólicas fugindo do estrito utilitarismo, em que os bens são consumidos apenas

como forma de satisfação de demandas específicas.

Corriqueiramente relaciona-se o consumo a gastos inúteis, compulsões irrefreáveis e irracionais. De acordo com Canclini (2006), seria um tipo de desqualificação moral e intelectual, apoiada em sentidos comuns, com o objetivo de fazer com que uma reflexão maciça sobre esse tema inexistisse, evitando um olhar crítico a algo bem mais complexo do que uma “[...] relação entre meios manipuladores e dóceis audiências” (p. 60). Ora, para Canclini (2006), “[...] o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e usos dos produtos” (p. 60).

Os adolescentes e jovens integrantes da família poderosa também fazem parte desse ciclo de consumo cultural, em que também se apropriam de diferentes objetos, formas de se vestir e comportamentos, traduzindo esses usos para as relações que estabelecem entre si e entre outros. Estar e se sentir incluído, nessa perspectiva, é também poder consumir e criar próprias culturas de consumo. Usar o celular, a internet Wi-Fi, ter dinheiro para comprar “créditos” são formas de consumo e de pertencimento.

A partir do momento em que os integrantes da família poderosa têm a possibilidade de acessar os grupos no WhatsApp e permanecer em diálogo, interagindo com todos os que estão ali presentes, eles nutrem sintomas de pertencimento, associando-se e compartilhando informações, evidenciando que uma comunicação somente é eficaz nesse jogo de interações e colaboração entre uns e outros (CANCLINI, 2006).

No entanto, o ato de consumir, principalmente entre os habitantes de periferias urbanas, também pode incomodar outros que não legitimam as lógicas de interação construídas por este público. Um caso bastante recente, com início em São Paulo e que se alastrou por outras cidades brasileiras, é o dos “rolezinhos”. São passeios de grupos em que um número expressivo de adolescentes e jovens, em grande maioria negros habitantes de periferias urbanas, caminham em espaços fechados e controlados de shoppings centers. Tais “rolezinhos” provocaram diversas discussões e embates, a participação expressiva de policiais para conter tais aglomerados, liminares judiciais e uma reflexão complexa acerca das desigualdades e tensões que estruturam uma sociedade tremendamente dividida (TROTTA, 2014).

Os integrantes da família poderosa também realizam o que eles consideram “rolezinhos”. No entanto, o ato de passear, realizado em um primeiro momento em São Paulo nos shoppings centers daquela localidade, foi ressignificado por esses adolescentes e jovens habitantes de periferias urbanas de Fortaleza. Seus “rolezinhos” acontecem primordialmente nas ruas das comunidades onde vivem.

As praças são tomadas por diferentes famílias e equipes também como resultado de “rolezinhos” que eles praticam nessas regiões. Comumente, esses adolescentes e jovens também denominam por “rolezinhos” passeios coletivos de motos e carros também no âmbito dessas periferias. Seria o ato de deslocamento uma forma de chamar a atenção das pessoas da comunidade para a existência de tais famílias e equipes na localidade. Um ato de representar que não corresponde apenas ao reconhecimento de si e do outro que faz parte dessa conjuntura social, mas sim de validação de sua existência perante os habitantes da localidade em que vivem e habitam. Ao final do ato dos “rolezinhos”, os adolescentes e jovens comumente estacionam suas motos e carros em praças anteriormente designadas via WhatsApp para fazer uma grande festa com carros de som.

O último “rolezinho” ao qual participei culminou em um evento chamado “Passeata da Paz” ou “Caminhada da Paz”, puxado por lideranças comunitárias do bairro da Sapiranga e Parque Água Fria. Realizado no dia 19 de novembro de 2015, a passeata teve como público as comunidades dos dois bairros, especialmente o da Sapiranga, que estiveram reunidas em peso clamando por paz na região, após uma onda de assassinatos provocada por justiceiros mascarados na região da Grande Messejana, a Regional VI, matando pelo menos 12 pessoas comprovadamente não envolvidas com atitudes criminosas na região.

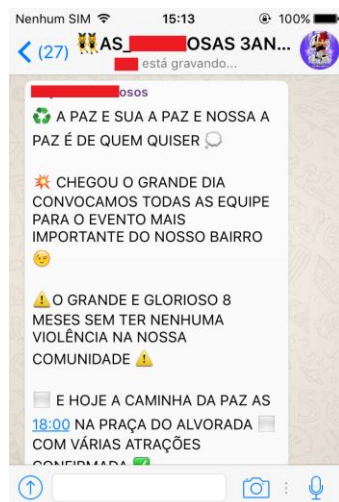
A “Passeata da Paz” movimentou o bairro e trouxe à tona a informação de que a Sapiranga já estaria há oito meses sem nenhum conflito entre gangues, seja por conta do tráfico da região, seja por territórios. Como foi observado em capítulo anterior, as pessoas moradoras de determinados territórios no próprio bairro Sapiranga poderiam colocar a vida em risco se trafegassem em outros territórios. Habitantes do Riacho Doce comumente não trafegavam pela Lagoa Seca e vice-versa, com riscos de retaliação. Muitas pessoas que não eram envolvidas com o tráfico na região acabaram sendo assassinadas por esse toque de recolher forçado. Depois que foi estabelecida a paz entre tais grupos rivais no bairro da Sapiranga, a paz continua permanecendo. E a última passeata foi uma forma de fazer com que a paz estabelecida continuasse na região.

Figura 79 - Flyer de divulgação da Passeata da Paz



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 81 - Início de divulgação da Passeata da Paz no grupo das poderosas



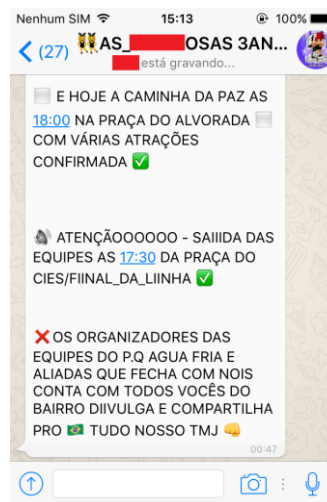
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 80 - Flyer de divulgação da Passeata da Paz



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 82 - Continuação de divulgação da Passeata da Paz no grupo das poderosas



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Sobre a passeata a qual participei, registrei em diário de campo:

Após a chacina da Messejana, que aconteceu na madrugada do dia 12 de novembro de 2015, onde cerca de 19 pessoas foram vítimas de disparos, culminando em mortes, em diferentes pontos da Messejana, dentre eles o Curió e o São Miguel, o medo de novos ataques passou a marcar cada morador da Regional VI, especialmente aqueles que foram mais afetados pelo acontecido. Um aparte antes de dialogar sobre o encontro de famílias e equipes desse dia se faz necessário. Há pelo menos dez meses faço parte do cotidiano desses adolescentes e jovens. Tenho lido diferentes mensagens no whatsapp, conhecido diferentes pessoas que tanto permanecem na minha tela de celular como transbordam e alcançam o ambiente da rua. Diversas vezes pude ler e ouvir o quanto tais jovens estão constantemente próximos da violência e da morte. Não é de hoje que o medo de ser o próximo faz parte do dia a dia desses meninos. Sofro também a cada notícia de morte. Sofro quando alguém relata que viu amigos mortos, seja devido ao tráfico de drogas, seja como vítima de ações policiais no bairro. Na região da Sapiranga, há uma paz específica desde o começo do ano, em que diferentes facções fizeram uma trégua a fim de que ninguém mais das comunidades do entorno morresse. Era difícil transitar

pelo território. Cada vez mais pessoas que não tinham nada a ver com as brigas por território na área eram assassinadas. O que gerou revolta em toda a população do local. Para que a paz acontecesse realmente na localidade, foi necessário que as comunidades se unissem e dialogassem com as facções e gangues locais. Depois da trégua, a paz foi instituída. Esse poder simbólico exercido pelos componentes dessas gangues e facções evidencia um ambiente paralelo com regras próprias. Não adianta entrar em contato com o Estado por meio da polícia e solicitar segurança. A questão aqui não se resolve com o poder coercitivo do Estado. Existem poderes paralelos que fogem dessa compreensão. E a briga por territórios tomou rumos inesperados, até fazer com que a população seja privada de andar livremente pelos locais onde sempre andaram. Diferentes pessoas, em momentos de diálogo nas praças onde pude conhecer cada vez mais famílias e equipes, explicaram que o PCC (Primeiro Comando da Capital) teria vindo para Fortaleza. Isso teria acontecido depois que uma boa parte de seus componentes se sentiu coagida em São Paulo (SP) e precisou se estabelecer em outros locais do Brasil, dentre eles cidades do Nordeste. Essas especulações fazem parte dos diálogos de todos na comunidade da Sapiranga. E por entre essa comunidade pude também perceber os caminhos que as drogas têm encontrado para se manter como fonte de renda por entre diferentes gangues. O poder exercido por essas gangues, como explicado anteriormente, estava fazendo com que a população vivesse em estado de medo constante e insegurança. As fronteiras de passagem foram delimitadas, mas muitas pessoas não sabiam como atravessá-las ou se podiam mesmo correr esse risco. Assim, houve muitas mortes na região. Quando o diálogo da comunidade com essas facções foi estabelecido por meio do movimento “Paz na Sapiranga”, a última coisa que seus moradores poderiam querer seria retornar ao estado de calamidade em que viviam. Com a chacina da Messejana acontecida em novembro de 2015, o pavor de que tudo retornasse a ser o que era antes retornou com tudo, o que fez com que a comunidade organizasse uma “Passeata pela Paz” congregando habitantes locais e simpatizantes da causa, não necessariamente moradores locais. A divulgação do evento se deu potencialmente pelas redes, tais como WhatsApp e Facebook, assim como pelo boca a boca na região. Enquanto isso, diferentes grupos que existiam no WhatsApp, inclusive o grupo geral dos Fabulosos, passaram a receber áudios em grande proporção sugerindo que mais ataques iriam acontecer nas comunidades da Grande Messejana. O compartilhamento dos áudios só fez com que o medo permanecesse. Somente uma grande ação poderia fazer com que, aos poucos, as coisas começassem a serem acalmadas. Ainda no dia 12 de novembro, dia em que aconteceu a chacina, recebi esta mensagem de voz: ‘Boa tarde, aqui é do Curió. Só informando a vocês que, através desse procedimento que está tendo aí da morte desse policial, aqui onde eu estou morando, agora, passou um carro, uma viatura, e o sargento informou que as proximidades de Curió, São Miguel, Messejana, Palmeirinha, à noite, não saíssem de casa que o bicho vai pegar é de noite. Já foram mortos 12 e ele disse que o bicho vai pegar é à noite. O sargento passou aqui na viatura do Ronda e avisou que até os comerciantes daqui, a partir de 18h30min, fechassem seus comércios, que o bicho vai pegar é à noite. Só informando vocês aí’. Uma informação que começou a ser compartilhada era a de que a chacina teria sido cometida por policiais à paisana em retaliação à morte de um dos seus na noite do dia 11 de novembro, em um assalto onde tal policial tentou proteger a esposa. No corpo a corpo com o assaltante, o policial teria sido morto. Não há comprovações de que o assassinato tenha sido cometido por policiais à paisana. No entanto, é certo que todos os assassinados e/ou feridos eram apenas moradores locais e não havia qualquer tipo de envolvimento com o tráfico da região. Poucos dias depois, o próprio Governo do Estado do Ceará divulgou as fichas dos adolescentes, jovens e homens assassinados. O que evidenciou que a motivação do crime não poderia ser relacionada ao tráfico. De toda forma, o medo de que a comunidade da Sapiranga retornasse a ser um local inseguro devido às brigas por fronteiras no tráfico era gigante. Logo na semana do dia 19 de novembro, foram compartilhados pequenos flyers divulgando a passeata da paz na Sapiranga. Todas as famílias e equipes da região foram convocadas a participar. E eu também fui prestigiar o momento e mostrar meu apoio. Além dos flyers, outro convite estabelecido entre os componentes dos poderosos foi um chamamento por parte do próprio Rafa em forma de texto e *emojis* para que os poderosos



comparecessem. A ideia, de acordo com o convite do Rafa no WhatsApp, seria convocar o máximo de famílias e equipes a representarem no momento. Cheguei na praça do Conjunto Alvorada por volta das 19h30min. Todos que compareceram à concentração já tinham seguido a caminhada atrás do trio elétrico, de carros de som, com motos, bicicletas e a pé. Crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, mulheres e crianças seguiram em caminhada até a Praça do Alecrim, uma das paradas da passeata. Como não tinha conseguido participar desde o começo, segui para a praça do Alecrim a fim de pegar uma parte da passeata e seguir com ela. Estava de carro e, no meio do caminho, avistei a Sandra, uma das antigas donas da família poderosa, com uma amiga. Parei e elas seguiram comigo até o Alecrim. Sandra me guiou até a praça do Alecrim porque, como eu estava indo por dentro da comunidade da Sapiranga, ainda não conhecia aquele caminho. Ela até estranhou o fato de eu ainda estar perdida. Quando chegamos à pracinha do Alecrim, o montante de pessoas ainda não havia chegado. Ouvíamos sons de longe, músicas e buzinações. Tentei ligar várias vezes para o Rafa a fim de encontrá-lo. No entanto, devido à barulheira que já estava ouvindo mesmo ainda longe dos carros de som, eu supus que ele não poderia estar conseguindo ouvindo seu celular. Pouco tempo depois as pessoas em caminhada chegaram à pracinha do Alecrim. Pude encontrar vários poderosos e poderosas. Aliás, mais poderosas que poderosos, algo frequente também nos encontros da família. Segui de carro junto a Sandra atrás das pessoas que já estavam em passeata. Logo depois, o trio elétrico parou em uma rua larga da Sapiranga, onde permaneceu com shows, palavras de ordem e testemunhos para as pessoas que seguiram em caminhada até lá. Muito funk, forró e reggae também marcaram aquilo que poderia também ser considerado uma grande festa pela paz. Ao descer do carro, encontrei Niely e fomos as duas até o trio para ver a festa. Niely tem 19 anos e é uma das componentes da linha de frente da família poderosa. Quando a conheci, ela estava ainda apenas conhecendo a família. Em menos de seis meses já estava ocupando um posto alto como puxadora. Diferentes famílias e equipes, trajadas com suas camisas, com seus carros adesivados e faixas expostas também compareceram ao local. A família poderosa, além de utilizar camisas em menção à família, também abriu sua faixa e tirou muitas fotos de sua participação naquele momento. Interessante que a maioria das fotos era sempre dos próprios integrantes da família ou das alianças com outras famílias e equipes que estavam no local. A necessidade de reforçar a participação dos poderosos em espaços como esses só demonstra o quanto estar e fazer parte de algo somente vale se também for registrado e difundido em rede. Continuei ainda durante pouco tempo no local, curtindo o som dos carros parados no perímetro e conversando com algumas poderosas que já conhecia. As fotos com as quais posso contar para o trabalho foram tiradas pelos próprios poderosos e boa parte delas foi enviada a mim pelo próprio Rafael ou foram retiradas do perfil dos poderosos no Facebook, onde eles mantêm diferentes álbuns com registros de diferentes momentos nos quais houve a participação da família.

Para que a passeata acontecesse, foi preciso também que muitas famílias e equipes da região divulgassem o evento em seus grupos de WhatsApp. Além da população moradora que seguiu a passeata, as informações sobre dia, local e horário já estavam bem divulgadas nos circuitos criados via celular. Pedia-se, inclusive, que todos que pudessem compartilhassem ainda por mais grupos, convidando até pessoas moradoras de outras localidades a participarem. Pude registrar algumas fotos da atividade, as quais podem ser percebidas a seguir.

Figura 83 - Registro fotográfico da Passeata da Paz



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 84 - Registro fotográfico da Passeata da Paz



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

Figura 85 - Registro fotográfico da Passeata da Paz



Fonte: Foto de Amanda Nogueira.

A mobilização para a “Passeata da Paz” no bairro da Sapiranga foi um exemplo de como o consumo do celular por entre os habitantes dessas periferias consolidou uma comunicação eficaz, não devendo o consumo ser visto como “[...] mera posse individual de objetos isolados, mas como a apropriação coletiva em relações de solidariedade e distinção com outros, de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens” (CANCLINI, 2006, p. 70).

O potencial midiático da atualidade reforça a necessidade do diálogo crescente acerca dessas formas de interação, de conexões sociais e sociabilidades na sociedade contemporânea também potencializadas pelo consumo de objetos técnicos. Aos poucos, as formas de contrato de interação estabelecidas entre os meios de comunicação, como campos destinatários, e a população, como campo receptor, também cederam espaço a diferentes e novas formas de troca, possibilitadas em grande parte pelo acesso gradual de pessoas habitantes de diversas partes do planeta a diferentes plataformas comunicacionais.

Em entrevista cedida para esta pesquisa, Kelly falou sobre sua relação com as tecnologias, mais precisamente com o celular. Perguntei se ela conseguiria passar tempo indeterminado sem poder utilizar o WhatsApp.

Não. Não consigo. Só se no caso de tudo não tiver internet. Tipo se... que aqui é Wi-Fi, né? Tipo, se o Wi-Fi não tiver pegando, seu eu não tiver dinheiro pra colocar a internet, aí é o jeito. Mas eu fico o dia todinho olhando pra ver se tem internet, se tem um milagre (risos)... Porque é uma tortura pra mim ficar sem WhatsApp. Dizem que vicia e realmente vicia mesmo, viu? (informação verbal).<sup>95</sup>

Pelo que destaca Castells *et al.* (2011), um fenômeno crescente possível de ser verificado na sociedade contemporânea é o de uma certa dependência relacional às tecnologias existentes. Seguindo o diálogo com o autor, poderíamos então compreender que, quando as tecnologias falham, seus usuários tendem a se sentir perdidos por ocasião deste tipo

<sup>95</sup> Entrevista com Kelly, integrante do grupo “Os Poderosos e as Poderosas” no WhatsApp, em junho de 2015.

de dependência. É fato que a criação e o posterior uso acentuado de diversas ferramentas tecnológicas substituíram muitas das funções exercidas majoritariamente por seres humanos, possibilitando cada vez menos esforço para determinadas tarefas e um maior tempo para outras atividades.

No entanto, também devemos refletir se, em verdade, esse sintoma, ao invés de dependência, não poderia ser pensado de outra forma. Essas tecnologias, em especial de informação e comunicação, em seu aspecto relacional, não poderiam ser refletidas também mais como um âmbito de trocas do que como elemento de risco para as relações contemporâneas?

Mesmo citando Castells *et al.* (2011) e sua discussão de que o uso de tecnologias pode causar uma certa dependência, é interessante observar que, na vida contemporânea, o uso de diversas ferramentas tecnológicas não está apenas relacionado às possibilidades de fortalecimento de uma comunicação global. O uso está cada vez mais assíduo em praticamente todas as esferas da vida cotidiana contemporânea, e regressar a um momento de falta ou escassez de acesso é quase impossível.

Convém reforçar que estamos avançando a passos cada vez mais largos na evolução da tecnociência contemporânea (SIBILIA, 2015). A partir dessa percepção, por que permanecer com a visão de que recursos humanos e não humanos são componentes opostos? Por que não pensá-los como parcelas imbricáveis para a manutenção de um novo ambiente de relações? Impulsiona Lemos (2014), nessa discussão, a ideia de que só há recursos híbridos e que o mais sensato seria paramos de tentar purificá-los. Aliás, ainda coadunando com este pensamento, o próprio Lemos (2013) reforça que “[...] não há sujeito sem objeto, nem objeto sem sujeito, e quanto mais temos um, mais temos o outro” (p. 37).

No trecho da entrevista concedida por Kelly anteriormente citado, ela afirma que usa o celular de forma bastante acentuada. A falta de acesso provoca em si uma reação de tortura. E se não houvesse esse intervalo? Se o acesso fosse duradouro e contínuo? Haveria algum sentimento de tortura e percepção de dependência? Outra caixa-preta (LATOUR, 2011) se abre. A desestabilização do uso mostra que sua falta faz mal e adocece. Mostra que há uma necessidade do uso. Ainda pela fala de Kelly, percebe-se o celular como um instrumento contemporâneo essencial em sua rotina diária, em especial quando seu uso é potencializado por tecnologias *wireless*.

Por mais que a compreensão da falta possa ocasionar sentimentos negativos, o objeto técnico celular – ou actante – (LATOUR, 2012) nesse processo não é determinante para os encontros dos integrantes da família poderosa. É certo que tal objeto potencializa os

encontros da família e que desvinculá-lo das relações estabelecidas pela família seria no mínimo errôneo, tendo em vista que não podemos entendê-los como recursos separados nas associações estabelecidas por essa família. No entanto, quando perguntados se a amizade diminuiria ou deixaria de existir caso os usuários perdessem o contato por celular, a resposta era praticamente sempre negativa, até porque em todos os ambientes comunicacionais utilizados pela família poderosa, os encontros acontecem especialmente pela mediação da amizade (BRAGA, 2011).

Com relação a isso, trago um trecho da entrevista que fiz com Verônica, para a qual perguntei como seria a relação entre ela e seus amigos caso não existisse nem o celular e nem o WhatsApp.

Eu acho que a mesma. Quando uma pessoa quer fazer uma amizade e a pessoa num (sic) quer que acabe, a relação pode decorrer do tempo, distância, a relação continua a mesma. Eu tenho amiga que considero como irmã, tem filho e tudo. Eu acho que não morre não. Quando a amizade é verdadeira não morre. Por isso que eu tô (sic) falando que é com o tempo que a pessoa conhece as outras (informação verbal).<sup>96</sup>

Pela fala de Verônica, percebe-se a potência da amizade verdadeira como elo. Amizade que permanece ao passar do tempo independentemente da mediação que aconteça. A partir disso, perguntei também à Bianca, patroa, o que ela considera que une a família poderosa: “[...] Amizade. Algumas das pessoas, curtição. Porque tem algumas mais pra curtir mesmo. É... é isso. Porque se não fosse nem a amizade e nem a curtição, eu acho que isso não existiria” (informação verbal).<sup>97</sup>

Aqui, para Bianca, curtição seria o ato do encontro que acontece semanalmente entre os poderosos e as poderosas. Seriam também os encontros em outras festas de forró que existem pela localidade. Curtição seria um laço, mas não tão duradouro como o estabelecido pela amizade. Também a partir da fala de Bianca, percebo que curtir é participar de um momento junto a amigos e amigas, ou potenciais agentes de afetos, em meio à música e à dança, proporcionando um momento de alegria a todos os presentes, como forma de fortalecimento dessa amizade que já existe ou que necessita desses espaços para começar a acontecer.

Ser ou estar “refém do Wi-Fi” não significa estar desconectado dessas relações estabelecidas pela amizade. Significa estar ligeiramente à parte, mas não totalmente fora. São modos de sair e entrar na vida contemporânea em uma constante multiplicação de dobras,

<sup>96</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

<sup>97</sup> Entrevista com Bianca, patroa da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em setembro de 2015.

tanto pelo uso como pelo não uso de plataformas tecnológicas.

#### **4.5 Ao ser removida [ou como aprendi a não ser]**

Para além dos diversos dispositivos e ferramentas de comunicação com os quais lidamos cotidianamente e a partir dos quais estamos inaugurando novas formas de sociabilidade, o cotidiano permanece permeado por diversos tipos de interações. Aqui, no caso, é necessário reforçar que não podemos pensar em formas excludentes de sociabilidade. Afinal, indivíduos que se relacionem e mantenham interação face a face não necessariamente deixam de fazê-lo se começam a utilizar tecnologias de comunicação e informação também para o fim de interação.

As relações, no entanto, acabam sendo transformadas e as sociabilidades também acabam sendo geradas de formas diferenciadas. A interação independente do ambiente comunicacional onde aconteça, e, em uma perspectiva latourniana, só é completa na medida em que essa ação gera um tipo de estabilização, ou seja, consolidação, mesmo que provisória, da rede de associações (LATOURET, 2012). No caso do grupamento “Os Poderosos e as Poderosas”, existe um contrato pré-estabelecido, mesmo que não diretamente evidenciado, de interação, em que necessariamente os componentes da família devem ir aos encontros presenciais divulgados via WhatsApp e manter presença frequente nos diálogos tecidos por este aplicativo. Quando controvérsias são geradas, há uma quebra na estabilização da forma como as interações entre esses adolescentes e jovens acontecem.

Reforço a discussão sobre controvérsia porque a família “Os Poderosos e As Poderosas” cria constantemente controvérsias e estabilizações, abrindo e fechando caixas-pretas com o intuito específico de manter sua rede de relações e associações. Aqui, no caso, as controvérsias são as remoções e inserções de integrantes no grupamento, seja no WhatsApp, seja no ambiente da praça.

Anteriormente, destaquei que já fui retirada de todos os grupos que a família mantém no WhatsApp, isso me causou estranheza e certo desespero por pensar que poderia estar perdendo espaço perante os poderosos. Nesse primeiro momento, o sentimento de rejeição me marcou bastante, o que me fez refletir sobre como as pessoas que também estão presentes na família lidam com uma possível remoção. Posteriormente, percebi que continuamente somos retirados e reinseridos nos grupos, o que me causou certa tranquilidade por saber que essa prática corriqueira pode ser sanada com um bom diálogo.

No período em que fui retirada pela primeira vez, já não havia participado de pelo

menos dois encontros seguidos e minha interação no WhatsApp estava a desejar. Foram duas semanas em que eu decidi parar de entrar nos grupos da família a fim de identificar a quantidade de mensagens trocadas nesse período. De fato consegui identificar a quantidade de mensagens trocadas<sup>98</sup>, o que me fez perceber o quanto a movimentação dos grupos é grande. Depois que fui removida, procurei, por meio de bate-papo privado pelo WhatsApp com o adm e patrão Rafael, explicar o que havia acontecido. Também neste período em que me ausentei dos encontros na praça, estava passando por uma forte gripe, o que me obrigou a permanecer em repouso.

---

<sup>98</sup> No WhatsApp, quando você passa algum tempo sem entrar no grupo no qual você está inserido, os grupos tendem a indicar automaticamente a quantidade de mensagens enviadas por seus interlocutores.

Figura 86 - Determinado momento de remoção em um grupo



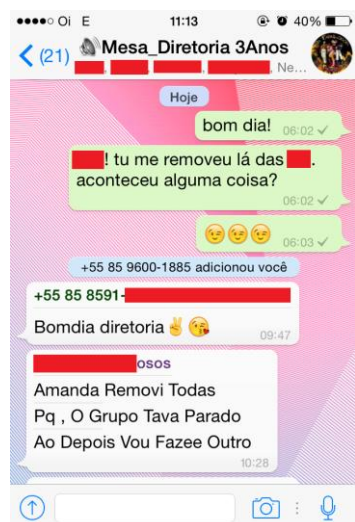
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 87 - Determinado momento de remoção em outro grupo



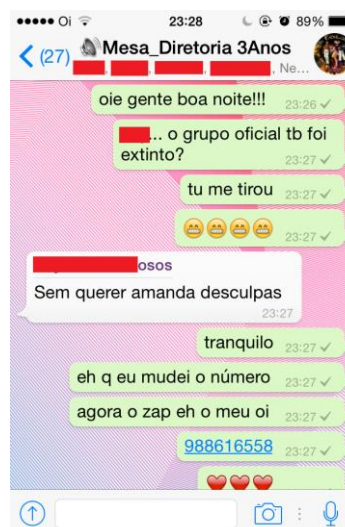
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 88 - Início de diálogo, no grupo da diretoria, em que Rafael justifica a remoção da pesquisadora do grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 89 - Continuação de diálogo, no grupo da diretoria, em que Rafael justifica a remoção da pesquisadora do grupo geral da família poderosa

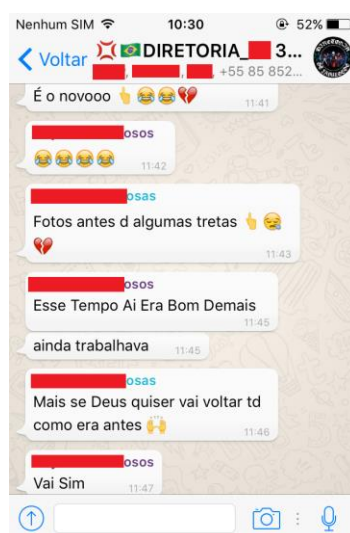


Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Após o diálogo com Rafael, fui reinserida nos grupos. Ele justificou que teria sido um erro de sua parte e que, além de mim, havia também removido vários outros integrantes porque precisava inserir mais pessoas para que interagissem. Como citado, em outro momento, fui novamente removida. No entanto, a justificativa era de que os grupos no WhatsApp não estavam mais tão movimentados, o que motivou Rafael a criar outros grupos e adicionar pessoas novas. Kelly conversou um pouco comigo sobre essa necessidade de interação entre os integrantes da família poderosa nos grupos.

Porque assim ó. Normalmente não tem só a família [nos grupos do WhatsApp]. Ele coloca outras pessoas né? Pra ver se as pessoas gostam do grupo e vêm participar da família. Só que às vezes as pessoas não falam, ficam só olhando. Não falam nada nada nada. Não interage. Então se não interage ele tira quem não tá interagindo e coloca quem quer interagir. [...]. Ele tira assim... Se caso, por exemplo, tá lotado o grupo, que só cabe cem pessoas. Tem três ou quatro pessoas que não falam, não interage ou não falam de jeito nenhum, não quer participar, só quer estar lá mesmo por estar, aí aparece outra pessoa ‘ai eu quero entrar’ ‘quero participar da família’ ‘quero ir pro encontro’, então ele prefere botar a pessoa que quer participar, que a pessoa que não tá falando nada, não tá fazendo a mínima diferença, né? (informação verbal).<sup>99</sup>

Figura 90 – Mensagens no grupo da diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Esta preocupação em fazer com que mais pessoas participem do grupamento é geral, não apenas dos diretores. Todos gostam quando os encontros *geram*. Como já observado anteriormente, as famílias ou equipes que mantêm encontros com muitas pessoas são vistas de forma muito positiva perante suas aliadas. Quando os encontros não *geram*, evidenciam que o grupamento está apático e isso pode mobilizar uma opinião pública negativa acerca da família. Há momentos também de bastante saudosismo em que alguns dos adolescentes e jovens recordam momentos passados em que os encontros tendiam a lotar.

Como citado no parágrafo anterior, encontros com poucas pessoas podem gerar uma ideia negativa de que a família ou equipe não está conseguindo se manter. Integrantes de diferentes grupamentos, além de permanecerem absorvidos nos grupos de WhatsApp de suas famílias originárias, também estão inseridos em meio aos grupos de aliadas. Quando algum

<sup>99</sup> Entrevista com Kelly, junho de 2015.



dos grupamentos demonstra apatia, tende a fazer com que outras famílias e equipes dialoguem sobre este fato, seja por celular, seja nas conversas nas praças. Tal ação pode ocasionar conflitos entre diretores aliados, já que um dos tópicos contratuais indiretos é o apoio integral entre famílias.

Figura 90 - Início de imagens compartilhadas no grupo da diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 91 - Continuação de imagens compartilhadas no grupo da diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 92 - Continuação de imagens compartilhadas no grupo da diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

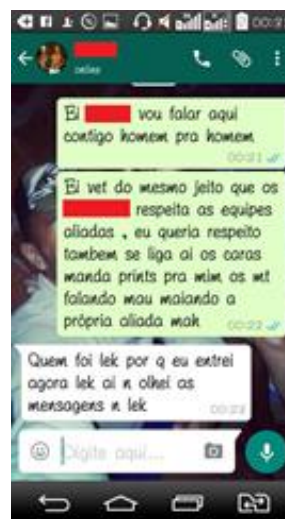
Exemplo desses conflitos ocasionados entre famílias, quando do descumprimento do contrato pré-estabelecido de apoio, foi o que aconteceu entre os poderosos e uma equipe aliada. As imagens anteriores foram *printadas* do grupo de WhatsApp desta equipe aliada. Um dos integrantes da família poderosa estava inserido no grupo e pôde obter os registros da conversa. De acordo com um dos integrantes desta equipe aliada, os poderosos somente estariam convocando sua reunião semanal para uma determinada praça, em um dia diferente do usual promovido pela família, porque estaria pegando carona no encontro de outra família que comumente realiza seus encontros naquele dia e local. O patrão poderoso Rafael ficou bastante aborrecido porque, para ele, o comentário não procedia. Rafael precisou conversar diretamente com um dos diretores da equipe aliada a fim de resolver a situação.

Figura 93 - Diálogo no grupo da diretoria da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 94 - Início de imagens printadas contendo o diálogo entre Rafael, patrão da família poderosa, e um dos patrões de outra família aliada



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 95 - Continuação de imagens printadas contendo diálogo entre Rafael, patrão da família poderosa, e um dos patrões de outra família aliada



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 96 - Continuação de imagens printadas contendo diálogo entre Rafael, patrão da família poderosa, e um dos patrões de outra família aliada



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Após a discussão, os patrões da família poderosa e da equipe aliada entraram em consenso de paz e permanência da aliança em uma reunião pública, na praça do *Imprede*, onde todos os integrantes dos dois grupamentos estavam convidados a participar. Sanadas as confusões, agora os dois grupamentos continuam aliados, colaborando mutuamente para o fortalecimento e crescimento de ambos.

A proposta dos grupamentos é fortalecer essa participação. É fazer com que mais pessoas se interessem em participar, gerando um ciclo sem fim de adesões e remoções com o intuito de que a família nunca pereça. Para isso, pessoas que não estejam participando

ativamente provavelmente precisarão ser removidas, a fim de que deem espaço para quem gostaria de participar ou, minimamente, demonstre isso.

No caso da família “Os Poderosos e As Poderosas”, é também extremamente importante que todos os que frequentam os grupos no WhatsApp frequentem os encontros semanais divulgados, a fim de que continuem representando a família e não sejam retirados dos grupos no WhatsApp para dar lugar a outros, como aconteceu comigo.

Figura 97 - Início de remoção de vários componentes do grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 98 - Continuação de remoção de vários componentes do grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

As imagens anteriores mostram minha remoção e posterior reinserção no grupo geral da família poderosa em uma das vezes em que passei por isso. Não somente eu, mas outras pessoas também foram inseridas no mesmo momento. Percebe-se a felicidade com que os adolescentes e jovens integrantes do grupo recebem os novos adicionados, especialmente pelos *emojis* que sinalizam aprovação e amor. Mais uma vez, a recepção é calorosa como que à espera de que mais amizades sejam construídas.

#### 4.6 Corpo e música: por mais diálogos de gênero

Seja nos encontros tecidos nas praças, seja no diálogo estabelecido pelo WhatsApp, o corpo está presente. Aliás, não podemos desvincular tais dimensões de sociabilidade da concretude do corpo e do poder que ele exerce nas relações. O ser corpóreo não pode ser concebido apenas de forma física e tangível. Ele é também uma construção social imagética e, como tal, percorre os diferentes sentidos do homem contemporâneo.

Perceber o corpo como invólucro e expansão de sensações é também entendê-lo nesse ir e vir potente com o qual estamos lidando nas relações construídas pela família poderosa. O ser humano e, ainda mais seu corpo, nota-se, podem ser compreendidos também

como o produto finalístico de “[...] uma sequência infinita de contingências históricas” (SIBILIA, 2015, p. 137). Nesse sentido, o corpo transborda vivências e repertórios vivenciados por ele e por outros anteriores a ele. Nesse processo não há finitude, há uma permanência e um desvelamento de caminhos que continuam em constante pulsão, abrindo possibilidades para outros corpos e sensações.

O corpo que trafega é intenso em sentidos. Somos parte de uma multiplicidade de conexões que não se satisfazem em uma corporeidade física fechada em contatos face a face. Expomos, também, nossos corpos por entre domínios digitais, compartilhando quem somos, quem gostaríamos de ser e quem seremos a partir de símbolos gráficos e imagens audiovisuais.

Nas praças onde continuamente permaneci em contato com os adolescentes e jovens da família poderosa, percebi o quanto o corpo é utilizado como estratégia de aproximação e desejo. A forma como se vestem, seus comportamentos, as imagens de si que publicam e compartilham nos grupos mostram o quanto o corpo é importante na manutenção de suas relações sociais, seja entre amigos ou potenciais *botes*.<sup>100</sup>

Figura 100 – Figura printada do grupo da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Antes mesmo de os encontros acontecerem, durante a semana, jovens disponibilizam suas imagens nos grupos do WhatsApp como que insinuando uma possível aproximação. Constantemente, integrantes da família poderosa compartilham imagens de si convidando a quem quiser, especialmente do sexo oposto, a conversarem com eles na praça. Tal chamamento público é comum. É uma estratégia de criação de laços. No plano da praça,

<sup>100</sup> Botes são possíveis esquemas amorosos, sendo um terno usado por homens e mulheres. Tem um caráter altamente sexual, remetendo ao bote que as cobras dão em suas vítimas, com o objetivo de comê-las.

os adolescentes reconhecem aqueles que fizeram esse chamamento público. Podem ou não falar, mas a sorte foi lançada.

Há momentos em que a estratégia consolidada resulta em novos amigos. Afinal, nem todo mundo que faz parte dos grupos do WhatsApp se conhece. Isso se dá, principalmente, pela prática corriqueira da diretoria em remover integrantes e agregar novas pessoas, pela necessidade de agregar pessoas que participem e dialoguem, seja nos diálogos dos grupos, seja nas praças. Devido a essa necessidade de renovação, muitas pessoas novas acabam entrando, abrindo possibilidades de relacionamento com os demais membros do grupo. Sobre este assunto, escrevi um trecho em diário de campo, a partir de um encontro realizado na praça do Conjunto Alvorada. Aliás, também neste trecho trago elementos como a dança, sobre a qual irei dialogar posteriormente com mais atenção.

A música rolava solta, saindo de dois carros de som. Eram *funks* e mais *funks* que se tornavam a trilha sonora dos adolescentes e jovens integrantes das equipes. Além deles, também havia os que não integravam família ou equipe alguma, mas mesmo assim permaneciam na festa, dançando e conhecendo novas pessoas. Em momentos como esses, interessados acabam conhecendo os donos das equipes e perguntando se podem entrar no WhatsApp delas. É assim que começa a participação nas famílias. Quanto mais gente melhor. E quanto mais gente ativa tanto no WhatsApp como nos encontros melhor ainda. Ajuda a família a crescer, também perante as outras (informação verbal).<sup>101</sup>

Frequentemente, a intenção dos diálogos nos grupos desembocados nos bate-papos privados é conhecer possíveis paqueras. Aliás, os famosos *botes* muitas vezes começam nos bate-papos privados no WhatsApp para depois se desenrolarem nos encontros nas praças. São estratégias de desejo que fazem pulsar cada encontro. As fotos trocadas, seja no grupo geral, seja no bate-papo privado, estabelecem esse desejo e essa vontade do encontro. E para as integrantes do gênero feminino, isso é ainda mais claro, já que no ambiente da praça elas também estabelecem outras estratégias, como a vestimenta, a maquiagem, a postura e a dança. Podemos pensar tais elementos como fragmentos que se unem ou se dissipam, dependendo das circunstâncias e das formas interacionais geradas.

Cito a dança como estratégia de desejo e de paquera porque frequentemente é a música o grande pano de fundo dos encontros nas praças. Quando há música, há dança. E não é qualquer tipo de dança, são as mais sensuais possíveis, por vezes até o chão, em um sobe e desce frenético, em que o bumbum das meninas vira foco dos olhares dos homens que passam pelo local. As músicas, em praticamente todos os encontros, são provenientes do *funk* e

---

<sup>101</sup> Diário de Campo, outubro de 2015.

trazem um cunho bastante sexual. Há, ainda, músicas criadas por MCs<sup>102</sup> da região especialmente para as poderosas. Por exemplo:

Ela chega na balada  
 Instiga a rapaziada  
 Os cara quer tirar racha  
 Pra ver quem leva pra casa  
 Mas é As Poderosas  
 Que deixa de boca aberta  
 Só tem menina gostosa  
 Só tem menina esperta  
 Deixa elas passar  
 É o bonde das Poderosas  
 Se correr elas te pega  
 Se ficar sei que tu gosta.<sup>103</sup>

Pela música, percebe-se o quanto as poderosas são reconhecidas perante as outras famílias e equipes como meninas fortes, *gostosas* e *espertas*. Aliás, é comum os grupamentos aliados convidarem a família “Os Poderosos e As Poderosas” para diferentes festas justamente pela quantidade de integrantes do gênero feminino e por essa fama de bonitas e espertas que elas carregam. Na música, o cunho sexual pelo qual elas são reconhecidas também fica claro nos trechos “[...] os cara quer tirar racha / pra ver quem leva pra casa [...]”. Mesmo com a vontade de levar as meninas para casa, o rapaz tem que se contentar em apenas vê-las passar, torcendo para ser um possível escolhido, porque “[...] se correr elas te pega / se ficar sei que tu gosta”.

Outro *funk*, criado pelo MC Baltazar<sup>104</sup>, também traz elementos acerca dessa forma de reconhecimento que as poderosas têm perante as outras equipes e famílias.

As Poderosa tão chegando  
 Deixa elas passar  
 Essas menina são top  
 Quero ver tu aguentar

As Poderosa tá passando  
 Essas menina são top  
 Quero ver tu aguentar

As Poderosa aqui chegou  
 deixa ela passar  
 Recalcada não se mexe  
 Se a porrada vai rolar

As Poderosa aqui chegou

<sup>102</sup> Os cantores de rap são conhecidos como rappers ou MCs, abreviatura para mestre de cerimônias.

<sup>103</sup> Funk compartilhado no WhatsApp em março de 2015.

<sup>104</sup> Nome fictício.

deixa elas passar  
 Essas menina são braba  
 Vai que são das Poderosas  
 É o terror das Recalcadas

Vai na bala  
 Ou na bomba  
 Ou então na porrada

Vai na bala  
 Ou na bomba  
 Ou então na porrada

Vai que são das Poderosas  
 É só novinha esperta  
 Recalcada passa mal  
 Vai que vai ficar careca

As mina é braba  
 E esperta  
 Vai ficar careca  
 Vai ficar careca  
 Recalcada passa mal  
 O caminho na travessa.<sup>105</sup>

Enquanto no primeiro *funk* o recado é direcionado aos homens, este segundo é direcionado às mulheres. Evidencia que as poderosas são “brabas”, estão prontas para brigar dependendo da circunstância, e que as recalcadas, ou seja, as mulheres invejosas, devem tomar cuidado ao vê-las passar. De fato, as poderosas são bastante organizadas e unidas, mostrando a todas as outras famílias que umas protegem as outras, e, caso haja problemas, tais como brigas e confusões, elas tomarão partido em conjunto.

Tais *funks* vez por outra são também tocados nos encontros nas praças. Grande parte das meninas dança também essas músicas. Como citado, as músicas com as quais essas meninas lidam em suas performances trazem letras voltadas para a construção de movimentos sensuais e sexuais, além, claro, da própria música que incentiva o lento ou, dependendo da música, o frenético balançar da região da pélvis, sendo a representação do corpo feminino como *locus* primário da sexualidade e do prazer sexual (DE LAURETIS, 1994). O *funk* é o estilo de música normalmente escolhido para animar os encontros nas praças e nas festas. Na praça, os homens demonstram todo o seu desejo ao voltar o olhar para a dança sensual que as meninas protagonizam em via pública. Esse desejo é provocado deliberadamente pelas *performers*.

---

<sup>105</sup> Funk compartilhado no WhatsApp em agosto de 2015.

Figura 101 – Imagem printada do grupo das poderosas



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Tanto o *funk* como o *reggae* são tocados por carros de som presentes nos encontros das praças. Nas divulgações nos grupos de WhatsApp, há também a informação de que os participantes dos encontros poderão contar com carros de som. A música faz parte do cotidiano desses jovens. Nos próprios grupos do WhatsApp, a troca de músicas acontece entre os seus integrantes. Demonstrações de alegria, paixão e até tristeza acontecem pelo compartilhamento de canções. Nos grupos de WhatsApp, os forrós também tomam conta das intenções e dos sentimentos de seus integrantes.

No entanto, é bom frisar que nem todas as meninas dançam no ambiente da praça. Há aquelas que, por estarem namorando ou por não gostarem de tal exibição, não o fazem. É o caso da poderosa Verônica, que, por estar namorando, não dança mais no ambiente da praça.

Se a mulher for solteira, ela pode curtir, eu acho que curtir normal. Como eu fazia, quando tava solteira. Se a mulher for comprometida, eu acho que ela tem que se colocar no papel de fazer sua parte. [...] se a pessoa não for comprometida, faz o que quiser no grupo, não tem falando proibido na testa, não tem falando isso. Então faz o que quiser até porque eu acho machismo muito duma pessoa falar que homem pode fazer isso porque nasceu homem, mulher não pode. Meu filho você quer fuder, eu também quero, então todo mundo vai fazer igual, entendeu? (informação verbal).<sup>106</sup>

Esse trecho da fala da entrevista de Verônica é muito interessante porque resume grande parte do que se vê na praça e a forma como as poderosas lidam com seu próprio corpo. Uma pessoa desavisada, ao chegar a um encontro como esse, poderá ficar chocada pela forma como as meninas utilizam o espaço como palco para suas manobras dançantes. Ora, bem como reforça Verônica, as meninas estão ali para curtir, enquanto pessoas solteiras, e uma

<sup>106</sup> Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.



questão de gênero que tolha o comportamento de um ou outro por conta de sua sexualidade, de acordo com sua percepção, é algo bastante negativo. De toda forma, mesmo entendendo que tanto as mulheres como os homens devem ser vistos como iguais, ela divide as pessoas entre solteiras e namoradas. Estar se relacionando com alguém impediria certos tipos de curtição, como a dança em público. Aqui há um reforço de um caráter monogâmico, visto como um fator limitador para a curtição.

Na família poderosa vê-se também a presença de uma forte discussão de gênero, percebida já na sua autodenominação dividida entre feminino e masculino: “Os Poderosos e As Poderosas”. Importante esclarecer que, para além dessa dicotomia, é necessário perceber que “[...] gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social” (DE LAURETIS, 1994, p. 211).

Em diálogo com os que fazem a família acontecer, seja por parte da diretoria ou mesmo pelos próprios integrantes, é geral uma percepção de que tanto homens como mulheres exercem o mesmo poder de decisão e participam da mesma forma nos ambientes de encontro e discussão. No entanto, ao observar assiduamente como as relações são construídas, percebe-se diferentes condutas e formas de diálogo tecidas essencialmente de forma diferenciada também por representações de gênero.

No processo de conhecimento daqueles que integram a família, ao mesmo tempo que me via por entre ricas construções de sociabilidades e possibilidades de ajuda mútua entre adolescentes e jovens, observava que diversos conflitos entre o ser mulher, o ser homem e, ainda, ser trans, também geravam crises. Aliás, somente a partir dos mais recentes estudos com base na cena *queer*, passa-se a discutir a concepção de gênero em uma perspectiva multi e trans. A ideia é rever o posicionamento inicial nos estudos de gênero em que há um reforço da dicotomia homem/mulher, compreender a pluralidade dos diferentes eixos de gênero, e entender que a compreensão de gênero não deve ser determinada por genitálias (BENTO, 2006).

Na família “Os Poderosos e As Poderosas”, há uma clara divisão de gênero tanto nas funções estabelecidas para os que fazem parte de sua diretoria quanto na forma como as mulheres e os homens são vistos. No caso, são comuns as denominações *novinha* para as meninas e *vetin* ou *vets*<sup>107</sup> para os meninos. Tanto um como outro podem virar *botes* na cena. Percebe-se, a partir do termo *novinha*, também uma profunda aproximação com o machismo presente ao longo da sociedade contemporânea. São adolescentes e jovens vistas como

---

<sup>107</sup> Enquanto *novinhas* são as meninas, as mulheres, os *vets* são os homens, em uma redução do termo “pivetes”.

possíveis botes justamente porque são novinhas e observadas como disponíveis para isso. Ao mesmo tempo que tais componentes da família tecem considerações acerca das igualdades que demarcam os gêneros em seu meio, essas denominações só evidenciam o quanto práticas machistas ainda estão arraigadas nesse processo.

Na família, como discutido anteriormente, existem atribuições específicas dadas pelo patrão Rafael, 17 anos, aos componentes da diretoria do “Os Poderosos e as Poderosas”. Tais atribuições também demonstram uma clara divisão de gênero. As puxadoras, no caso, têm a função de chamar mais pessoas de seus bairros de origem a fazerem parte da família. São escolhidas por serem mulheres e, por isso, exercerem forte apelo perante os que ainda não conhecem a família poderosa.

Quanto às festas, é comum vermos que as mulheres ou não pagam ou pagam menos que os homens. É estratégico, já que, segundo eles, as mulheres são consideradas a “diversão” das festas. Os homens encaram, assim, o papel de financiadores do momento. Exemplo disso é o banner a seguir, de um evento criado por uma família aliada dos Poderosos e divulgado nos grupos de WhatsApp.

Figura 99 - Flyer de divulgação de festa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

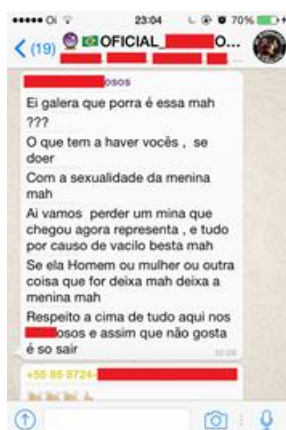
Em toda a pesquisa, até o momento, fui apenas a uma festa: a de comemoração de três anos das Poderosas, logo em março de 2015, no começo da pesquisa. Festa regada a muito álcool, churrasco e som de carro, eram as mulheres que prioritariamente dançavam ao som alto das músicas de funk ostentação<sup>108</sup>. Lá pude perceber também todas essas nuances de gênero.

Para além das crises e ruídos com os quais passei a lidar, em momentos diversos as relações estabelecidas demonstravam aceitação do ser diferente. Aliás, uma das jovens que

<sup>108</sup> Estilo musical de funk originado nos bailes de São Paulo (SP), prega o consumo como prazer. Nas músicas, normalmente as mulheres são taxadas como interesseiras.

frequenta os ambientes comunicacionais gerados pelo grupamento é trans e reconhecida como tal. Um dos momentos de crise envolvendo gênero aconteceu com essa integrante, colocada no centro de brincadeiras justamente por ser trans. Sobre o acontecido, registrei os *prints* no grupo geral da família poderosa.

Figura 100 - Início de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 101 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



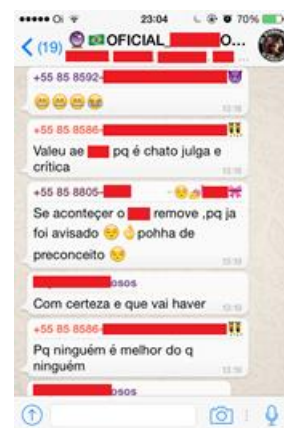
Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 102 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

Figura 103 - Continuação de diálogo no grupo geral da família poderosa



Fonte: Print de Amanda Nogueira

A adolescente em questão é mulher trans e reconhecida como tal entre a família poderosa, no entanto, outros integrantes da família não respeitaram sua identidade de gênero. Vendo que estava sendo vítima de preconceito, ela saiu do grupo. Depois foi recolocada pelo administrador Rafael, que, como seu porta-voz e a reconhecendo como mulher, destacou que não toleraria desrespeitos com ela. Afinal, ela estaria representando, ou seja, estaria participando nos ambientes de encontro da família poderosa, algo necessário para que a família sobreviva. Independentemente de ser mulher, homem ou o que for, de acordo com as

palavras do patrão Rafael, quem atacá-la ou brincar com sua condição terá como punição a expulsão do grupamento. Percebe-se, a partir desse caso, a intolerância com o preconceito na família.

De toda forma, mesmo observando uma certa aceitação com o ser diferente, e particularmente com essa integrante, identifiquei diferentes momentos no WhatsApp em que particularmente jovens com orientação masculina de gênero pronunciavam-se nos grupos compartilhando chacotas e sarros com palavras como “gay”, “viado”, além de imagens altamente abusivas de mulheres trans. O preconceito ainda é bastante naturalizado com as diferentes multiplicidades de gênero, especialmente entre os homens. No entanto, a forma como a família lidou com o caso da jovem trans é bastante salutar para a desconstrução de certas práticas misóginas ainda marcantes não apenas no grupamento mas também na sociedade de forma geral.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizei o quarto capítulo ilustrando as questões de gênero expostas durante meu caminhar pela família poderosa. Apesar de muitas, acabei trazendo algumas específicas que me deram *insights* para novos trabalhos com os quais pretendo começar a trabalhar. Instigou-me na percepção de como essas meninas e meninos se relacionam na perspectiva do reconhecer-se enquanto seres de alteridades. Talvez seja esse o caminho para a próxima etapa que almejo colher. De toda forma, esses são questionamentos para outros capítulos de minha história.

Durante todo o processo de reconhecimento das atitudes e dos territórios de sentidos dos componentes da família poderosa, deparei-me com o novo. Este fenômeno social, como já observei anteriormente, não é recente. Jovens já se articulavam em encontros a partir de outras tecnologias. No entanto, o novo está no reconhecimento das identidades de cada um que faz a família “Os Poderosos e As Poderosas” e nessa forma de organização própria criada e gerenciada por tal grupamento, frequente especialmente nas periferias urbanas de Fortaleza. Cada um mantém histórias de vida que diferem de qualquer outro. E essas histórias também envolvem seus ritos de sociabilidade construídos a partir do relacionar-se com o outro por meio das tecnologias hoje existentes.

Desde o começo da pesquisa, instigava-me a compreender se o celular seria uma plataforma de construção de vínculos. Esse questionamento se baseava em uma resolução moderna de que as tecnologias mais afastam que aproximam, mais absorvem que propiciam novas amizades. Espero ter evidenciado, durante todo o texto dissertativo, que a resposta estava sempre intrínseca à minha fala. Todos os elementos com os quais trabalhei, todas as nuances que resaltei, os sentidos do grupamento que descrevi e o reconhecimento das formas de sociabilidade construídas por esta família mostraram que o celular faz parte sim do cotidiano de diversos jovens no bairro Sapiranga. O acesso gradual às tecnologias e a diversas outras formas de acesso à internet fazem parte da elaboração de si mesmos, sendo um processo realizado cotidianamente. E isso movimenta relações.

Outro aspecto interessante com o qual me deparei durante a pesquisa foi a divisão por gênero que nomeia a família poderosa. Está claro que tanto o bonde feminino como o masculino nutrem diferentes tipos de importância e responsabilidades no grupamento. Como dialogado, há momentos em que um gênero se destaca mais que outro, que as responsabilidades de um são maiores que as de outro, que as funções são também

diferenciadas por gênero, por identidade ou construção social biológica, e que a existência de diferentes identidades de gênero também pode gerar conflito, especialmente por se apresentar como algo novo e ilimitado de significados.

A partir do celular, até eu mesma construí novas amizades neste circuito. Posso reconhecer o próprio Rafael como um amigo que cruzou as fronteiras de minha pesquisa. O meu preocupar-se com ele, se ele estaria bem e a forma como constantemente trocamos mensagens mostraram que mesmo não estando praticamente todos os dias em encontro com ele em sua casa ou praça, o celular nos instigava a trocar experiências e a nos conhecer melhor.

Aliás, nesse sentido, percebo que há esferas de sociabilidade na família poderosa. Nem todos são amigos e amigas. Mesmo que se relacionem e se reconheçam enquanto integrantes dessa família, nomeando-se como poderosos e demonstrando orgulho por sua presença naquele local, existem nichos, pequenos grupos que são construídos e inseridos no âmbito do grupamento. Os relacionamentos se dão a partir do reconhecimento mútuo. E, às vezes, tanto como agregam, tais relacionamentos também direcionam a saída desses componentes da família.

Dentro da família podem surgir outras famílias, como foi o caso da gênese da própria família poderosa. Trata-se de incubadoras para novas famílias e equipes, o que evidencia um eterno desenrolar-se de novas sociabilidades e construções sociais. E o processo de construção, desconstrução e reconstrução de vínculos é muito efêmero, sendo uma característica essencial a ser discutida especialmente para as relações construídas entre as juventudes contemporâneas.

Não apenas as amizades, mas também os namoros se espriam nesse sentido. O amor e o desejo são parte intrínseca ao desenrolar dos envolvimento afetivos da família. Tanto é que, durante a pesquisa, ouvi muitas vezes que as poderosas e os poderosos são para namorar, enquanto outras famílias são apenas para uma ou outra vez de encontros amorosos inconstantes. E esse reconhecimento também se tornou inconstante porque, em determinadas vezes, devido à grande participação das adolescentes e jovens nos circuitos de encontros promovidos pelas famílias aliadas, suas atitudes enquanto meninas com responsabilidades específicas determinadas pela família e que promoviam, muitas vezes, o próprio grupamento perante os outros, alterou o sentido com que outras famílias as reconheciam.

Suas atitudes enquanto gerenciadoras da família fizeram com que diferentes meninos as vissem como meninas apenas de encontros casuais e não de namoros. Isso me mostrou que estar nas famílias e mostrar peso, em participação direta na construção de sua

diretoria, é uma faca de dois gumes no desenvolvimento das relações amorosas. Se ficarem quietas, elas são percebidas como potenciais possibilidades de namoro. No entanto, se passarem a se envolver mais na construção da família e no fortalecimento da imagem do grupamento perante os outros, passam a ser reconhecidas como fáceis. Este circuito é cruel especialmente com as jovens, o que fez com que uma determinada quantidade de meninas de diferentes grupamentos construísse uma própria organização apenas de mulheres neste âmbito de encontros. No entanto, isso é história para outro momento, o qual almejo colher e refletir ainda mais.

Outro questionamento com o qual me ative no começo da pesquisa partia do pressuposto de que as relações eram construídas organicamente pelo uso das tecnologias. A partir do reconhecimento dos atores e atrizes com os quais estive envolvida, observei que tais relações também são de poder, que as negociações são complexas e as amizades também fazem parte deste circuito. O reconhecer-se no outro passa também pelo doar-se pela família. Fazer parte e se sentir parte está diretamente relacionado à adesão ao conjunto de normas criado pela família para participação nela. A espontaneidade dá lugar ao condicionamento de participação. E, quando perguntados sobre isso, se o grupamento sobreviveria sendo espontâneo, sem qualquer tipo de norma ou diretoria, não obtive resposta.

O formato de participação dos componentes da família poderosa não é constantemente refletido pelos que participam do grupamento. Já faz parte da forma como se relacionam entre si os códigos e as normas construídas para esta sociedade específica. A organicidade e a espontaneidade nas relações dão espaço, muitas vezes, à obrigação de “representar” e comparecer à família. A partir do momento que isso não faz sentido, além da saída do grupamento, há também um esfacelamento de algumas relações de amizade. Ora, por que códigos para a construção de vínculos? Por que não são construídos por si? Observo que as normas promovidas por eles de alguma forma substituem as normas familiares consanguíneas, que muitas vezes não estão presentes em seus cotidianos. E esses sentidos de pertencimento estão em constante movimento.

Também é elementar para este trabalho o reconhecimento de que os sentidos de organização do grupamento estão diretamente relacionados à necessidade de proteção mútua dos componentes. A maior parte deles lida com uma realidade de massacre e extermínio das juventudes. Eles são vítimas, especialmente os homens, de batidas policiais vexatórias. São vítimas também do tráfico que circunda as regiões onde moram. Quando se organizam enquanto família, tentam possibilitar uma forma de respiro em meio ao caos. Um respiro que não enseja agregar problemas.

A morte também é um dos fatores de permanente contato entre tais jovens. Constantemente, em meu rito de busca por assuntos e temáticas corriqueiras no WhatsApp e na praça, soube de fatos em que determinados jovens foram assassinados. E isso causava comoção geral, fazendo com que se trocasse o nome do grupamento na plataforma digital pelo nome da vítima, realizando uma homenagem bonita para ela. Foi difícil não me emocionar com cada choro e por cada vítima. Jovens que integravam as famílias, que tinham ânsia de futuro e que tiveram suas vidas ceifadas. No entanto, também foi incrível perceber a capacidade de resiliência com a qual o grupamento lida. A morte faz parte do cotidiano desses jovens e sua vida não para. Continua-se a homenagear o amigo ceifado, mas a vida não pode parar.

Importante destacar que faz parte desse processo de pesquisa pensar com o que discutir posteriormente, quais nuances surgem neste trabalho que podem dialogar com outro que provavelmente me incumbirei de realizar. Espero permanecer em diálogo com a família poderosa e outras que porventura venham a surgir neste eterno diálogo sobre as juventudes circundantes. Almejo permanecer em contato, em constante aprendizado, identificando suas alteridades e sentidos, buscando as formas de pertencimento de mundo e os sentidos construídos nas relações que estabelecem. Almejo ainda identificar, como exposto logo no começo dessas considerações finais, como as questões de gênero permeiam, ainda mais a fundo, essas conexões tecidas, já que este circuito está totalmente imbuído de questionamentos acerca desses elementos. Faz parte o olhar carregado quanto aos aspectos de gênero que surgem dessas relações. Na contemporaneidade, em que olhares estão cada vez mais voltados para esta perspectiva, nada mais elementar que seguir este rumo que a mim está se demonstrando ser tão caro para esta pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. *In: NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (Org.) Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação.* São Paulo: Loyola, 2006. p. 49-80.
- ARAGAKI, S. S.; LIMA, M. L. C; PEREIRA, C. C. Q.; NASCIMENTO, V. L. V. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. *In: SPINK, M. J. P. et al. (Org.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, v. 1, p. 149-156.
- BARBALHO, A. **A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia.** Fortaleza: EdUECE, 2013.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1997. v. 1.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOLAÑO, C. R. S. **Campo aberto: para a crítica da epistemologia da comunicação.** Aracaju: Edise, 2015.
- BRAGA, A. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. **Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, n. 9, p. 95-104, ago./dez. 2011.
- CAMPOS, R. **Porque pintamos a cidade? Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano.** Lisboa: Fim de Século, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CASTELLS, M. *et al.* **Mobile communication and society: a global perspective.** Cambridge: The MIT Press, 2011.
- CORDEIRO, M. P.; CURADO, J.; PEDROSA, C. Pesquisando redes heterogêneas: contribuições da teoria ator-rede. *In: SPINK, M. J. P. et al. (Org.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.
- CORDEIRO, M. P.; FREITAS, T. R; CONEJO, S.; DE LUIZ, G. M.. Como pensamos ética em pesquisa. *In: SPINK, M. J. P. et al. (Org.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, G. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DIÓGENES, G. Signos urbanos juvenis: rotas da piXação no ciberespaço. **Cadernos de Campo**. v. 22, n. 22, p. 45-61, 2013.

\_\_\_\_\_. **Cartografias da cultura e da violência**. São Paulo: Annablume, 2008.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I; SHAW, L. L. Notas de campo na pesquisa etnográfica. **Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais**. n. 7, p. 355-383, 2013.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza**. Disponível em: <[http://www.fortaleza.ce.gov.br/sites/default/files/u2015/25.02.2014\\_-\\_pesqui\\_sa\\_finaliza\\_da.pdf](http://www.fortaleza.ce.gov.br/sites/default/files/u2015/25.02.2014_-_pesqui_sa_finaliza_da.pdf)>. Acesso em 13 out. 2015.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

HINE, C. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. IPECE Informe, n. 42, out. 2012. **Tema VII: distribuição espacial de renda**. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/informe%2042-ultimaversao.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

JANOTTI JÚNIOR, J. S. Mídia, cultura juvenil e *rock and roll*: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DE LAURETIS, T. A Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEMONS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2014.

\_\_\_\_\_. A comunicação das coisas. Internet das coisas e teoria ator-rede: etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia. *In*: PESSOA, F. (Org.). **Cyber arte cultura: a trama das redes**. Rio de Janeiro: Museu Vale, 2013, p. 18-47.

\_\_\_\_\_. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LISBOA, C. Quem tem amigo nunca está sozinho? Ou antes só do que mal acompanhado? Relações de amizade: fatores de risco e proteção. *In*: HUTZ, C. S.; DE SOUZA, L. K. (Org.). **Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MARCONDES FILHO, C. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2012

MARGULIS, M. **Sociologia de la cultura: conceptos y problemas**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Humanitas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José F. Campos Fortes. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

MAUSS, M. Relações Reais e Práticas entre Psicologia e Sociologia. *In*: MAUSS, M. (Org.). **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. v. 1, p. 177-206.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. *In*: SPINK, M. J. P. *et al.* (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

MOTTA, Alda Britto. A juvenilização atual das idades. **Caderno Espaço Feminino**. v. 25, n. 2, jul./dez. 2012.

MOURA, R.; ULTRAMARI, C. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NOBRE, J. C. A.; PEDRO, R. M. L. R. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Cadernos UniFOA**, n. 14, p. 47-56, dez. 2010.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

POLIVANOV, B. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Conceitos. **Esfera**. n. 3, p. 61 – 71, jul./dez. 2013.

PRADO, M. A. M. Movimentos sociais e massa: identidades coletivas no espaço público contemporâneo. *In*: MAIA, R.; CASTRO, M. C. P. S. C. (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

REVEL, J. Microanálise e construção do social. *In*: REVEL, J. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REZENDE, C. B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**. v. 8, n. 2, p.69-89, 2002.

RIFIOTIS, T. Duas ou três coisas sobre elas, as comunidades virtuais. *In*: RIFIOTIS, T. *et al.* **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

RITTER, C.; FIRKOWSKI, O. L. C. F. Novo conceitual para as periferias urbanas. **Revista Geografar**. Resumos referentes ao VII Seminário Interno do Programa de Pós-Graduação em Geografia / UFPR, Curitiba, 2009.

SÁ, L.; NETO, J. P. S. Entre tapas e chutes: um estudo antropológico do baculejo como exercício de poder policial no cotidiano da cidade. **O público e o privado**. n. 18, p. 147-163, jul./dez. 2011.

SANTAELLA, L. O DNA das redes sociais digitais. *In*: BARBOSA, M.; DE MORAIS, O. J. (Org.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: Intercom, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DA SILVEIRA, F. L. Outros grafites, outras topografias, outras medialidades. *In*: CAMPOS, R.; BRIGHENTI, A. M.; SPINELLI, L. (Org.). **Uma cidade de imagens**: produções e consumos visuais em meio urbano. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A natureza sociológica do conflito**. *In*: MORAES FILHO, E. (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

DE SOUZA, L. K.; GAUER, G. Uma história do conceito de amizade. *In*: HUTZ, C. S.; DE SOUZA, L. K. (Org.). **Amizade em contexto**: desenvolvimento e cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

SPENGLER, O. **O homem e a técnica**. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

SPINK, M. J. P.; FREZZA, R. M. Práticas Discursivas e Produção de Sentido. *In*: SPINK, M. J. P. *et al.* (Org.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de Sentido no Cotidiano. *In*: SPINK, M. J. **Práticas de sentidos e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TELLES, V. S.; CABANES, R. **Nas tramas da cidade:** trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

VENTURINI, T. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science.** v. 19, n. 3, p. 258-273, may. 2010.

DE CASTRO, E. V. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Novos Estudos.** n. 77, p. 91-126, 2007.

\_\_\_\_\_; DE ARAÚJO, R. B. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. *In:* VELHO, G. (Org.). **Arte e sociedade:** ensaios de Sociologia da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WOLTON, D. **Internet, e depois?:** uma teoria crítica das novas mídias. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.